

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS

**SIMILARIDADES E DIVERGÊNCIAS: AS RELAÇÕES ENTRE A AÇÃO
INTEGRALISTA BRASILEIRA, A LEGIÓN CIVICA ARGENTINA E OUTROS
MOVIMENTOS NACIONALISTAS ARGENTINOS DURANTE A DÉCADA DE 1930**

DANIELA MORAES DE ALMEIDA

MARINGÁ
2014

DANIELA MORAES DE ALMEIDA

**SIMILARIDADES E DIVERGÊNCIAS: AS RELAÇÕES ENTRE A AÇÃO
INTEGRALISTA BRASILEIRA, A LEGIÓN CIVICA ARGENTINA E OUTROS
MOVIMENTOS NACIONALISTAS ARGENTINOS DURANTE A DÉCADA DE 1930**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha

MARINGÁ
2014

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Almeida, Daniela Moraes de.

Similaridades e divergências : as relações entre a Ação Integralista Brasileira, a Legión Cívica Argentina e outros movimentos nacionalistas e argentinos durante a década de 1930 / Daniela Moraes de Almeida. - Maringá, PR, 2014.
101 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: João Fábio Bertonha.

Dissertação (Pós-graduação) – Universidade Estadual de Maringá.

Inclui bibliografia.

1. Integralismo – Brasil. 2. Integralismo – Argentina.

I. Bertonha, João Fábio. II. Universidade Estadual de Maringá.
III. Título.

CDD
320.533

DANIELA MORAES DE ALMEIDA

**SIMILARIDADES E DIVERGÊNCIAS: AS RELAÇÕES ENTRE A AÇÃO
INTEGRALISTA BRASILEIRA, A LEGIÓN CIVICA ARGENTINA E OUTROS
MOVIMENTOS NACIONALISTAS ARGENTINOS DURANTE A DÉCADA DE 1930**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Athaides
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof. Dr. Angelo Piori
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. João Fábio Bertonha
Universidade Estadual de Maringá - UEM

MARINGÁ
2014

Aos meus pais, Antônio e Nilvia.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não poderia ser realizada sem a imprescindível ajuda de algumas pessoas e instituições que colaboraram diretamente para sua produção e cabe aqui os meus agradecimentos.

Primeiramente, ao Prof. Dr. João Fábio Bertonha, que contribuiu imensamente e de maneira essencial para a realização deste trabalho por meio de sua exímia orientação indicando leituras, apontando lacunas e corrigindo erros, além do empréstimo de várias obras de sua biblioteca pessoal, as quais foram fundamentais.

À Capes, pela disponibilização de um bolsa de estudos que me possibilitou, no último ano, uma maior dedicação ao trabalho.

À Fundação Araucária de Apoio a Pesquisa no Estado do Paraná pelo financiamento do projeto “O Integralismo Brasileiro e o Cone Sul: relações transnacionais e rivalidades políticas”, que me proporcionou viajar a Argentina e Uruguai na busca por fontes da pesquisa, algo fundamental.

Às equipes de trabalho do Centro de Documentação e da Biblioteca da Universidade Estadual de Maringá e aos funcionários das Bibliotecas Nacionais do Uruguai e da Argentina.

Aos professores e colegas da graduação e mestrado, pelos ensinamentos e trocas de experiências.

Aos amigos uruguaios Letícia Lorier e Alberto Blanco que, tão generosamente, se dispuseram a ajudar em minha estadia na capital uruguaia, bem como à amiga e historiadora Raísa Marques pela indicação de livros e pela ajuda fundamental durante as viagens.

E por fim, ao historiador, amigo e companheiro de todas as horas, Victor Raoni de Assis Marques, que esteve presente em todas as etapas deste trabalho e colaborou de maneira fundamental para que eu pudesse alcançar meus objetivos. E aos meus pais que, com muito esforço, carinho e dedicação puderam me proporcionar uma educação de qualidade e a realização do meu desenvolvimento e aperfeiçoamento acadêmico.

A todos vocês, o meu sincero *Muito Obrigada!*

RESUMO

A presente pesquisa compreende os movimentos de extrema-direita surgidos no Brasil e na Argentina durante o período entre guerras, enfatizando a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a *Legión Cívica Argentina*, nos respectivos países. Por meio da imprensa, esses movimentos propagavam sua ideologia e doutrinavam seus membros tendo como base o nacionalismo de cunho fascista. Entre os principais jornais utilizados por esses grupos estão o *A Offensiva* (órgão oficial da AIB), no Brasil, e *Crisol*, *Bandera Argentina* e *La Fronda*, na Argentina. Em suas páginas, retratava-se intensamente a situação internacional do período, bem como a ascensão do fascismo e os demais movimentos nacionalistas existentes. A partir da análise desses jornais, pretende-se estabelecer, por meio da história comparada e transnacional, a identificação dos tipos de relações mantidas entre os movimentos de forte semelhança ideológica desses países vizinhos do Cone Sul.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira. Legión Cívica Argentina. Extrema-direita. Fascismo. Imprensa.

ABSTRACT

This research comprehends the far right movements emerged in Brazil and Argentina during the interwar period, emphasizing the Ação Integralista Brasileira (AIB) and *Legión Cívica Argentina* in their respective countries. Through the press these movements propagated their ideology and indoctrinated its members based on the nationalism of fascist nature. Among the major newspapers used by these groups are *A Offensiva* (official organ of the AIB) in Brazil and *Crisol*, *Bandera Argentina* and *La Fronda* in Argentina. In its pages is deeply portrayed the international situation of the period and the rise of fascism and the other existing nationalist movements. From the analysis of these papers it is intended to establish through transnational and comparative history, identifying the types of relationship between both countries and the strong similarity and ideology in the Cone Sul neighbourhood.

Keywords: Ação Integralista Brasileira, Legión Cívica Argentina, Far-right, Fascism, Cone Sul, Press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - O CONTEXTO HISTÓRICO E AS ORGANIZAÇÕES DE EXTREMA-DIREITA DO BRASIL E DA ARGENTINA	15
1.1. A Conjuntura no Brasil e a Ação Integralista Brasileira	17
1.2. A Conjuntura na Argentina, a <i>Legión Cívica</i> e os demais movimentos	28
CAPÍTULO II - OS JORNAIS COMO FONTE: INSTRUMENTOS DE PROPAGANDA E DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL E NA ARGENTINA.....	46
2.1. A imprensa integralista e o periódico <i>A Offensiva</i>	47
2.2. Os periódicos argentinos: <i>Bandeira Argentina</i> , <i>Crisol</i> e <i>La Fronda</i>	53
CAPÍTULO III - OS DIÁLOGOS ENTRE O INTEGRALISMO E A EXTREMA-DIREITA ARGENTINA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	62
3.1. Os diálogos internacionais da AIB e o nacionalismo de cunho fascista argentino nas páginas de <i>A Offensiva</i>	65
3.2. O integralismo brasileiro sob a ótica dos jornais argentinos: <i>La Fronda</i> , <i>Crisol</i> e <i>Bandera Argentina</i>	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

A inédita e conturbada conjuntura global, originada no pós-Primeira Guerra Mundial em 1918, proporcionou o surgimento e o desencadeamento de algo jamais visto na História. Para João Fábio Bertonha, o desabamento das antigas monarquias, o florescimento cultural, político e social na Europa, bem como os efeitos negativos ocasionados pela Grande Guerra levaram ao surgimento de uma grande agitação por todos os cantos do mundo (BERTONHA, 2009).

Entre as grandes transformações geradas no pós-guerra está o colapso do liberalismo. Assim, tal como é apontado por Eric Hobsbawm (1997), os valores liberais mais disseminados pelo globo, como o compromisso com um governo constitucional de que garantisse o domínio da lei e um conjunto aceito de direitos e liberdades dos cidadãos, que antes eram tidos como norteadores para o desenvolvimento da sociedade, passaram a ser amplamente questionados. No entanto, é imprescindível observar que, mesmo antes da Primeira Guerra Mundial, valores antiliberais já estavam em voga. Ao final do século XIX, muitas das premissas do Iluminismo eram rechaçadas, premissas estas que vão muito além dos valores econômicos do liberalismo (PAXTON, 2007).

O período entre guerras, portanto, foi marcado por uma intensa conturbação política. Em todo o mundo, governos foram derrubados em uma impressionante guinada à direita, culminando, inclusive, na ascensão de movimentos fascistas. Durante os anos pós-conflito, a democracia liberal perdeu espaço e movimentos de extrema-direita se espalharam não apenas pela Europa, mas também pelo resto do mundo, como na América Latina. Com a ascensão destas forças, observa-se que a ameaça concreta às “instituições liberais vinham da direita política” (HOBSBAWM, 1997, p.115).

A Crise de 1929 acrescentou contornos ainda mais dramáticos a esta conjuntura e contribuiu para o fortalecimento do fascismo enquanto uma possibilidade real para a solução dos enormes problemas gerados por este acontecimento em grande parte do planeta. Assim, a Grande Depressão contribuiu para fortalecer o discurso nazista na Alemanha e, em consequência, para a ascensão de Hitler ao poder.

Desta forma, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pelo acirramento das tensões e pela ascensão de governos e movimentos autoritários e extremamente nacionalistas que começaram a pulular pelo continente europeu e, rapidamente, seus ideais radicais se difundiram por todas as partes do mundo. Entre os governos com estas características destacaram-se dois: o fascismo italiano de Benito Mussolini, tido como a gênese dos demais

fascismos, e o nazismo alemão de Adolf Hitler, que pode ser visto como o ápice deste sistema político, devido ao poder que atingiu e às graves consequências que provocou.

Na América Latina, ainda bastante influenciada pela política e ideologia do Velho Continente, houve o surgimento e ascensão de governos nacionalistas e autoritários e de movimentos políticos com características fascistas. Estes ideais foram introduzidos na região primeiramente por meio das inúmeras colônias de imigrantes que vinham se estabelecendo, como a alemã, espanhola e principalmente a italiana.

Mais especificamente no Brasil, esta ascensão dos ideais nacionalistas e de extrema-direita foram impulsionados pelas transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais o país passava. Entre o final do século XIX até a década de 1930, houve no Brasil uma intensa disputa por poderes, patrocinada pelas oligarquias estaduais, bem como uma forte onda de modificações no governo. Este cenário culminou com a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência, derrubando a oligarquia paulista do poder e permanecendo no poder por quase duas décadas.

Fatores como o aumento considerável da população, a expansão da industrialização e da urbanização, o crescimento da classe burguesa, o aumento do operariado, entre tantos outros, levaram direta ou indiretamente à contestação do sistema governamental oligárquico instituído no país.

Portanto, tendo em vista essa conturbada conjuntura no Brasil, pode-se compreender que, apesar da influência das colônias, também se desenvolveu no país movimentos nacionalistas de cunho fascista, como a Ação Integralista Brasileira (AIB), tida como o maior partido fascista fora da Europa. Outros movimentos semelhantes também se desenvolveram pela América Latina, como é o caso da *Legión Cívica Argentina*, da *Acción Revisionista del Uruguay*, do *Movimiento Nacional-Socialista* no Chile, bem como no México, Paraguai, entre outros.

O surgimento desses movimentos nacionalistas no âmbito fascista mereceu diversos estudos. Na Argentina, conforme Helgio Trindade, a tradição duradoura de movimentos nacionalistas, considerados de extrema-direita teve grande chance de evoluir para o fascismo, em meados da década de 1930. Porém, “o que predominou foi a tradição de pequenos grupos nacionalistas de caráter militar ou integristas católicos” (TRINDADE, 2004, p. 22). Ainda assim, parte do nacionalismo argentino pode ser classificado como fascista devido a diversos fatores, como sua relação com fontes ideológicas fascistas e seus contatos com grupos e agentes desse movimento europeu, bem como a elaboração de projetos para a sociedade argentina similares ou próximos aos objetivos fascistas.

Um fator relevante e que auxiliou o desenvolvimento destes grupos foi a utilização da imprensa escrita. Por meio dela, os ideais políticos e sociais destes movimentos em formação se difundiam pela sociedade, o que engrossava as fileiras de apoiadores, como também consolidava a ideologia pregada. Esse veículo de grande importância e necessidade foi usado amplamente a nível nacional, mas também a nível internacional, o que possibilitava diálogos e trocas de experiências entre estes “irmãos de ideias”.

No Brasil, a organização nacionalista mais completa na época, a AIB, difundia seus ideais por meio de inúmeros jornais e revistas, chegando a utilizar também o rádio. Contudo, foi o jornal integralista *A Offensiva*, órgão oficial do movimento, que mais contribuiu para a disseminação de sua ideologia, devido a sua longa duração (1934-1938), se comparada com os demais periódicos, bem como à sua quantidade e abrangência, já que se tornou um informativo diário e que podia ser encontrado, praticamente, em todo o território.

Já na vizinha Argentina, os movimentos nacionalistas parecem não ter tido um órgão oficial de divulgação como a AIB. O principal grupo nacionalista de cunho fascista da década de 1930, a *Legión Cívica Argentina*, não possuía um periódico como o *A Offensiva*, mas propagou seu pensamento, principalmente, por meio do jornal *Bandera Argentina*. No entanto, os princípios fascistas e nacionalistas também podiam ser encontrados, em maior ou menor grau, na mídia impressa em geral. Assim, jornais de difusas características, sejam elas nacionalistas, cristãs ou políticas, como o *Crisol*, *La Fronda*, *Criterio*, entre outros, acabaram por se tornar, muitas vezes, porta-vozes dessa ideologia que cada vez mais se firmava na América Latina.

Importantes historiadores, como René Gertz, Helgio Trindade, Sandra Deutsch, José L. B. Beired, João Fábio Bertonha, entre outros, se dedicaram ao estudo das particularidades destes movimentos nacionalistas de caráter fascista e atualmente seus estudos já atingiram um considerável nível de desenvolvimento. A vasta produção destes pesquisadores revela um grande volume de informações acerca da história destes grupos, bem como de sua inserção nas sociedades em que atuaram, seus fracassos e sucessos.

O presente estudo, porém, enfoca as relações entre estes movimentos no campo do diálogo internacional, com o objetivo de contribuir para o melhor conhecimento da extrema-direita na região e na análise de seus relacionamentos e interligações. Pouco se sabe, por exemplo, sobre a visão que cada movimento exercia sobre o outro ou se houve algum tipo de união prática entre estes grupos.

Esta questão sobre os relacionamentos existentes entre estes diferentes grupos nacionalistas, mas que mantinham uma mesma essência ideológica, nos parece um foco

interessante para análise, levando em consideração um dos aspectos mais interessantes destes grupos: o nacionalismo exacerbado. Essa característica poderia ser um obstáculo nas relações entre estes movimentos. A peculiaridade desta situação pode ser mais bem descrita pela historiadora Jaqueline Tondato Sentinelo, que em relação à AIB afirma:

Um elemento que pode ser vinculado ao caráter nacionalista da AIB é a crítica aos elementos estrangeiros. Para o Integralismo, a nação deveria ser defendida da influência destes elementos ao mesmo tempo em que as características nacionais deveriam ser valorizadas pelos integralistas. A história e a cultura do povo – língua, costumes, folclore, literatura, etc. – deveriam ser recuperadas para a construção de uma nação forte e livre da influência estrangeira. (...) O internacionalismo, especialmente ligado ao materialismo, representado tanto pelo liberalismo quanto pelo comunismo, ainda segundo a doutrina da AIB, era prejudicial à unidade nacional, e, por isso, deveria ser combatido (SENTINELO, 2011, p. 75).

Ainda neste sentido, como João Fábio Bertonha também evidencia, o nacionalismo presente nestes grupos seria motivo de aproximação, visto que era um sentimento comum a todos estes movimentos, mas, ao mesmo tempo, poderia significar um fator da ruptura de laços entre eles (BERTONHA, 2008).

Diante do exposto, fica evidente que muitas questões se abrem no que se refere ao tipo de relacionamento entre estes movimentos, tornando necessária uma análise mais profunda sobre os grupos destes países que estão no centro deste estudo, a saber: Brasil e Argentina.

Assim, baseando-se nos citados jornais e revistas de difusão das ideias destes movimentos e na bibliografia existente sobre este assunto, a presente pesquisa visa colaborar para ampliar o horizonte de conhecimento sobre esse tema pouco explorado na historiografia dos movimentos de extrema-direita latino-americanos, bem como investigar a forma como estes relacionamentos se desdobraram ao longo de toda a década de 1930.

Tal análise será realizada com base na metodologia da história transnacional e da história comparada. A primeira é relativamente nova, no entanto, pode ser de grande valia para o estudo aqui proposto, enquanto que a segunda já é mais conhecida entre os historiadores.

Em um estudo como este, utilizar comparações é extremamente necessário para ampliar a capacidade de entendimento destas organizações. Este recurso é algo frequente em diversos trabalhos, contudo, é necessário ter muito cuidado com algumas importantes questões, como o que é passível de comparação e em que tempo. Realizar comparações sem esse mínimo de cuidado nos levaria a avaliações equivocadas ou sem um critério científico.

Entretanto, a história comparativa nos permite superar barreiras nacionais e, assim, facilita a construção de uma história que integre diversos países ou temas (BERTONHA, 2008), o que é o nosso caso.

O historiador espanhol Ignácio Olabárrri Gortázar defende o uso deste referencial metodológico como uma forma de estar alerta para outras variantes relacionadas ao objeto em estudo. No artigo “Qué historia comparada”, Gortázar discorre sobre o assunto e contribui para o debate sobre este tema. Em um trecho do citado artigo, Gortazar destaca:

Mirar otros casos es ver otras paisajes ser consciente de otras posibles alternativas. La comparación es, ya desde el comienzo, el mejor medio de evitar la ceguera que nos impide que, en nuestro medio parece obvio, pueda verse como un problema no resuelto (GORTÁZAR, 1992-93, p. 57).

Outro referencial metodológico aqui utilizado está no âmbito da história transnacional, que contribui para ultrapassar a lógica nacional das historiografias de cada país. João Fábio Bertonha defende o uso da história transnacional para o estudo do fascismo internacional, algo que para esta pesquisa é mais do que relevante:

Ela [a história transnacional] propõe que alguns processos históricos superam as fronteiras nacionais a tal ponto que nem mesmo a história comparativa teria condições de analisá-los a contento. A história transnacional resolveria esse problema, pois não se limitaria a examinar os processos históricos através das fronteiras, mas verdadeiramente as ignoraria. Não no sentido literal (pois ela concorda que as especificidades devem ser analisadas para a compreensão do global), mas no epistemológico: o grau da escala sairia do micro e abandonaria de vez o macro nacional, indo para um macro ainda maior, o globo (BERTONHA, 2008, p. 167).

A historiadora Barbara Weistein (2013) também defende o uso da história transnacional, inclusive, como forma de despertar os problemas oriundos do método comparativo. Para Weistein, a história transnacional excede os limites do país como local privilegiado das disputas, englobando um todo maior. A mesma defende, ainda, que esta metodologia é uma forma de problematizar a história no âmbito nacional e não de destruí-la: “No final das contas, a história transnacional é melhor entendida como uma abordagem que complica e não desloca, a história nacional” (WEISTEIN, 2013, p. 30).

Como as fontes jornalísticas são utilizadas neste estudo, acreditamos ser necessário também mencionar, mesmo que de forma breve, nossa preocupação metodológica com este tipo de fonte, tida aqui como principal elemento da pesquisa.

Para este estudo, um trabalho crítico nas fontes é de extrema importância para se chegar a conclusões bem fundamentadas. Mais do que apenas informar, os periódicos destes movimentos procuravam difundir um pensamento e doutrinar pessoas em busca de novos adeptos ao grupo. Estes informativos não professavam a imparcialidade e sim uma “verdade” de acordo com seu interesse. Assim, a análise de cada material colhido nesta imprensa deve levar este e outros pontos em consideração antes de edificar uma opinião.

Neste sentido, a historiadora Tania Regina de Luca demonstra grande preocupação com a crítica interna das fontes jornalísticas. Em um artigo intitulado “História dos, nos e por meio dos periódicos”, Luca aponta para a necessidade de se ir além da análise simples do conteúdo apresentado:

Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura do passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. (LUCA, 2006, p. 140).

Posto isso, para uma melhor organização do conteúdo e para contribuir com a busca dos objetivos aqui propostos, em um primeiro momento, serão delimitadas as características dos movimentos nacionalistas surgidos no Brasil e Argentina, apresentando seus líderes (quando houver), seus ideais e doutrinas e suas dinâmicas de organização. Já em um segundo momento, serão analisados os principais instrumentos do diálogo entre as organizações desses países, em sua maioria jornais e revistas, além da exposição de seus aspectos e objetivos. Por fim, pretende-se apresentar uma discussão acerca dos contatos efetivados entre estes grupos em busca de identificar qual era o nível do relacionamento existente – se houve efetivamente algo concreto, se foi positivo ou negativo entre os grupos e se, de fato, foi tomada alguma medida prática para o fortalecimento destas relações. Espera-se, assim, efetuar uma contribuição para os estudos acerca do Integralismo brasileiro e dos movimentos de extrema-direita argentinos que estiveram sob o viés político e ideológico de um dos mais complexos, poderosos e devastadores sistemas governamentais da história até o momento.

CAPÍTULO I

O CONTEXTO HISTÓRICO E AS ORGANIZAÇÕES DE EXTREMA-DIREITA DO BRASIL E DA ARGENTINA

Antes de discorrer sobre a conjuntura interna do Brasil e da Argentina e sobre os movimentos nacionalistas de cunho fascista que são alvo deste estudo, se faz necessário apresentar uma breve discussão sobre alguns conceitos utilizados nesse estudo, como fascismo, direita e extrema-direita.

Diante da grande quantidade de estudos e bibliografia sobre o fascismo, bem como as variadas discussões, que ainda são presentes no meio acadêmico, relacionadas à conceituação e à amplitude do caráter fascista, não é o objetivo aqui caracterizar o fascismo de uma forma estanque. A intenção é proporcionar parâmetros para que a utilização deste termo ultrapasse o uso enquanto mero adjetivo e represente a importância deste conceito. João Fábio Bertonha é um dos defensores de seu uso moderado. Para este autor, empregar a palavra fascismo para qualquer movimento ou governo autoritário, por mais brutal ou antidemocrático que este possa ser, impede ao historiador um olhar mais apurado para a realidade (BERTONHA, 2008):

É realmente preciso ter cuidado para que o termo fascismo não seja tão ampliado a ponto que não signifique mais nada, até para que não nos tornemos incapazes de identificá-lo realmente quando ele se manifestar. Se tudo é fascismo ou protofascismo, então fascismo se torna sinônimo de intolerância ou fanatismo e, como conceito, deixa de existir (BERTONHA, 2013, p. 3).

Robert Paxton, em “Anatomia do Fascismo”, realiza um estudo primoroso sobre este fenômeno. Em certo momento, sobre a discussão do uso do conceito de fascismo, Paxton afirma que cada movimento tem particularidades que os fazem variar de país para outro, algo que acaba por provocar dúvidas:

(...) os movimentos fascistas variaram de forma tão evidente de um contexto nacional para o outro que há quem chegue a duvidar de que o termo *fascismo* de fato signifique algo além de um rótulo pejorativo (PAXTON, 2007 p. 22).

Embora haja realmente diversas variações de um movimento para o outro, Bertonha defende que o termo, ainda assim, é algo bastante específico:

É um regime ou movimento fortemente anticomunista, antissocialista e antidemocrático que propõe a substituição da ordem democrática burguesa e

do liberalismo político e econômico por uma nova. Nessa nova realidade, haveria um Estado orgânico, hierárquico, baseado numa liderança carismática e num partido único que serviria para a transmissão de uma ideologia específica, mobilizando a sociedade. (BERTONHA, 2013, p. 7)

O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva defende a utilização do conceito de fascismo no plural. Para este autor, ele pode perfeitamente abarcar um conjunto de movimentos com uma linha política e ideológica parecidas, em que pese as diferenças oriundas dos contextos nacionais. Teixeira da Silva (2000) procurou definir algumas características para o emprego mínimo deste conceito. Entre estas características estão o antiliberalismo, anticomunismo, antidemocratismo, antissemitismo e também o forte nacionalismo, este último como peça chave para entender as características diversas destes movimentos. Ainda para o autor: “(...) o fascismo distingue-se por seu caráter metapolítico, mobilizado para a incorporação da nação, dos corações e mentes, numa concepção de mundo única, excludente e terrorista” (SILVA, 2000, p.160).

Paxton (2007) discorre sobre a dificuldade de encaixar o conceito em um modelo e sobre a necessidade de analisar este fenômeno em todos os momentos e não somente em seu início, e, neste sentido, concordamos com este autor de que realmente é necessário compreender o fascismo como algo em movimento. Contudo, acreditamos que a conceituação proposta por autores como Teixeira da Silva e Bertonha são extremamente importantes para a análise de movimentos como a AIB e para salvaguardar o uso do termo de forma científica e não apenas como um objeto político desqualificador do adversário.

João Fábio Bertonha também afirma que o fascismo não ultrapassou a dicotomia direita e esquerda, como alguns pesquisadores defendem. Para este autor, os fascismos, “Incorporaron nuevos elementos al cuerpo de la derecha” (BERTONHA, 2013, p. 37). Deste modo, acredita-se ser legítimo o uso do termo direita e por consequência extrema-direita para movimentos no âmbito do fascismo.

Para tal, utilizamos a conceituação de Norberto Bobbio, sobre o que difere direita e esquerda. Segundo ele, essa avaliação deve ir além de questões políticas rasas ou ortodoxas, tendo a ver com a dicotomia igualdade *versus* desigualdade. Bobbio (2001) ainda lembra que o próprio conceito é relativo e assim as bandeiras que diferenciam direita e esquerda se transformaram durante estes pouco mais de dois séculos de uso destes termos. Apesar disso, o eixo da discussão é o mesmo já apontado. Ainda segundo Bobbio: “De um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais” (BOBBIO, 2001, p.121).

É claro que, assim como o conceito de direita e esquerda, o próprio conceito de igualdade é relativo e Bobbio chama a atenção para essa questão:

O conceito de igualdade é relativo, não absoluto. É relativo ao menos a três variáveis que precisam ser consideradas toda vez que se introduz o discurso sobre a maior ou menor desejabilidade, e ou, sobre a maior ou menor realizabilidade, da ideia de igualdade: a) os sujeitos entre os quais se trata de repartir os bens e o ônus; b) os bens e o ônus a serem repartidos; c) o critério com base no qual fazer a repartição (BOBBIO, 2001, p. 112).

Aplicando, portanto, a mesma lógica do conceito defendido por Norberto Bobbio para distinguir direita e esquerda é que também se utiliza o termo extrema-direita neste estudo. Deste modo, a classificação “extremo” antes de direita exprime organizações, movimentos ou governos deste âmbito político mais distantes desta ideia de igualdade, exposta por Bobbio.

Neste sentido, o fascismo se encaixa, em nossa visão, nesta esfera do político e pode ser classificado como extrema-direita. No entanto, rechaça-se a utilização do termo fascismo como representação única do conceito de extrema-direita.

Isto posto, passamos então, nos tópicos a seguir, para a discussão sobre os movimentos de extrema-direita no Brasil e Argentina, bem como sobre a conjuntura vivida por estes dois países, que durante os anos de 1920 e 1930 viveram intensas agitações políticas e sociais, com grandes debates sobre os regimes liberais. Maria Helena Rolim Capelato, em um estudo sobre estes dois países, contribui para iniciarmos esta discussão:

Os problemas sociais vividos em maior grau na sociedade argentina, mas também expressos na sociedade brasileira, estimularam propostas de novo direcionamento político. No debate de ideias, surgiu, com mais ênfase, o tema da construção de uma nova identidade, contraposta à perspectiva individualista e pluralista que caracteriza as formulações liberais (CAPELATO, 2009, p. 222).

1.1. A Conjuntura no Brasil e a Ação Integralista Brasileira

Influenciados pelas grandes transformações políticas, econômicas e sociais mundiais, bem como pelas suas mudanças conjunturais a nível nacional, Brasil e Argentina se encontravam, durante as décadas de 1920 e 1930, ainda que separadamente, sob uma situação semelhante. Nascia em seus territórios um forte sentimento de aversão à ordem econômica e política estabelecida até então que, aliado à extrema valorização da nação, resultaria na

eclosão de movimentos nacionalistas organizados. Sobre a questão do nacionalismo nesses países a historiadora Maria Helena R. Capelato afirma:

No período que antecede o advento do varguismo e do peronismo, observa-se nas duas sociedades, uma intensificação das preocupações com a identidade nacional, mas a discussão apresenta aspectos distintos, tendo em vista a diferença dos problemas enfrentados. No Brasil, a ênfase era posta na integração nacional, por considerar-se que a nação não se completara, havendo, pois, necessidade de integração racial e reforço da unidade territorial, moral, cultural e política. Na Argentina, insistia-se no reforço e no reequilíbrio da identidade nacional, conquistada outrora, mas abalada pela “mezcla de razas”. Aqui, a nacionalidade não se completara; lá, caberia reconstruí-la (CAPELATO, 2009, p.227).

Muitos são os acontecimentos do cenário interno que colaboraram para o desenvolvimento desses grupos nacionalistas à direita no Brasil e cabe aqui destacar os principais.

Desde os anos de 1920, já era possível notar um forte sentimento de descontentamento geral na sociedade brasileira que foi agravado pela situação política do país, então fortemente marcada pelo governo oligárquico regionalista. Nesse período, houve também revoltas de setores militares e o surgimento do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da Coluna Prestes, que percorreu milhares de quilômetros pelo território brasileiro na luta por mudanças políticas e sociais.

Assim como José Murilo de Carvalho demonstra, esse “fermento oposicionista” ao sistema das oligarquias foi intensificado com a irrupção da Crise de 1929, que agravou os problemas econômicos já existentes no país (CARVALHO, 2004). Em meio a essa situação, eclodiu a revolta civil de sustentação militar, que se tornou conhecida como Revolução de 1930 e que promoveu a ascensão de Getúlio Vargas à presidência.

Segundo Boris Fausto, é nesse momento, ainda, que a “corrente autoritária” começa a ganhar força e que concede ao Estado o papel de “organizar a nação para promover dentro da ordem o desenvolvimento econômico e o bem-estar geral”. Assim, o país passaria a ser governado sob a perspectiva de uma “modernização conservadora” (FAUSTO, 2007, p.357).

Os ânimos continuaram exaltados e em julho de 1932 surgiu, em São Paulo, um movimento contra o governo federal provisório, que propunha, entre outros objetivos, a constitucionalização do governo. Derrotados militarmente, os revolucionários paulistas conseguiram êxito apenas no aspecto político com a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, que acabou por confirmar Vargas no poder e promulgar uma nova Constituição.

Diante dessa conturbada situação, os comunistas da Aliança Nacional Libertadora decidiram intensificar a oposição e, em 1935, elaboraram uma tentativa de golpe. A “Intentona Comunista” não tardou em ser reprimida, contudo, de acordo com Carvalho, “O governo (...) fez bom uso da revolta. Tomou-a como pretexto para expulsar do Exército os elementos mais radicais e para exagerar o perigo de uma revolta comunista no país” (CARVALHO, 2004, p.104). Nesse momento, então, são elaboradas medidas conservadoras e de centralização do Estado.

É nesse clima de insegurança e instabilidade que surgem os grupos e movimentos nacionalistas conservadores e de extrema-direita e, dentre eles, a Ação Integralista Brasileira (AIB), organização de orientação fascista que, liderada por Plínio Salgado, expandiria a doutrina do Integralismo por todo o território nacional e reuniria um considerável número de adeptos.

A AIB nasce, então, com o objetivo de criar uma medida efetiva de formação ideológica e educativa do povo brasileiro para a transformação social, assim como é demonstrado por Natália dos Reis Cruz:

O surgimento da Ação Integralista Brasileira deve ser relacionado ao conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que marcou o período referido. A conjugação entre a crise econômica mundial – com reflexos sobre o Brasil –, o descrédito no liberalismo político e econômico, a ascensão das camadas populares, simultaneamente ao surgimento de movimentos políticos radicais ou revolucionários (...) e o fortalecimento dos ideais autoritários – tendo como principais representantes do período o nazismo e o fascismo – fez com que o terreno da história do período se tornasse fértil para um movimento que se propunha a construir uma “nova sociedade”, cujos pilares seriam a harmonia social, a renovação espiritual frente ao materialismo capitalista, a disciplina, a hierarquia e o fortalecimento do Estado, destruindo a velha sociedade da “desordem”, do liberalismo desenfreado, do individualismo egoísta e do fraco poder político nos moldes liberais (CRUZ, 2004, s. p.).

Cabe citar aqui outra questão referente ao caráter do movimento integralista. Como é apontado por diversos autores, entre eles Helgio Trindade, apesar de a AIB ter fortes traços de identificação com os fascismos europeus, ela não deve ser considerada como uma simples imitação destes demais grupos. Tendo em vista suas especificidades nacionais e sua adequação às realidades da sociedade brasileira, pode-se dizer que essa organização não possui caráter mimético, demonstrando originalidade em vários pontos de atuação.

Isso é possível, pois, em inúmeros países houve uma situação semelhante frente aos acontecimentos e transformações das primeiras décadas do novo século. O que se viu foi uma

generalizada insatisfação e receio perante a antiga ordem estabelecida do liberalismo. Para Bertonha (2006), a relação de analogia entre os muitos movimentos de caráter fascista se deve ao fato de que muitas nações tentaram solucionar seus problemas de maneira similar.

Portanto, os fascismos (seja o italiano de Mussolini, o alemão de Hitler ou o brasileiro de Plínio Salgado) não surgiram do nada ou da fantasia maligna de alguém. Eles estão encaixados no seu tempo, um tempo de medo e desejo de mudanças. Mas refletem não só esse desejo geral, como também as ideias e tradições particulares dos povos e dos homens que os criaram. Isso explica porque podemos chamar a todos esses movimentos de fascistas mas, ao mesmo tempo, somos obrigados a estudar um por um para entender suas diferenças (BERTONHA, 2006, p.10).

Apesar de suas singularidades, parece ser de consenso geral que o Integralismo não encontraria campo fértil para se desenvolver com tanto êxito se não fosse possível ter como espelho a ascensão dos grupos fascistas europeus. Esta hipótese pode ser aceita quando se observa que foi somente após a realização de uma viagem à Itália, em 1930, que Plínio Salgado, encantado com os rumos do fascismo italiano, desenvolveu o ideal de um movimento de valorização da nação e de forte poder no país. Sobre o assunto, Trindade aponta:

Se a situação política interna do país proporciona condições ao surgimento de um movimento autoritário e antiliberal, o conteúdo e o estilo da organização do integralismo, entretanto, inspiram-se amplamente no fascismo europeu. Não pretendemos afirmar que o integralismo tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico (...) mas a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da A.I.B. enquanto movimento político. O fascismo brasileiro teria podido se desenvolver, no Brasil, na década de 30, com características diferentes, tanto ao nível do discurso ideológico, como da organização. A realidade, porém, foi outra. Sem excluir a existência de outras formas possíveis de fascismo na América Latina, o estudo da Ação Integralista nos leva a concluir que os aspectos centrais de sua ideologia, a forma de organização altamente hierarquizada, o estilo carismático e autocrático do poder do Chefe e, inclusive, os rituais do movimento não se podem explicar sem a influência do modelo europeu de referência externo (TRINDADE, 1979, p.278).

O próprio líder do movimento no Brasil revela, em seus escritos doutrinários, seu apoio e admiração às organizações fascistas, considerando-as como modelo digno de ser notado e seguido.

Ainda sobre o surgimento desses movimentos de extrema-direita, seria errôneo apontar que apenas a organização integralista emergiu no cenário de descontentamento brasileiro. Assim, anterior à formação da AIB, diferentes grupos surgiram pelo país com

semelhantes propósitos e ideais de inspiração fascista, como a Legião Cearense do Trabalho, a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), o Partido Nacional Sindicalista e a Ação Imperial Patrinovista.

Por um curto período, esses grupos mantiveram contato e troca de experiências e de ideias por meio dos jornais da época, principalmente o *A Razão*, responsável por divulgar os seus pensamentos. Posteriormente, Plínio Salgado viria a formar a Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.), que, ainda que com curta duração, foi fundamental para o desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira.

Com a formação do grupo de estudos e ao longo do desenvolvimento de suas atividades, Plínio Salgado encontrou a oportunidade para aplicar e consolidar seus ideais conservadores na prática e sugeriu a criação da AIB:

Em Maio de 1932 a S.E.P. organiza em São Paulo sua terceira sessão, ocasião em que Salgado propõe, com apoio da tendência majoritária, a criação de uma ‘nova comissão técnica, denominada Ação Integralista Brasileira’ cujo o objetivo é de ‘transmitir ao povo, em uma linguagem simples, os resultados dos estudos e as bases doutrinárias da S.E.P.’. O relatório desta reunião menciona as condições de organização deste novo setor: ‘expondo em rápidas palavras a grave situação que o país atravessa, o Sr. Presidente (Salgado) propôs que se organizasse, subordinada e paralela à SEP, uma campanha de ação prática, no sentido de se infiltrar em todas as classes sociais o programa político da SEP decorrente de seus princípios fundamentais. Essa campanha seria denominada Ação Integralista Brasileira (TRINDADE, 1979, p.122).

O surgimento oficial da AIB ocorreu com a divulgação por meio do jornal *A Razão* do denominado Manifesto de Outubro, que continha as convicções e objetivos até então elaborados pelo grupo de estudos da S.E.P. Este manifesto, apesar de ter sido lido e aprovado em junho de 1932, apenas pôde ser publicado em outubro do mesmo ano, devido aos acontecimentos do movimento constitucionalista de 1932.

A AIB era representada por um grupo de intelectuais conservadores, anticomunistas, antiliberais e também alguns antisemitas, que acreditavam que a busca por uma nova ordem na sociedade deveria se dar por meio de uma extrema valorização da nação e do cidadão brasileiro. Como organização, seu objetivo era incutir na população os valores nacionais e sua ideologia, bem como doutriná-la e incentivá-la à luta pelas metas do movimento.

Os principais pontos da doutrina integralista podem ser encontrados no próprio Manifesto de Outubro, mas foi ao longo do tempo que os ideais da AIB foram se desenvolvendo e se consolidando. Até mesmo os principais membros da organização, como

Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, apresentaram abordagens diferentes sobre os aspectos ideológicos do movimento. Nada que comprometesse, porém, a soberania de Plínio como Chefe Nacional do grupo integralista.

Advindos da classe média burguesa e alguns com certa formação intelectual, estes principais líderes do Integralismo possuíam certas singularidades em relação aos rumos do movimento, sua estrutura e ideologia. Agiam, portanto, de forma distinta ao doutrinar os adeptos integralistas, tendo um modelo de discurso para as massas e outro para a intelectualidade. Porém, todos eles mantinham como ponto fulcral de seu pensamento e de sua ação, a ascensão, a consolidação e a superioridade da nação integral brasileira frente aos novos aspectos mundiais.

Para uma melhor compreensão da maneira de atuação de cada um destes líderes cabe aqui uma breve explanação de seus ideais. O papel de grande líder do movimento cabia a Plínio Salgado, sua maior influência se dava por meio de seus escritos nos jornais integralistas, veículo de comunicação que ele utilizava para disseminar sua linha ideológica mais voltada para a espiritualidade. De caráter acentuadamente nacionalista e religioso, e envolvido diretamente com o ambiente político, Plínio enxergava como prioridade uma forte transformação nos ideais do país. Além disso, estava sob a influência de pensadores modernistas. Trindade encontra na valorização do nacionalismo a principal característica para esta confluência de ideias: “o modernismo conduz toda uma geração a tomar consciência de que, para encontrar a identidade nacional, é preciso rejeitar os moldes estéticos e literários europeus, fonte de alienação cultural das elites” (TRINDADE, 1979, p.48).

Gustavo Barroso expressava um tom mais enfático através de seus escritos. Autor de uma vasta obra, ele apresentava uma linha ideológica marcada pelo extremo caráter antissemita e não via problemas em assumir sua solidariedade para com os demais movimentos fascistas. Para ele, o judaísmo era o grande causador dos males do mundo. Barroso defendia a integração universal das doutrinas fascistas enquanto Plínio defendia a originalidade e superioridade da doutrina integralista. O líder antissemita, ainda, negava um mimetismo ao fascismo, mas admitia que o Integralismo seguia essa mesma linha ideológica. Tal particularidade foi apontada por Trindade:

O anti-semitismo não é um tema ideológico que estabeleça consenso entre os ideólogos integralistas. Gustavo Barroso é praticamente o único teórico de uma corrente anti-semita radical, ao passo que os outros doutrinadores, sem contestar aspectos nocivos da ação judaica, especialmente ao nível de finanças internacionais, parecem mais reticentes em aceitar a tese de que se

pode reduzir o conjunto dos adversários do movimento ao judaísmo (TRINDADE, 1979, p.242).

Sendo Chefe do Departamento de Doutrina, Miguel Reale apresentava um perfil de discussão que se aprofundava no caráter econômico. Sua influência se dava por meio dos jornais e livros, mas seu papel sempre estava subordinado ao de Plínio e, assim como ele, também se mantinha distante dos ideais nazistas e do antissemitismo exacerbado. Reale foi, dentre os três principais ideólogos do integralismo, o que mais se preocupou em definir o conceito de Estado Integral e de como se daria seu funcionamento.

Entre o período de 1932 e 1934, o movimento integralista tornou-se mais consolidado e estruturado. Seus ideais e objetivos adquiriram um caráter mais ambicioso. Como demonstrado por Trindade, a AIB passa a apresentar ares imperialistas e de uma tentativa de transformação da realidade política, econômica e social brasileira; o Integralismo se transfigura em algo mais amplo que visava expandir o pensamento e modo de agir do movimento por toda a América do Sul (TRINDADE, 1979).

Mas quais eram os principais aspectos de sua organização estrutural, da simbologia e da ideologia dessa organização que conseguiu mobilizar parte da sociedade em favor de seus objetivos? Com base na análise das obras dos mais destacados estudiosos sobre o assunto e no próprio Manifesto de Outubro é possível identificar os traços centrais do grupo integralista.

Com o objetivo de organizar e administrar a AIB, foi desenvolvida uma estrutura baseada em preceitos hierárquicos, algo que também se assemelhava aos modelos fascistas europeus. Havia ainda em semelhança aos demais movimentos a figura de um Chefe Nacional Único que teria plenos poderes sobre toda a organização, e também uma Milícia Integralista. Esta forma de administração extremamente centralizadora possibilitaria a Plínio Salgado ampla autoridade, mesmo após a tão sonhada, porém, nunca alcançada, implantação do Estado Integral no Brasil. Assim, a AIB foi organizada de forma hierárquica, sendo dividida em Núcleos, Departamentos, Secretarias e a Chefia Nacional.

Além desta forma de organização, Plínio Salgado também estimulava a socialização dos membros do grupo integralista de inúmeras maneiras como a comemoração de datas festivas e rituais.

Aqui cabe mencionar o quão importante era o papel dos simbolismos integralistas que, associados ao poder da propaganda, se transformavam em uma grande manobra de unificação e divulgação de sua ideologia. Assim, ser um membro da AIB consistia em praticar

de diversas formas os valores do Integralismo e exaltar a pátria de uma maneira original e peculiar, como pode ser visto na obra de Cavalari:

Os símbolos e ritos, estratégias de padronização e unificação do Integralismo, responsáveis por criar, junto aos militantes, a *mística* do Movimento, constituíam-se também em eficiente estratégia de arregimentação de novos adeptos. Desempenhavam portanto, no interior da A.I.B., uma dupla função: unificavam e arregimentavam. Para criar uniformidade e padronização de pensamento e de comportamento, entendidas como essenciais para a consolidação e propagação do Movimento, contava a A.I.B. com os *Protocolos e Rituais*, uma extensa “legislação” criada especialmente para esse fim. Cabia, ao integralista, não só a função de conhecer esta legislação, como a de se submeter, sem discussão, a ela (...). O integralista, desde o nascimento até a morte, era controlado por essa “legislação” especial. Além das *Regras de Conduta*, do *Juramento Solene* e das *Festas Integralistas*, existiam normas específicas para batizados, casamentos e falecimentos (CAVALARI, 1999, p.164).

Há inúmeros exemplos sobre como a ritualística e a simbologia eram utilizadas pela AIB, entre eles pode-se citar o uso de uniformes, fazendo com que os membros integralistas pudessem ser identificados como pertencentes a tal grupo, vindo a ser denominados como *camisas-verdes*; o símbolo do movimento e que estampava a bandeira integralista era o *Sigma* (Σ), que caracterizava a soma e significava a integração visada pelo Integralismo; o cumprimento oficial dos integralistas se dava por meio da pronúncia da palavra de origem tupi *Anauê*, que denotava a amizade entre os adeptos nacionalistas. Era, portanto, sob esta gama de símbolos e rituais, entre outros, que o Integralismo pretendia se estender e se solidificar na sociedade brasileira.

A ideia da necessidade de se lutar por um país melhor era incutida nos integrantes do movimento através, principalmente, do incentivo ao sentimento nacionalista e patriota, pois essa era a principal característica de união de seus membros. Para o êxito da organização integralista o nacionalismo consistia em algo fundamental, ele era a peça-chave do movimento.

No próprio manifesto integralista é possível observar a forte presença do nacionalismo na AIB e também a grande superioridade que era conferida à nação brasileira perante as demais.

O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira

e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que esta periclitando na Europa e nos Estados Unidos. (...) O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e do Hino nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor de um povo. Essa é uma grande campanha que vamos empreender (SALGADO in Manifesto Programa- *A Offensiva*, 13.06.1937, p.2).

Para os ideólogos integralistas este incentivo ao sentimento de união entre os brasileiros deveria se desenvolver a partir da exaltação dos valores culturais da nação. Tudo o que fosse considerado autêntico do povo brasileiro mereceria atenção especial da AIB e de seus integrantes, o que pode ser comprovado, ainda, no manifesto-programa da organização:

Levantamo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo que é útil e belo no caráter e nos costumes brasileiros; para unir todos os brasileiros num só espírito: o tapuio amazônico, o nordestino, o sertanejo das províncias nortistas e centrais, os caiçaras e piraquaras, vaqueiros, calús, capichabas, calungas, paroáras, garimpeiros, boiadeiros e tropeiros de Minas, Goiás, Mato Grosso; colonos, sitiantes, agregados, pequenos artífices de São Paulo; ervateiros do Paraná e Santa Catarina; os gaúchos dos pampas; o operariado de todas as regiões; a mocidade das escolas; os comerciantes; industriais, médicos, os advogados, os engenheiros, os trabalhadores de todas as vias-férreas; os soldados, os marinheiros – todos os que ainda tem no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil. Temos de invocar nossas tradições gloriosas, temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir (SALGADO in Manifesto Programa - *A Offensiva*, 13.06.1937, p.2).

O perfil dos membros integralistas também pode revelar muito sobre o movimento. Grande parte dos integralistas era formada por jovens pertencentes à média burguesia urbana e que, apesar de haver a participação de mulheres, a imensa maioria era composta por homens. Algo interessante de se notar é que a juventude abarcava também grande parte dos dirigentes do movimento e não somente os adeptos. Para Cavallari, “o Integralismo contava em suas fileiras com a esmagadora participação de jovens” (CAVALARI, 1999, p.157).

Quanto à classe social, Trindade aponta que “As informações sobre os dirigentes dos órgãos de direção executiva nacional e regional da AIB confirmam a hipótese de que seu recrutamento se faz predominantemente entre as categorias urbanas em ascensão nesta época” (TRINDADE, 1979, p.131). No entanto, demais camadas sociais também compunham o corpo de adeptos da AIB, como operários, imigrantes, oficiais e diferentes integrantes da classe média.

Vimos, portanto, que a AIB havia estabelecido uma tentativa de elaborar um plano bem definido sobre como recrutar e agregar novos membros que estivessem dispostos a combater pela pátria. Mas, como o Integralismo iria executar uma mudança estrutural tão profunda no seio da sociedade? Como se aplicava, na prática, tal ideologia integralista avessa ao liberalismo e ao comunismo então em vigor?

Sobre a questão econômica, Plínio Salgado não pretendia abolir completamente o modelo capitalista, mas reformá-lo de acordo com os interesses e com a moral do movimento. Ele atacava este sistema econômico por visar puramente o lucro. Era por isso, também, que sua preocupação com o comunismo assumia um segundo plano, pois, para ele, este era fruto da decadência do capitalismo da forma como era implantado. Trindade retrata este pensamento:

O integralismo propõe reformar o capitalismo em três níveis: primeiro, subordinado a produção aos ‘interesses nacionais’, a fim de romper seus vínculos com o capitalismo internacional; segundo, estabelecendo o controle do Estado sobre a economia liberal; terceiro, introduzindo uma finalidade ética no desenvolvimento da economia. (...) O integralismo pretende, portanto, transformar o capitalismo liberal clássico num capitalismo nacional e social controlado pelo Estado Integral (TRINDADE, 1979, p.235).

Através de uma *revolução de espírito*, Plínio Salgado pretendia unificar a nação e transformá-la em um Estado forte, iniciando, assim, uma *nova era* e uma *nova humanidade* que se distinguiu das demais sociedades.

Para efetuar esta modificação espiritual, o Integralismo contava com a ajuda de homens ligados ao clero, ou mesmo do laicato católico, mas não há registros de um apoio institucional da Igreja ao movimento. De formação católica, Plínio Salgado entendia que, sob essa influência religiosa, os cidadãos encontrariam amparo e fé para persistir nos objetivos da causa do Estado Integral. Sob o lema “Deus, Pátria e Família”, os integralistas chegaram a obter apoio de um dos que seriam, futuramente, um dos mais renomados líderes católicos do país, Dom Hélder Câmara.

Assim, o movimento integralista acrescentava à sua ideologia os preceitos cristãos do catolicismo sendo, portanto, incisivamente influenciado pelo pensamento de intelectuais católicos das primeiras décadas do século XX, que propunham uma renovação no papel da Igreja.

Todo este aparato que permitiu a AIB se disseminar e, assim, reunir membros por todo o país, levou a organização, após o seu desenvolvimento e consolidação, a intensificar

seus trabalhos no campo das disputas políticas. Desde 1933, o movimento já participava de eleições pelo país. Assim, a AIB incluía, como uma de suas principais metas, disputar eleições e eleger seus aspirantes aos cargos do governo, obtendo certo êxito como é demonstrado por Sentinelo:

A AIB delineou sua organização, funcionamento e ideologia ao longo da sua existência. Em março de 1935, no II Congresso Integralista realizado em Petrópolis, o estatuto da Ação Integralista Brasileira foi modificado. O novo estatuto estabelecia o movimento como partido político, o que foi muito importante para o seu fortalecimento na política nacional. A forma da organização modificou-se de associação nacional de direito privado para associação civil e partido político, demonstrando o intuito de redirecionar as ações do movimento em prol dos seus objetivos de chegar ao poder e instituir o estado integral no Brasil. A partir da modificação do estatuto, os objetivos de participar das eleições tornaram-se evidentes, assim como os esforços para lançar e eleger candidatos em todas as eleições. (...) Em 1936, a AIB conseguiu eleger número considerável de vereadores e deputados estaduais (SENTINELO, 2011, p.69).

A AIB se empenhou fortemente para promover a candidatura de Plínio Salgado à presidência, cuja eleição ocorreria no ano de 1938. Porém, o golpe de Estado executado por Getúlio Vargas, em novembro de 1937, que estabeleceu o Estado Novo, frustrou seus planos.

Como demonstrado anteriormente, a situação política do país encontrava-se sob forte turbulência desde a década anterior e com as eleições se aproximando era necessário apenas um pretexto para que algo mais grave ocorresse e ele foi o chamado Plano Cohen. Esse “plano” consistiu na elaboração de um documento por oficiais integralistas que relatava o andamento de um golpe comunista no país. Para causar mais pânico, o falso documento mencionava, ainda, assassinatos de políticos e depredações por toda a sociedade.

Utilizando o fato como desculpa, o golpe ocorreu no final de 1937, contando com a forte colaboração dos integralistas, que viam no apoio a Vargas uma possibilidade de também chegarem ao poder por meio da nomeação de Plínio Salgado ao Ministério da Educação.

No entanto, os integralistas foram traídos e o novo regime governamental proibiu a existência de partidos políticos, o que levou a AIB a se transformar na Ação Brasileira de Cultura. Posteriormente, mais precisamente em maio de 1938, um grupo de integralistas se rebelou contra o governo e organizou uma tentativa de golpe. Porém, eles não obtiveram sucesso e seus membros dirigentes acabaram sendo presos e expulsos do país, incluindo Plínio Salgado, que retornaria ao Brasil somente após a destituição de Getúlio Vargas do poder. Esse fato extinguiu a fase áurea do Integralismo e colocou fim ao sonho do Estado Integral de Plínio Salgado.

1.2. A Conjuntura na Argentina, a *Legión Cívica* e os demais movimentos

O caso dos movimentos nacionalistas da Argentina pode ser considerado mais complexo diante do brasileiro e isso se deve ao conturbado contexto político vivenciado pelo país platino, bem como à grande circulação de diferentes ideologias em sua sociedade. Apesar dos casos apresentarem semelhanças, a situação encontrada no território argentino divergia da brasileira devido a todo o histórico político, social e econômico do país que, já durante a década de 1920, começara a apresentar os primeiros indícios de que futuramente propiciariam o nascimento de grupos de extrema-direita.

Desde o final do século XIX, havia na Argentina um sentimento de prosperidade entre a população, que se devia, principalmente, à sua ascensão econômica no mercado agroexportador e ao processo de europeização da sociedade, que vinha se desenvolvendo desde o século anterior. Essa sensação é demonstrada por José L. B. Beired:

A crença no progresso infinito de seu país foi um sentimento dominante entre as camadas mais abastadas e cultas da sociedade argentina de fins do séc. XIX e do início deste século: a Argentina estava destinada a trilhar um futuro grandioso de prosperidade e de paz política e social, colocando-se assim entre as grandes potências ocidentais. A garantia dessa evolução repousava nas riquezas naturais, na variedade de climas e na existência de uma população etnicamente cada vez mais europeia (BEIRED, 1996, p.05).

Porém, juntamente com o processo de desenvolvimento econômico do país e da consequente expansão da classe operária, surgiram os primeiros sintomas que dariam origem aos conflitos trabalhistas e ao fim da chamada *Belle Époque* argentina. Havia, também, a questão dos imigrantes que compunham uma grande parcela dos trabalhadores no país e que, oriundos de diversos países, mas principalmente da Itália, começaram dispersar as diferentes correntes ideológicas então em voga na Europa, como o anarquismo, o socialismo e o fascismo.

A insatisfação dos trabalhadores permitiu que a Argentina possuísse, dentre a América Latina, o mais organizado e mobilizado movimento em prol das lutas operárias. Houve uma forte expansão de movimentos grevistas pelo país e o movimento operário foi ganhando força e, conseqüentemente, provocando grande temor entre os setores conservadores da Argentina.

O ano de 1916 é um marco da história argentina contemporânea, não apenas porque o poder oligárquico foi derrubado com a derrota eleitoral dos

conservadores, mas também porque a política de massas passou a integrar o cenário político argentino (BEIRED, 1996, p.48).

Ainda em 1916, o candidato da União Cívica Radical (UCR), Hipólito Yrigoyen, vence a eleição presidencial e implanta novos rumos políticos no país, apoiando, muitas vezes e com grande ênfase, o setor sindicalista. Em 1919, no entanto, uma greve de caráter radical foi deflagrada, vindo a ser violentamente reprimida pela força policial, o que configurou um cenário de terror que gerou em torno de oitocentos mortos e quatro mil feridos. Este fato ficou conhecido como Semana Trágica e sua simbólica força marcaria a origem de uma das maiores organizações antitrabalhista e antiesquerdista da época: a *Liga Patriótica Argentina*.

Este acontecimento também foi marcante sob o ponto de vista de participação católica na política argentina e de movimentos nacionalistas de viés de direita. Sobre a reação católica aos acontecimentos de 1919 na Argentina, por exemplo, o historiador Jose Maria Ghio afirma:

Con la represión obrera conocida como la “Semana Trágica” (1919) la Iglesia vuelve a alzar su voz para condenar a los “extremistas extranjeros”, sumándose a la reacción nacionalista de otros sectores altos de la sociedad expresados en organizaciones tradicionalistas como la Liga Patriótica (GHIO, 2007, p.57).

Na obra *La iglesia católica en política argentina*, Ghio demonstra que o comportamento de apoio deste setor religioso argentino para com o governo conservador e os movimentos nacionalistas de direita estava ligado a um processo de transformação do setor católico, que vinha se desenvolvendo desde épocas muito anteriores as turbulências vivenciadas durante a década de 1930.

O novo modelo da prática social da Nova Cristandade argentina, que já vinha se desenvolvendo ao longo dos anos e que durante o período entre guerras se mostrava mais intenso, coincidiu com as conturbações políticas e a quebra da ordem institucional no país. Após o golpe sofrido por Hipólito Yrigoyen perante o Exército, a Igreja Católica demonstrou um grande entusiasmo, revelando a partir de então uma estreita relação entre Igreja e Estado.

Após a adoção desse novo perfil, houve por toda a Argentina a proliferação de inúmeras dioceses e paróquias que surgiam com um novo caráter, baseado no antiliberalismo, no corporativismo social-cristão e até mesmo no fascismo. Aliada ao governo, a Igreja Católica e seu principal veículo de comunicação, a revista *Criterio*, foram incluídos entre os principais meios de difusão de ideias e de sustentação do governo.

O papel da Igreja Católica na sociedade argentina e sua relação com o governo do país e com os ideais fascistas, também foi abordado por Finchelstein que, assim como Ghio, aponta os estreitos laços entre o cristianismo argentino e o fascismo, conhecido como *clerofascismo*, e o considera de grande importância no desenvolvimento do nacionalismo do país latino-americano. Segundo ele:

Para los nacionalistas, es decir, los fascistas argentinos, el fascismo no era una teoría en sí misma, sino más bien un molde para el pensamiento católico. Por ejemplo, uno de los intelectuales fascistas más significativos, César Pico, afirmaba que el fascismo era “una reacción contra las calamidades provocadas por la democracia liberal, el socialismo y el capitalismo. Es una reacción que, aunque es instintiva en sus orígenes, está buscando una doctrina que la justifique”. Según su concepción, y de la mayor parte de sus correligionarios, el catolicismo representaba una encarnación teórica ideal para el fascismo. Afirmaba que aunque el fascismo podía ser totalitario en el sentido nazi, éste no era el caso del fascismo italiano o del español, ni tampoco de “los movimientos nacionalistas en América Latina”. Para Pico, la doctrina católica debía ser la del fascismo, desde el momento en que consideraba que el fascismo carecía de teoría. En pocas palabras, el nacionalismo debía ser un “fascismo cristianizado”. (...) La mayor parte de los nacionalistas confundían el catolicismo y el fascismo, y pensaban que su movimiento ocupaba un lugar central en los designios de Dios para Argentina (...). El nacionalismo veía en sí mismo la expresión política de la voluntad de Dios (FINCHELSTEIN, 2010, p.213-214).

Finchelstein demonstra que, para os nacionalistas e fascistas argentinos e até mesmo para alguns padres católicos, o cristianismo poderia ser integrado ao fascismo, mas a forma de sua incorporação variava de acordo com o pensamento de cada sacerdote sobre a ideologia fascista.

Apesar da relevância atribuída ao papel desempenhado pela Igreja Católica na guinada política à direita da sociedade na Argentina, é imprudente aceitar que o nacionalismo assumiu um papel secundário em tal processo. Assim como ocorreu nos demais países, tanto da Europa quanto da América Latina, a ênfase no espírito da nação argentina foi ponto central para a ascensão de movimentos ligados a esta matriz ideológica e, portanto, se este fator não pode ser visto como o mais importante durante o processo, é mais cauteloso aceitar que foi tão indispensável quanto o catolicismo.

De fato, definir com exatidão a onda nacionalista surgida com a *Liga Patriótica Argentina*, e ampliada a partir de 1930, é algo tão problemático que até mesmo Sandra Deutsch, grande pesquisadora sobre a direita argentina, prefere denominá-la de contrarrevolucionária:

Evito usar las palabras *derecha*, *nacionalismo* y *fascista* porque, por varias razones, no son los términos más adecuados entre los disponibles para describir el fenómeno en consideración. Los primeros dos son amplios e imprecisos, y ocultan una variedad de posibles miradas y de conexiones sociales representadas por los grupos clasificados como tales. Por el contrario, *fascismo* designa específicamente a los grupos más extremistas de la derecha, cuya oposición al modernismo y al igualitarismo asume un carácter radical y antiburgués con una apelación a las masas (DEUTSCH, 2003, p.15).

Portanto, é fundamental ressaltar aqui a grande importância que o nacionalismo apresentou durante o desenvolvimento dessa nova sociedade argentina. Este nacionalismo de caráter autoritário foi de grande relevância para a consolidação da extrema-direita em vários países e, para os grandes líderes que estavam à frente do movimento argentino, o incentivo ao caráter nacionalista da população era um ponto essencial para sustentar a causa que defendiam, assim como se pode observar em Deutsch:

(...) hay otra cuestión aún que ilustra la importancia de la contrarrevolución en la Argentina. (...) los contrarrevolucionarios argentinos lograron convencer a la mayor parte de sus conciudadanos de que ellos eran los únicos que debían ser identificados con la causa de la autonomía nacional frente a la dominación extranjera. Por esta razón, los especialistas se han referido generalmente a ellos como “los nacionalistas”. El hecho de haberse apropiado del término también demuestra su fuerza (DEUTSCH, 2003, p. 12-13).

Para o historiador José L. B. Beired, o caráter nacionalista assumido pelo movimento da extrema-direita foi de forte relevância para sua própria consolidação. Segundo ele, houve tanto no Brasil como na Argentina, e em demais países, a eclosão de um movimento político ultradireitista, no período entre guerras, que teve embasamento em ideais nacionalistas e antiliberais aliados a um ascendente e forte autoritarismo.

Para Finchelstein (2010), nacionalismo e fascismo se fundiam em uma complexa ideologia que permitia o desenvolvimento de um ideal singular de luta contra o sistema liberal e suas danosas consequências no mundo. Isso se devia ao fato de ambos os movimentos (nacionalismo argentino e fascismo) apresentarem essenciais semelhanças e objetivos, como o antissemitismo, antiliberalismo e anticomunismo. Apesar disso, os argentinos não deixavam de registrar que acreditavam que seu nacionalismo fosse mais avançado que os demais. Para Finchelstein, “los nacionalistas creían que la incorporación de Dios a la política convertía al nacionalismo en una versión más completa del fascismo” (FINCHELSTEIN, 2010, p.210).

O nacionalismo argentino foi composto por ideais divergentes e, por isso, não pode ser caracterizado como um movimento homogêneo, como Finchelstein definiu:

(...) el nacionalismo no era una entidad, una cosa fácilmente definible, sino varias cosas al mismo tiempo: un conjunto de sentimientos muchas veces contradictorios entre sí que se daban necesariamente en el ámbito de experiencias comunes (FINCHELSTEIN, 2002, p.27).

José Luiz B. Beired (1996) corrobora com a ideia de que o nacionalismo argentino apresentava divergências e, portanto, não pode ser classificado de forma homogênea. Beired procurou classificá-los em dois grandes grupos, sendo eles o nacionalismo restaurador e o nacionalismo populista.

As correntes nacionalistas ganharam uma profusão de adeptos e multiplicaram-se. Elas podem ser divididas em dois grandes grupos: o nacionalismo restaurador e o nacionalista populista. A corrente restauradora contou com cerca de trinta organizações, das quais as mais importantes foram: Liga Republicana, Legião Cívica Argentina, Legião de Maio, Restauração e Guarda Argentina. Os restauradores simpatizavam com o fascismo e exaltavam o catolicismo, a tradição espanhola e as noções de ordem, hierarquia e autoridade. (...) Representaram uma reação aos aspectos constitutivos da modernidade: secularização da vida social, individualismo, emergência do movimento operário, liberalismo e socialismo. Para eles a história era um processo de decadência desde a Idade Média (concebida como modelo ideal de sociedade), provocado pela Reforma Protestante e desenvolvido pela Revolução Francesa e pelo comunismo. (...) O caráter desse movimento de extrema direita é objeto de polêmica. Para Cristián Buchrucker, ele possuía as características essenciais do fascismo. Já para Marysa Navarro Gerassi, era uma forma extrema de reação conservadora frente à ascensão da classe média ao poder do meio da UCR, e seus aspectos fascistas eram pura imitação. Conforme um estudo mais recente do inglês David Rock, foi uma mescla de correntes ideológicas nativas e importadas, e representou arraigadas forças históricas que combateram as concepções liberais do Estado e da sociedade (BEIRED, 1996, p.52-53).

Os historiadores Ernesto Bohoslavsky (2011) e Olga Echeverría (2011), também acreditam que o fenômeno do nacionalismo argentino é bastante complexo e elencam algumas de suas características que colaboram para isso. Uma delas vem de encontro ao pensamento dos demais estudiosos citados, que é a grande diversidade de ideais que engloba, ainda que pretendesse um projeto aglutinador.

Nesse sentido, Echeverría, assim como Deutsch, também entende que a denominação “nacionalista” para tantos grupos e organizações que tinham o nacionalismo como característica norteadora, torna-se algo problematizante, tendo em vista as grandes diferenças

encontradas dentro do movimento. Para ela, o nacionalismo existente na década de 1930 já não era mais o mesmo que havia surgido décadas antes, mas algo novo que objetivava uma nova ordem na sociedade argentina:

(...) ya pasada la euforia triunfalista que rodeó a los festejos por el centenario de la independencia, cuando el ingreso de extranjeros comenzaba a desacelerarse y ante las primeras preocupaciones ciertas sobre los alcances de las transformaciones sociales, aquellos movimientos culturales que podrían calificarse como un nacionalismo nativista e identitario fueron quedando relegados y dieron lugar, paulatinamente, a los nuevos “nacionalismos” que utilizaban argumentos y retóricas similares pero que buscaban llevar adelante un proyecto político e ideológico que “volviera las cosas a su lugar”, es decir que disciplinara a amplios sectores subalternos que comenzaban a reclamar derechos sociales y políticos y que mantuviera en manos de sus “legítimos” poseedores no sólo los espacios de poder sino también la estructura burocrática del Estado y los ámbitos del saber. Así, “el nuevo nacionalismo” invocaba a la nación para ordenar a la sociedad y situar a cada actor en su lugar “natural” (ECHEVERRÍA, 2011, p.51).

Echeverría acredita, ainda, que a grande heterogeneidade do movimento nacionalista argentino resultava dos diferentes pensamentos e do caráter intelectual de seus principais pensadores. Segundo ela, os mais expressivos representantes do movimento “buscaban mostrar un pensamiento original y raramente estaban dispuestos a ceder el protagonismo personal en pos de una construcción colectiva” (ECHEVERRÍA, 2011, p.52). Por fim, Olga Echeverría acredita que o fenômeno cunhado sob o termo “nacionalismo”, que se tornara bastante amplo para abarcar todos os grupos com suas divergências, seria melhor compreendido sob o conceito de “direitas”, já que apesar das muitas diferenças, fundamentalmente representava esse setor político e seus múltiplos interesses.

Aliada a esta situação conflituosa vivenciada pela Argentina desde o final da década de 1910, se soma um dos acontecimentos históricos que mais abalaram o mundo, alterando drasticamente o ambiente político deste país e inaugurando o que viria a se chamar Década Infame ou Democracia Fraudulenta. Assim como em grande parte do mundo, a Crise de 1929 gerou graves consequências em solo argentino. Este fator externo agravou a situação interna do país levando ao aumento e fortalecimento de setores conservadores e nacionalistas que, diante da crise econômica mundial e do aparente bom desempenho do sistema soviético, passaram a acreditar no eminente colapso do liberalismo e, portanto, a buscar uma nova solução política e econômica para salvar seu país.

Tal instabilidade e turbulência política se mostrou desastrosa para o governo em exercício daquele momento, que não havia conseguido amenizar os severos efeitos causados

pela crise. Sob forte insatisfação popular, Hipólito Yrigoyen, presidente do país, em seu segundo mandato, sofreu no ano de 1930 um golpe de estado comandado pelo general José Félix Uriburu. A partir de então, iniciou-se um incentivo aos valores do conservadorismo e do nacionalismo exacerbado na tentativa de solucionar os problemas causados pela democracia liberal.

No que se refere ao golpe sofrido por Yrigoyen, contudo, é importante apontar que tal situação não se deu apenas devido às consequências da crise de 1929. Segundo Francisco Luiz Corsi (2012), apesar do PIB argentino ter caído 14,3% no período de 1929 a 1932 e de seus impactos iniciais na economia terem sido um dos fatores determinantes para o declínio do governo constitucional, o golpe que derrubou o presidente da época não estava apenas diretamente ligado à crise. Para ele, tal situação estava condicionada a outros fatores complexos e que remetiam ao período anterior à crise:

O golpe de Estado que derrubou Yrigoyen não foi um resultado direto da crise (...). A queda de Yrigoyen deveu-se, sobretudo, a luta política interna, que estava, todavia, entrelaçada e condicionada pelos interesses e projetos econômicos das classes dominantes (CORSI, 2012, p.4).

A vitória do movimento golpista foi também a vitória de alguns setores da direita política da Argentina, que voltavam a governar o país. Na visão de Beired (1996), o General Uriburu tentou implementar um regime corporativista no país no curto período em que foi o mandatário daquela nação. Apesar de ser uma questão bastante polêmica, este autor afirma que Uriburu, “Assessorado por intelectuais ou nacionalistas, tentou implantar um regime corporativista inspirado no fascismo, isto é, com um governo autoritário assentado na representação de categorias profissionais” (BEIRED, 1996, p. 51).

Desde que liderou o golpe de Estado que derrubou Hipólito Yrigoyen da presidência do país, o General José Félix Uriburu se tornou uma figura de significativa importância para a eclosão e desenvolvimento do sentimento nacionalista entre a população argentina. Apesar de permanecer pouco tempo no poder, Uriburu foi considerado por parte da sociedade como um herói nacional, um homem corajoso e capaz de restituir a época de ouro à Argentina. Com o golpe, houve uma tentativa de transformá-lo em um mito que guiaria a população daquele país. A figura de Uriburu é de grande importância para esta pesquisa, por sua participação na política geral do país, principalmente relacionada ao Golpe de Estado de 1930, e também por sua ligação com movimentos como a *Legión Cívica Argentina*.

Católico fervoroso e profundo admirador dos ideais fascistas, Uriburu previa para seu país um regime ditatorial protofascista que resplandeceria com o apoio das altas camadas

sociais e de seu conservadorismo latente, transformando a Argentina em uma nação mais forte e sob um novo sistema político e econômico. Logo, porém, seus planos seriam frustrados pelas próprias alianças que o levaram ao poder em 1930, como bem demonstra Beired:

Contudo, da mesma forma que o golpe foi apoiado pela burguesia agroexportadora e seus representantes políticos, ambos rapidamente raciocinaram que lhes era mais conveniente passar o poder para um novo governo que reproduzisse o esquema de poder oligárquico anterior a 1916. Pressionado, Uriburu convocou eleições que levaram à presidência o general Augustín P. Justo em novembro de 1931, apoiado por setores conservadores e radicais antipersonalistas (estes integravam uma corrente da UCR de perfil conservador, também chamada de antiyrigoyenista). (BEIRED, 1996, p.51).

Mesmo com sua morte, em fevereiro de 1932, Uriburu não deixou de ser lembrado como criador de um movimento nacionalista, ao contrário, o fato reforçou ainda mais o caráter heroico do governante e o misticismo que envolvia sua figura que conseguiu agregar e incentivar tantos argentinos a lutarem pelos ideais defendidos pelo ex-presidente.

Há, no entanto, estudiosos que consideram que o mito em torno deste presidente não teve uma grande relevância entre os nacionalistas e que pouco significou para a consolidação do movimento. Este ponto de vista é exposto na obra de Finchelstein, que, utilizando-se de demais autores sobre a época, aponta:

Para el escritor Juan Bautista Ramos, autodefinido representante del pensamiento radical, la ‘gesta’ uriburista había sido simplemente un motín que no fue más que un ‘pequeño suceso’ facilitado según Ramos por la condición romántica del radicalismo (FINCHELSTEIN, 2002, p.61).

O sucessor de Uriburu na presidência do país, Juan Pedro Justo, protagonizou o período que seria conhecido como Democracia Fraudulenta, marcado por intensa corrupção, fraude eleitoral e perseguição política. Tal governo conservador acreditava estar, por meio destes atos, impelindo a pátria rumo ao progresso.

Assim, foi sob essa intensa inquietação política que se desenvolveram na Argentina movimentos similares aos surgidos na Europa e no Brasil, com intenso caráter nacionalista. Ideologicamente, estes movimentos se aproximaram muito da essência do mínimo fascista que abordamos no início deste capítulo. Muitos deles, é claro, não se tornaram fascistas, tendo apenas alguma admiração ou ainda aproximação. Outros cruzaram a fronteira e podem ser considerados movimentos de cunho fascista.

Ao contrário do que aconteceu no Brasil, onde a AIB se tornou um grande movimento de massas, organizado, centralizado e referência principal deste âmbito político, na Argentina houve uma grande fragmentação em pequenos agrupamentos, com interesses diversos.

Entre estes grupos podemos citar a *Liga Patriótica Argentina*, *Federación Obrera Nacionalista Argentina*, *Acción Nacionalista Argentina*, *Sindicato Obrero Nacionalista Argentino*, *Legión Nacionalista*, *Revulsión*, *Comisión Popular Argentina Contra el Comunismo*, *Legión Patriótica*, *Asociación Damas Argentina “Patria y Hogar”*, *Legión de Mayo* e *Legión Cívica Argentina*.

Dois destes grupos merecem maior atenção deste estudo. O primeiro é a *Liga Patriótica Argentina*, surgido em 1919, como já explicitado, que, embora não possa ser classificada como fascista, foi precursora destes outros grupos, funcionando como um exemplo ou modelo para os demais. Devido a sua importância para este cenário, acreditamos ser de grande importância discorrer sobre sua existência.

O segundo é a *Legión Cívica Argentina*, este sim um movimento que pode ser classificado no âmbito do fascismo que, embora não tenha tido um grande alcance, procurou influenciar a sociedade em que atuava e ainda arregimentar novos adeptos. Foi este grupo que desenvolveu contatos com a Ação Integralista Brasileira e, por isso, conhecer este movimento é fundamental para analisar os laços e diálogos entre eles e a AIB.

Antes de conhecermos um pouco sobre a *Legión Cívica Argentina*, é necessário analisar a importância da *Liga Patriótica Argentina* para o cenário da extrema direita daquele país, justamente pelos motivos já expostos. Como visto anteriormente, em 1919, após uma grande greve que se expandiu por todo o país, um grupo de conservadores temerosos com a “ameaça vermelha” que, em sua visão, invadia a Argentina, se mobilizou e criou uma organização que foi considerada como a máxima expressão do nacionalismo de extrema-direita organizado da década que antecedeu o golpe de Uriburu. Cabe analisar, então, como se deu a estruturação desta organização da direita radical e quais foram seus objetivos, bem como seu real impacto na sociedade argentina.

A *Liga Patriótica Argentina* foi uma organização da extrema-direita conservadora formada em resposta às radicais greves que se difundiram pelo país, bem como ao caráter de conivência do então presidente Hipólito Yrigoyen, da União Cívica Radical, para com o setor trabalhista. Este grupo tinha como principais objetivos incentivar a valorização da nação argentina e restabelecer seu poder econômico perante as demais potências mundiais. Assim como o Integralismo, a *Liga* também lutava enfaticamente contra a ascensão da esquerda socialista que, para ela, representava uma grande ameaça à sociedade argentina, mas,

principalmente, contra o avanço da imigração no país. De acordo com Finchelstein, a *Liga* chegou a obter cerca de 11.000 membros, advindos de distintas classes sociais e que integravam uma formação paramilitar representando o auge de seu poder. Assim, esta organização obteve certo sucesso em seus objetivos e simbolizou um marco histórico na Argentina:

Los años de vida más intensos de la Liga fueron pocos: de 1919 a 1935. Profundamente original en la historia argentina, no tenía antecedentes y no tuvo continuadores. Sin embargo, su estudio tiene una viva y palpitante actualidad, porque constituyó el más claro y acabado ejemplo de un grupo de presión ideológico, como nunca se ha visto en la Argentina (CATERINA, 1995, p.11).

No entanto, apesar de ter apoiado o golpe de estado de 1930, o período de sua maior atuação não foi essa década, como foi o caso dos integralistas, e sim a década anterior. Portanto, já se podem estabelecer diferenças entre os dois grupos que vivenciavam ambientes e períodos distintos. Diferentemente da AIB, que simbolizou o grupo nacionalista de cunho fascista mais organizado e consolidado no Brasil, a *Liga* foi antes uma origem para a formação intelectual dos que viriam a formar posteriormente outros agrupamentos na década de 1930.

Sob o lema “Pátria e Ordem”, esta organização visava a permanente e ativa participação de setores sociais no governo para evitar a subversão da sociedade e para lutar pelo restabelecimento do período áureo na Argentina. Esta organização também valorizava o papel da família, que, para ela, se encontrava “debilitada por la modernización, la inmigración y el izquierdismo” (DEUTSCH, 2003, p.95), mas que seria de extrema importância para a imposição de seus valores aos nacionalistas. Assim como a AIB, esta organização nacionalista argentina também possuía um líder, Manuel Carlés.

De origem burguesa e formado em Direito, Carlés esteve desde muito jovem envolvido com a política em seu país, assumindo cargos de deputado nacional. Ambicionava o progresso de sua nação por meio de um forte incentivo ao patriotismo, unindo toda a sociedade na luta por seu sucesso e contra os ideais esquerdistas e tudo o que intimidasse seus cidadãos e seus valores. Seus ideais valorizavam também o papel da Igreja e das Forças Militares. Nas palavras de Luis María Caterina, “ese era el hombre que con sus virtudes y defectos, llevaría a la Liga un papel protagónico en la vida política y social argentina” (CATERINA, 1995, p.69). Segundo Deutsch:

Su experiencia política, su capacidad intelectual, sus amplios contactos y su destreza oratoria le fueron muy útiles como presidente de la Liga. Desde ese cargo contribuyó a moldear una organización eficaz, a proponer una agenda contrarrevolucionaria y a propagandizar la causa de la Liga (DEUTSCH, 2003, p.94).

No entanto, apesar do grande poder concentrado em suas mãos, o líder do movimento não deixou de ser alvo de contestações, nada que causasse algum rompimento entre os membros da organização. Este fato denota outra sensível diferença em relação ao Integralismo, já que Plínio Salgado assumia um papel de líder e Chefe Nacional, cujas decisões eram incontestáveis.

Outras questões relacionadas às semelhanças e diferenças entre a *Liga* e a AIB também chamam atenção, como é o caso da organização e articulação do grupo argentino. Assim como no caso brasileiro, a *Liga Patriótica Argentina* também possuía uma estrutura hierarquizada, cuja Junta Central exercia poder máximo sobre o movimento. Havia ainda um Conselho Executivo que devia discutir suas ações e suas tarefas eram divididas entre as Comissões da Fazenda, Propaganda, Assuntos Sociais, Organização e Defesa. Mesmo tendo se originado em Buenos Aires e com sede fixa naquela cidade, a *Liga* possuía ramificações por inúmeras províncias argentinas, além de contar com *brigadas* que atingiam diferentes grupos sociais e diferentes localidades, caracterizando um importante papel entre a organização, como bem demonstra Caterina:

Si la Junta Central era la máxima autoridad, y al mismo tiempo el gran motor de la institución, las brigadas eran su núcleo esencial, su célula básica sobre la cual descansaba la actividad de la Liga (CATERINA, 1995, p.72).

Devido à grande conturbação do período em que surgiu, parece natural que seus objetivos se alternassem conforme a transformação do cenário político do país, o que parece ter ocorrido em relação ao avanço do socialismo e à postura de Yrigoyen frente à crise econômica mundial. Contudo, a organização apresentou uma série de objetivos que pouco se alteraram durante sua existência, como a vigilância contrarrevolucionária, a colaboração para a repressão, rompimento de greves, propaganda patriótica, ação social e fomento do progresso. Seus inimigos persistiram sendo “el anarquismo con sus negaciones, el sindicalismo con sus exclusiones, el socialismo con sus ambigüedades” (CATERINA, 1995, p.211).

Sobre o caráter ideológico da *Liga* é importante ressaltar que, além de um evidente nacionalismo conservador, ela também apresentava, assim como demais organizações

nacionalistas argentinas, uma forte simpatia pela Igreja Católica e ainda certa admiração pelo fascismo italiano então em desenvolvimento, mas sem grande ênfase. Houve certa preocupação em relação à questão judaica, porém, a organização não chegou a apresentar um forte sentimento antissemita e, quando apresentou, não caracterizou uma posição unânime. Quanto ao modelo político, a *Liga* era enfática ao designar que o melhor sistema para se governar a nação era a democracia representativa, algo que a levou à contradição ao apoiar o golpe de Uriburu sobre o então presidente eleito.

A organização nacionalista argentina mantinha, ainda que com severas críticas, um bom relacionamento com os grupos partidários do país e não questionava a importância de sua existência. Mais uma vez estabelecendo divergência com a posição da organização comandada por Plínio Salgado, que com o amadurecimento do movimento que liderava o transformou em partido político, a *Liga* era incisiva em recomendar que seus membros não possuíssem uma relação estreita com partidos ou que exercessem cargos políticos, mesmo declarando seu apoio ao opositor de Yrigoyen, Marcelo Torcuato de Alvear, que foi eleito em 1922. É importante apontar também que, segundo Deutsch (2003), ela obteve forte apoio do setor militar, sendo que muitos de seus membros eram oriundos deste setor:

Más de un centenar de oficiales de alto rango figuraron como autoridades de la Liga y como delegados de brigada en los congresos anuales. La participación de la Liga puede haber ayudado a preparar a esos oficiales para futuras actividades antiyrigoyenistas y para la intervención desembozada en política en 1930 (DEUTSCH, 2003, p.108).

Os membros da *Liga Patriótica Argentina* tinham em comum muitos aspectos, como o intenso conservadorismo, mas em muitas outras questões não havia homogeneidade, seja em pontos de vista ou em sua própria formação, como é apontado por Caterina:

La composición social de los integrantes de la Liga variaba grandemente, como era de esperarse en una institución con semejante dispersión geográfica. McGee Deutsch, en base a estadísticas realizadas con los datos existentes (...) sostiene que los dirigentes eran de clase alta, mientras que los miembros de las brigadas eran de condición social inferior. (...) Fácil es advertir que alternaban en la Liga hombres de orígenes sociales y actividades muy diversas (CATERINA, 1995, p.90-92).

Por fim, pode-se observar que a LPA foi uma organização nacionalista fortemente conservadora que representou o maior e mais influente grupo da extrema-direita na época. Sua formação deu início a um longo período de exacerbado sentimento patriota entre a

população argentina, dando origem a novas e diferentes organizações nacionalistas. Desta forma, não se deve considerar que seu declínio ao longo da década de 1930, devido em grande parte à falta de êxito na estrutura de sua organização, diminui o caráter relevante que a *Liga* teve perante a sociedade argentina.

Torna-se de imprescindível necessidade mencionar aqui os demais grupos nacionalistas que se desenvolveram na Argentina e que, inspirados pela grande organização originada na década 1920 - *Liga Patriótica Argentina* -, tornaram-se fortemente atuantes na sociedade durante a década de 1930.

Chegando a somar dezenas de organizações, os grupos nacionalistas argentinos, ainda que guiados por ideais semelhantes, atuaram de maneiras muito diversas em seu país. Como já sabido, não se formou nenhuma grande organização de destaque tanto nacional quanto internacional, como foram a LPA e a AIB. No entanto, dentre os mais variados grupos, como: *Afirmación de Una Nueva Argentina* (ADUNA), *Federación Obrera Nacionalista Argentina*, *Acción Nacionalista Argentina*, *Sindicato Obrero Nacionalista Argentino*, *Legión Nacionalista*, *Revulsión*, *Comisión Popular Argentina Contra el Comunismo*, *Legión Patriótica*, *Asociación Damas Argentina “Patria y Hogar”*, *Legión de Mayo*, etc. , um merece maior atenção: o *Legión Cívica Argentina*.

Esse grupo, fundado em 1931, parece ter apresentado uma relação com o então presidente do país, o General José Félix Uriburu, que demonstrava abertamente sua admiração pelos governos fascistas europeus e que, ao que tudo indica, esteve envolvido na fundação de tal organização. Como seus principais criadores, então, destacam-se o presidente da organização Carlos Ribero, o General Félix Uriburu, Juan Carulla, Rodolfo Irazusta, Julio Irazusta, entre outros membros da elite direitista argentina. Assim, tal como a LPA, a *Legión Cívica Argentina* possuía um caráter nacionalista, e até mesmo proto-fascista, porém mais rígido, estando de acordo com a sua similar brasileira – AIB – no que se refere, por exemplo, a uma negação da democracia representativa.

Tal como a *Liga*, no entanto, a *Legión Cívica* era fortemente apoiada por setores militares da sociedade argentina e uma de suas formas de atuação pode ser descrita como uma espécie de milícia fascista razoavelmente organizada, que seguia uma hierarquia. Assim, oriunda da corrente restauradora do nacionalismo, essa organização possuía forte simpatia pelo fascismo, chegando a ser considerada por Finchelstein como um modelo de inspiração fascista.

Da mesma forma que os integralistas brasileiros, esses legionários também apresentavam certa estrutura simbólica e identitária, sendo mesmo conhecidos como

“camisas-grises”. O mais interessante de se analisar aqui é o fato de que este grupo, que contava com uma Comissão de Imprensa e Propaganda, não possuía um informativo oficialmente ligado ao movimento. Assim, a *Legión Cívica Argentina* procurava estabelecer contato com informativos que professavam ideais condizentes com esta linha ideológica política. Desta forma, alguns jornais noticiavam os acontecimentos e reivindicações do grupo, sendo um deles o *Bandera Argentina*, que apesar de não ser elaborado da mesma forma que o *A Offensiva*, foi um dos periódicos utilizados para noticiar o movimento.

Apesar de não se tornar um movimento de massa esse grupo atingiu certo reconhecimento neste âmbito político, chegando a ser mencionado e descrito pelo próprio líder integralista Gustavo Barroso, em sua obra *O Integralismo e o Mundo*, chegando a classificá-lo como grupo fascista juntamente com o grupo *Revulsión*:

Ha um grande movimento fascista na República Argentina que já se vai concretizando em poderosas organizações. A mais conhecida delas é a Legião Cívica. (...) Sua “brigada de choque” é respeitável. A Legião tem núcleos em todas as províncias e goza de grande simpatia (BARROSO, 1937, p.30 e 31).

Assim como a AIB, a *Legión Cívica Argentina* também mantinha um forte diálogo com os setores sindicais. Esse contato estava presente em seus atos e possuía uma atenção especial por parte de seus dirigentes. O grupo pretendia um Estado corporativo em que os diversos representantes dos trabalhadores tivessem o devido espaço no governo. Apesar de contar com grupos conservadores da direita e das altas camadas da sociedade, a *Legión* acreditava ser essencial o apoio dos trabalhadores, que devido a sua própria condição social estavam mais suscetíveis às influências da ideologia comunista. A historiadora Mariela Rubinzal demonstra mais detalhadamente como se dava essa relação:

La Legión Cívica Argentina (...) orientó su discurso a los trabajadores. En su declaración de principios, seis de los once puntos estaban dedicados a la cuestión del trabajo en sentido amplio, incluyendo las propuestas de los siguientes ítems: un sistema de gobierno basado en la representación gremial, organización de las fuerzas productivas, formación de consejos técnicos legislativos, creación de una Magistratura especial del trabajo, propiedad urbana o rural para los trabajadores, condiciones de salud física y moral para los obreros. La correspondencia dirigida a José Félix Uriburu en febrero de 1932 por legionarios que solicitaban un trabajo formal y estable estaría indicando que muchos trabajadores de bajos recursos efectivamente ingresaron a las filas de la Legión. Dichos legionarios solicitaban el favor del ex presidente y pedían alguna vacante en cualquier repartición oficial aduciendo la mala situación por la que atravesaban. Para justificar el pedido señalaban que habían asistido a todos los desfiles, participado de todos los

entrenamientos militares y habían hecho guardias en las calles cuando se lo habían solicitado (RUBINZAL, 2012, p.122).

É possível encontrar, também, relatos sobre a participação das mulheres nessa organização. Assim, a *Legión*, em alguns aspectos semelhante à AIB nesse sentido, reconhecia o papel da mulher na sociedade, que na visão dos legionários, deveria cuidar do “lar” e colaborar com a formação educacional e moral da população. Posteriormente, essas mulheres, que já haviam desenvolvido trabalhos sociais durante o período áureo da *Liga Patriótica Argentina* e, muitas vezes, se dedicavam aos grupos de direita da década de 1930, por meio do incentivo da Igreja, passam a ter um papel doutrinário muito atuante, como descreve Rubinzal:

Estas mujeres [pertencientes à Liga Patriótica], según explica McGee Deutsch, eran devotas que habían participado de agrupaciones católicas y posteriormente ingresaron a las filas de la extrema derecha como una extensión de sus actividades en la Iglesia. El trabajo social de los grupos femeninos de la Liga intentaba reducir las necesidades e insatisfacciones que producía el sistema capitalista en los estratos más pobres y en la clase trabajadora, como un acto caritativo, con el objetivo de disminuir la influencia de la izquierda en aquellos sectores. Con iguales objetivos, la sección femenina de la Legión Cívica Argentina, fundada en 1931, se dedicó a crear una serie de grupos dedicados a distintas acciones paliativas: ollas populares, alojamientos nocturnos, talleres de costura, “visitas de pobres”, y comisiones del trabajo, de fiestas y de cadetes idearon un sistema de caridad basado en bonos que las personas podían entregar a los mendigos para que éstos, a su vez, los canjearan en algunas casas de comercio. Dicho sistema tenía como objetivo evitar “el vicio y la vagancia. (...) En efecto, antes y después de 1930, la derecha argentina asignó a las mujeres un papel fundamental en las prácticas destinadas a intervenir en la *cuestión social*. No obstante, las actividades de caridad se combinaron con otras de formación doctrinaria. También desarrollaron acciones “educativas” como los Institutos de Enseñanza del Hogar (de la rama femenina de la LCA) que tenían por finalidad capacitar a la mujer para que “dentro del hogar” pueda ayudar al sostenimiento de su familia. En suma, las mujeres nacionalistas promovieron actividades caritativas, sociales, doctrinarias y educativas. (RUBINZAL, 2012, p.146-147)

A *Legión* possuía, ainda, uma entidade filiada chamada *Alianza de la Juventud Nacionalista (AJN)* que, apesar de formada apenas em 1937, visava reunir e formar novos membros da juventude nacionalista do país. O papel principal dessa organização era recrutar adeptos dentre à classe trabalhadora, que representaria, segundo ela, maior perigo devido a sua “tendência subversiva”. Assim, era necessário atrair o maior número possível de trabalhadores e transformá-los em combatentes pela causa do nacionalismo sindicalista.

No entanto, esse grupo de cunho fascista argentino se diferenciava em alguns aspectos de seu similar brasileiro. Bem menos organizada e acentuadamente heterogênea, a *Legión* não conseguiu angariar um número considerável de adeptos como a AIB no Brasil e isso se deve justamente ao fato de o grupo não conseguir criar objetivos coesos que satisfizessem uma ampla parte de seus membros.

Diferentemente da AIB, essa organização também não apresentou um aparato organizado de hierarquia e de ritualismos ou simbologia. Não ao menos como a AIB, ainda que existissem líderes e presidente, a *Legión* não possuiu uma ordem hierárquica autoritária e nem a figura de um líder incontestável do movimento, como foi o papel de Plínio Salgado na AIB.

Ao que parece, a *Legión* foi, antes de tudo, um projeto. Um projeto pensado e idealizado pelo então presidente do país que havia acabado de instalar a Revolução de Setembro argentina – José Félix Uriburu –, mas que só seria colocado em prática por seus amigos ideólogos, entre eles, Juan P. Ramos. Esse projeto era inspirado pelo plano traçado anteriormente pela *Liga Patriótica Argentina* e tinha um grande caráter nacionalista de orientação fascista. Seu papel principal seria arregimentar mais membros para uma efetiva mobilização em prol do avanço da revolução argentina.

Juan P. Ramos entendia que a *Legión* devia seguir os seguintes objetivos: “Completar la obra de septiembre, dar representación a los intereses en el gobierno, restricciones a la libertad de prensa, nacionalismo integral, restricción de los derechos políticos de los extranjeros, etc. (GALLARDO, Jorge Emilio. Artigo: Un proyecto fascista. Revista Idea Viva, 1999, p.29)”.

Este pensador desenvolveu, ainda, um programa de ação para a *Legión* que contava, essencialmente, com nove pontos que buscavam, basicamente, uma continuação do projeto da Revolução de Setembro: modificar a estrutura política do país com base em um *nacionalismo integral*, substituir o sistema de governo daquela época por um governo corporativo, formar conselhos técnicos legislativos e econômicos, afirmar a integridade moral do governo argentino, organizar os direitos individuais, organizar os direitos sociais, entre outros (GALLARDO, Jorge Emilio. Artigo: Un proyecto fascista. Revista Idea Viva, 1999, p.29).

Porém, a eleição de Justo como presidente, em 1932, e a morte de Uriburu colocaram fim ao grandioso plano de ação dessa organização. A falta de uma figura que conseguisse abranger a todos os variados perfis de seus membros foi impactante em sua existência e a partir daí o que restou foi uma organização nacionalista de cunho fascista que possuía adeptos de diferentes setores e que não conseguia se unificar e se fortalecer.

Apesar de apresentar certa forma identitária, como o uso de uniformes em alguma situação, a *Legión* não possuía aspectos ritualísticos ou simbólicos em sua ação. Nesse sentido, ela se bastava em cultuar a figura de Uriburu como o “grande herói da Revolução de 1930” e em pregar um forte sentimento de vingança aos traidores do projeto instalado no país com o golpe de 1930, mas que não seguiu em frente. Sobre o assunto, o historiador José Manuel Azcona pontua:

Obró en la organización del golpe de Estado la influencia y liderazgo de José Uriburu, que representaba a aquellos sectores militares que, en 1919, habían fundado la Liga Patriótica sobre bases ideológicas de extremado nacionalismo antimarxista tan propio de aquella época. Hicieron renacer el culto a los valores de la tradición argentina, sustentada -a su vez- en el mito de la hispanidad, especialmente en aquellos hitos vinculados a la raza, la religión católica y la grandeza nacional. Sus planteamientos políticos eran antidemocráticos y enlazaban con el modelo de dictadura instalado en España por Primo de Rivera y en Italia por Mussolini. En una palabra, se habían convertido en los representantes del fascismo nacional. (...) En cuanto tomó el poder, Uriburu instauró el espíritu de la Revolución de septiembre, como se hizo llamar a este cambio radical de gobierno, y creó una organización paramilitar, la Legión Cívica Argentina, inspirada en el somaten de Primo de Rivera y los fascios mussolinianos. A ello se acompañó la inicial euforia por su advenimiento al poder que duró poco por los azotes de la crisis, lo que le hizo perder las elecciones de noviembre de 1931, que fueron ganadas por Agustín Justo (José Manuel Azcona - El nacimiento del dogma totalitario en la Argentina Contemporánea, s/data).

Sendo assim, a *Legión Cívica Argentina* foi uma organização nacionalista de inspiração fascista que, apesar de não ter se tornado um movimento de massas, obteve certo destaque no âmbito político. Representou o pensamento político de um setor da sociedade daquele país e demonstrou solidariedade para com os governos fascistas da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler.

Terminada a exposição sobre a conjuntura do Brasil e da Argentina e também sobre os movimentos que tratamos neste estudo, espera-se que se tenha atingido, nesse capítulo, o objetivo de apontar os principais aspectos de cada agrupamento. Pode-se, portanto, concluir que, apesar de se apresentarem como movimentos similares, que se baseavam no nacionalismo, os movimentos se comportaram de maneiras distintas, ainda que tenham sofrido as mesmas influências, como a ideologia fascista e o apoio de setores ligados à Igreja.

É interessante externar que, caso o nacionalismo argentino tivesse consolidado um forte líder como foi Plínio Salgado e caso o movimento e ideologias fossem unificados, poderia ter havido mais condições para sucesso destes grupos argentinos na tentativa de chegar ao poder. Tal falta de união apenas permitiu a ascensão de setores do nacionalismo

argentino na década de 1940, sob a figura emblemática de Juan Domingo Perón, responsável por levar o patriotismo argentino a um alto grau de desenvolvimento, caracterizando um dos períodos mais relevantes da história da Argentina. Mas esse caso já é tema para outro estudo.

Como exposto, Brasil e Argentina apresentaram importantes características conjunturais no período. Conhecemos os movimentos que estão no centro deste estudo, a Ação Integralista Brasileira e a *Legión Cívica Argentina*, eleitos para tal por ter estabelecido diálogos. Apresentamos também a *Legião Patriótica Argentina*, que apesar de não ter estabelecido contato com a AIB, teve papel importante para o aparecimento de movimentos de extrema-direita na década de 1930. Apesar das diferenças entre estes agrupamentos que foram salientadas e apresentadas, há um ponto em que estes grupos apresentam enfática semelhança: a difusão de seus pensamentos por meio da mídia impressa. Tanto a AIB quanto a *Legión Cívica* visavam estabelecer uma propaganda ideológica através de jornais e revistas. Por meio destes jornais os movimentos emitiam informação, ideias e também opinião sobre os grandes fatos que ocorriam pelo mundo na década de 1930. Assim, o objetivo do próximo capítulo é apresentar quais eram estes jornais, quais mensagens transmitiam e como interpretavam o cenário político da época.

CAPÍTULO II

OS JORNAIS COMO FONTE: INSTRUMENTOS DE PROPAGANDA E DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL E NA ARGENTINA

Como demonstrado no capítulo anterior, os movimentos nacionalistas de extrema-direita surgidos durante as primeiras décadas do século XX no Brasil e na Argentina apresentaram similitudes e disparidades. Contudo, a influência do fascismo e do catolicismo, além da postura antiesquerdista, antiliberal e antisemita, apontam para uma essência de semelhanças entre eles, permitindo, assim, que se desenvolvessem, em ambas as nações, grupos organizados cujas estruturas demonstraram as mesmas ações e objetivos, ainda que em maior ou menor grau.

Assim sendo, tanto no Brasil quanto na Argentina existiram organizações nacionalistas que, mesmo oriundas de momentos e ambientes diferentes, reuniram um mesmo rol de atividades políticas e sociais, elaborando planos de natureza análoga para o futuro de seus países. Como visto anteriormente, no Brasil, a AIB se consolidou como o principal movimento desta vertente política, se transformando no maior partido fascista fora da Europa. Já na Argentina, existiu uma pulverização destes grupos, sendo os principais, para efeitos deste estudo, conforme já exposto, a *Liga Patriótica Argentina* e a *Legión Cívica Argentina*, este último de cunho fascista e com relações com o Integralismo. Portanto, se no capítulo 1 procuramos delimitar quais são os movimentos que estão no centro deste estudo, neste capítulo a intenção é conhecer os meios pelos quais estes movimentos propagavam suas ideias.

Uma das semelhanças entre os movimentos brasileiro e argentino foi a forma de divulgar e difundir a ideologia por meio de veículos de comunicação, como a literatura, como a imprensa escrita e até mesmo o rádio. Estes grupos nacionalistas, ainda que de maneiras diversas, buscaram, através destes meios, doutrinar seus adeptos e arregimentar novos membros.

No caso brasileiro, formou-se uma rede de jornais e revistas pertencentes à Ação Integralista Brasileira, responsável por sua propaganda em todo o território, algo que divergiu da Argentina, pois o que se encontrou naquele país foi a existência de jornais que, mesmo sob o papel de expandir a ideologia nacionalista, não foram de propriedade de nenhum grupo organizado, embora divulgassem as ações de diversos agrupamentos.

Desta forma, a manifestação ideológica desses movimentos por meio de jornais foi a maneira mais popular de divulgação e doutrinação, sendo que através desse veículo era

possível abranger um grande público. Pelo jornal, os grupos nacionalistas emitiam informações e pensamentos sobre os rumos políticos, sociais e econômicos de seus países, bem como impressões sobre os acontecimentos globais.

Conforme demonstramos, o objetivo desta pesquisa é analisar e avaliar os tipos de relações existentes entre o Integralismo e os movimentos de extrema-direita argentinos. Para tal, nada mais natural que utilizar um dos meios mais atuantes e, portanto, mais reveladores sobre estes movimentos.

Assim, neste momento, serão aqui abordados quais foram os jornais que mais se destacaram em seus países por levar à população reflexões e ideais do nacionalismo de extrema-direita e também apontar os assuntos a que davam mais ênfase, além de quais eram seus principais aspectos e objetivos. No caso brasileiro, o escolhido é o jornal *A Offensiva*, que foi o principal órgão de comunicação da AIB, comandado por Plínio Salgado. No caso argentino, centramos o estudo nas publicações *Bandera Argentina*, *Crisol* e *La Fronda*, que foram os três periódicos em que encontramos, através da pesquisa, referências ao Integralismo. O *Bandera Argentina*, especificamente, contribuiu muito com a divulgação da *Legión Cívica Argentina*, movimento argentino que estabeleceu maior contato com a AIB.

2.1. A imprensa integralista e o periódico *A Offensiva*

Líderes do Integralismo, como Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, davam grande importância para os meios impressos, como forma de repassar a doutrina que defendiam. Em seus livros era possível encontrar uma intensa defesa ideológica e também discussões a respeito do destino da nação brasileira, entre outros temas. Ainda assim, o conteúdo dos livros apresentava uma grande diferença em relação ao dos jornais e revistas, pois, enquanto os livros eram mais teóricos e serviam para a divulgação da ideologia integralista, os jornais assumiam um caráter mais panfletário, ou seja, de propaganda do movimento. Cavalari, também apontou em sua obra a importância destes veículos de comunicação:

A palavra impressa, isto é, o livro e o jornal ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela A.I.B. Era, principalmente por seu intermédio, que a doutrina integralista chegava até o militante. O livro veiculava as ideias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças a sua materialização através do jornal (CAVALARI, 1999, p.79).

A Ação Integralista Brasileira possuía uma vasta lista de obras doutrinárias, bem como uma grande rede de jornais e revistas, sendo esta a forma mais utilizada e mais eficaz para abranger um maior público e doutrinar membros. Seus periódicos se espalhavam por todo o território nacional e veiculavam seus ideais e todo o tipo de informação referente ao Integralismo. Apesar de serem muitos, alguns jornais receberam maior destaque, entre eles estão o *A Offensiva*, o *Monitor Integralista*, o *Acção* e a revista *Anauê*.

O modo como as informações seriam repassadas ao público era algo que merecia grande atenção por parte dos líderes integralistas. Havia um severo cuidado sobre o conteúdo dos jornais, pois, era de extrema necessidade que a doutrina integralista chegasse a todos seus membros e também que houvesse uma paridade entre os impressos do interior do país e os de suas grandes capitais. Sobre isso, Cavalari expõe que:

O jornal era organizado não só com o fim precípua de doutrinar mas, mais do que isso, de transmitir a doutrina de modo uniforme. Os jornais do interior, aqueles que chegavam até o militante mais distante, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do Movimento. No caso, São Paulo e Rio de Janeiro (CAVALARI, 1999, p.79).

Em todo o período de funcionamento da AIB, existiram, ao todo, 138 jornais distribuídos a nível nacional, regional e local (SENTINELO, 2011). Assim, com a preocupação sobre a uniformidade das informações em todos esses jornais, foi criada, em 1935, a rede *Sigma - Jornais Reunidos*, que tinha como função reunir a imprensa integralista. Esta medida, de acordo com Cavalari, fez parte de uma série de ações para promover a melhoria deste sistema de comunicação:

Para garantir o *sentido único* das publicações integralistas, isto é, garantir a unificação do Movimento por meio do pensamento e da orientação doutrinária e garantir a padronização da forma, importantes estratégias de unificação e controle foram adotadas pela A.I.B., a saber: a criação do *Sigma - Jornais Reunidos*, a Secretaria Nacional de Imprensa (S.N.I.) e as *Comissões de Imprensa* (CAVALARI, 1999, p.83).

A intenção era reunir os jornais distribuídos pelo território nacional e colocá-los sob a responsabilidade da rede Sigma e, portanto, da ação direta da Chefia Nacional, formando um imponente consórcio de informação, o que, na prática, porém, parece não ter funcionado muito bem. Já a Secretaria Nacional de Imprensa – SNI -, criada em 1936, agia como orientadora destas publicações e também de forma a censurar e punir informações que

estivessem em desacordo com a ideologia integralista. Papel semelhante era assumido pela Comissão de Imprensa. Portanto, a criação da Secretaria Nacional de Imprensa demonstrou, mais uma vez, a preocupação da AIB com este setor, como defende Bulhões:

Considerando o grande número de jornais ligados ao movimento e o aumento da dificuldade de outras secretarias, como a de propaganda, em coordenar as atividades ligadas à imprensa integralista e monitorar a opinião da imprensa de fora, a AIB cria em junho de 1936 a Secretaria Nacional de Imprensa (BULHÕES, 2007, p. 34).

Assim, podemos perceber como era organizada a imprensa integralista, de forma bastante hierarquizada, e como havia uma preocupação com o conteúdo do que era publicado. O crescimento e a lógica do movimento fez crescer também o aparato de controle das publicações que objetivavam alcançar e doutrinar um número cada vez maior de brasileiros.

Dentre a vasta lista de impressos integralistas alguns merecem maior atenção, seja por sua longa duração ou por seu número superior de exemplares, como é o caso do jornal *A Offensiva*, cujo período de atividade foi de 1934 a 1938, apresentando 748 números. Havia ainda mais sete outros grandes diários e uma variada gama de demais publicações entre revistas e boletins (CAVALARI, 1999).

Desta forma, serão abordadas, neste momento, as informações mais relevantes sobre o jornal *A Offensiva*, que pode ser considerado como o mais importante do movimento. É este periódico que elegemos como instrumento privilegiado para detectar os diálogos com os movimentos argentinos.

Sua importância também se deve ao fato de abranger um grande público, pois sua aquisição era incentivada pelos líderes do movimento. Todos os chefes de núcleo integralista deveriam obrigatoriamente fazer a assinatura do jornal (CAVALARI, 1999; OLIVEIRA, 2009), o que dava a este instrumento uma capilaridade formidável. Rodrigo Santos de Oliveira trabalha a imprensa integralista em sua tese de doutorado e defende a importância do jornal *A Offensiva* para a imagem do Chefe Nacional, Plínio Salgado:

Lembramos que *A Offensiva* era leitura obrigatória de todos os integralistas e esta era a principal forma que Salgado utilizava para se fazer presente em todos os lares. Sua voz, através das páginas de *A Offensiva*, tinha o poder de garantir o seu reconhecimento como “Chefe”, pois eram os seus textos que definiam aquilo que era a ideologia do movimento. Desta forma, o “Chefe” era visto pelo leitor através das páginas do jornal devido à constância do seu nome (OLIVEIRA, 2009, p. 154 e 155).

Além do conteúdo do jornal, também é importante frisar aqui as transformações que ocorreram no perfil deste periódico durante toda a sua existência. Com base em sua análise, é possível notar que, de acordo com as transformações da época e da própria AIB, o informativo pode ser dividido em algumas fases, cada qual com objetivos e características distintas.

Inicialmente com tiragem semanal e posteriormente com tiragens diárias, o jornal *A Offensiva* sempre esteve sob a supervisão de Plínio Salgado, desde seu primeiro número, publicado em 17 de maio de 1934, até sua última publicação em 19 de março de 1938. Primeiramente, Plínio atuava diretamente como diretor e *a posteriori* como um orientador, ficando a função de diretor nas mãos de Madeira de Freitas.

O conteúdo apresentado por este periódico integralista também se alterou durante o tempo de sua existência. Em seu princípio, eram apresentadas doutrinas e ideais integralistas com maior ênfase, além de eventos realizados pelo movimento para agregar seus membros.

Essas características representaram uma primeira fase do jornal que tinha por objetivo principal doutrinar seus membros de maneira uniforme. Com o tempo, porém, novas necessidades foram surgindo e, assim, o *A Offensiva* passou a contar com outras características, entre elas, o fato de o jornal passar a ser publicado diariamente e com maior número de páginas. Assim, nesta, que pode ser considerada uma segunda fase do informativo, novos temas passaram a ser abordados, como esporte, cultura, lazer, casos policiais, bem como opiniões sobre o contexto nacional e também mundial. Porém, “o periódico mantinha clara a posição ideológica da AIB (...) e continuava como porta-voz do movimento” (SENTINELO, 2011, p.101). Estas modificações no conteúdo poderiam expressar também a preocupação em não ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional implementada pelo presidente Getúlio Vargas após a tentativa de levante comunista em 1935. Essa preocupação é abordada por Oliveira:

Se, por um lado, não há mais a preocupação de legitimar a sua existência, devido ao grande número de adeptos, por outro, há a necessidade de justificar por que o movimento/partido não representaria risco para a sociedade e, por esta razão não podendo ser enquadrado na LSN. Isto se reflete nas páginas do jornal de diversas formas: nas palavras de ordem do início de cada edição deixa de aparecer o termo “revolução” e referências à tomada do poder. Também insinuações de que o governo teria características liberais deixam de ser veiculadas. As reportagens de capa sobre as atividades do movimento, com reproduções de imagens de paradas e desfiles ao estilo militar são cortadas (OLIVEIRA, 2009, p. 159 e 160).

Portanto, as modificações no jornal também estavam diretamente ligadas às transformações da AIB. Enquanto o movimento surgia e se organizava, o jornal atuou mais enfaticamente no sentido de orientar e divulgar a ideologia, incentivando a militância revolucionária. Quando a AIB se consolida como movimento, tendo cerca de 380 mil militantes, e transforma-se em partido político, o objetivo também passou a ser a busca por eleitores, o que ocorre mais intensamente quando da pré-candidatura de Plínio Salgado à presidência do país. A terceira fase do jornal consiste no período que vai do final de 1937 a março de 1938, quando, após o golpe de Getúlio Vargas e a consequente extinção de partidos políticos, o *A Offensiva* tenta se desvincular do papel político, muito provavelmente como forma de manter seus membros e o movimento.

A relação dos integralistas com o governo de Getúlio Vargas foi até certo ponto próxima. Não houve nenhuma grande censura estabelecida pelo governo federal ao informativo, situação que se alteraria depois da tentativa de golpe integralista em 1938, já sob o Estado Novo. Contudo, vale ressaltar que, de forma regionalizada, principalmente na Bahia e no Paraná, existiu relevante censura a AIB, situação esta que foi exposta nas páginas do jornal *A Offensiva*.

Essa forte estrutura formada para a imprensa demonstra o quanto essa ferramenta era importante para a consolidação do Integralismo no país, o que, ao longo dos anos de existência dos jornais, foi se comprovando como uma realidade. Para Paschoaleto, a imprensa integralista foi valorizada desde seu início, e mais ainda, quando provou sua eficiência no movimento:

(...) a documentação sugere-nos que os dirigentes da AIB acreditavam que a organização da imprensa integralista exerceria grande influência sobre a organização do próprio movimento e, também, que viam na imprensa periódica integralista um canal privilegiado, superior, inclusive, ao rádio e aos comícios, para que a AIB prosseguisse sua marcha, ou seja, continuasse a crescer, não apenas em termos numéricos, mas como força política e, assim, quem sabe, chegasse ao poder. Daí, provavelmente, os relativos esforços despendidos na procura por organizar uma estrutura impressa do movimento (PASCHOALETO, 2012, p.35-36).

Tendo apresentado as principais características estruturais da imprensa integralista, bem como as transformações vivenciadas pelo jornal *A Offensiva* ao longo de sua trajetória, é de extrema importância mencionar aqui o papel fundamental que os artigos da coluna *Semana-Momento Internacional*, seção presente no jornal *A Offensiva*, assumem para esta pesquisa. É por meio dela, mas não exclusivamente, que se pode analisar as impressões que o

movimento integralista possuía sobre os demais acontecimentos globais, e também prováveis visões internacionais sobre a organização integralista e as relações que se estabeleciam entre os cenários interno e externo. Com a mudança de semanário para diário, o noticiário internacional passou a ter ainda mais destaque no informativo (PASCHOALETO, 2012).

Por meio dessa coluna, pretendia-se apresentar ao leitor o conturbado cenário mundial e suas transformações. Temas como os efeitos da crise mundial e os novos sistemas econômicos e políticos que estavam surgindo eram recorrentes. Por vezes, apresentavam-se os defeitos do liberalismo e o perigo nefasto que o comunismo representava, enquanto que os governos de Mussolini e Hitler eram intensamente exaltados. A Liga das Nações também era alvo de severas críticas por ser, na visão dos integralistas, um órgão fraco e sem autoridade.

Essas informações internacionais, que chegavam ao Brasil por meio de agências de notícias ou por correspondentes, revelam a estreita relação do Integralismo com a ideologia fascista e a simpatia com demais organizações pelo mundo, entre elas o movimento argentino. Para um melhor entendimento sobre o conteúdo da referida coluna, segue a análise de Paschoaleto:

(...) entre 1934 e 1935, o noticiário visava apresentar ao leitor um panorama bastante geral da situação internacional. As exceções ficavam por contas das matérias que versavam sobre o surgimento ou desenvolvimento de movimentos de caráter fascista existentes nos mais diferentes países. Nesse período, não era incomum que os leitores do periódico encontrassem artigos que tencionavam demonstrar não só a existência, mas também o surgimento e o desenvolvimento de vários movimentos de caráter fascista pelo mundo, numa possível tentativa de transmitir a impressão de que a ideologia fascista se encontraria numa fase de franca expansão. De forma geral, tais artigos buscavam transmitir a ideia de que estes movimentos fascistas teriam surgido como uma reação das forças “nacionalistas” e “sadias”, presentes no bojo dos mais diferentes países, ante o perigo do comunismo e à ineficácia dos regimes liberais. Os diversos movimentos de caráter fascista eram apresentados como “congêneres” ao integralismo, e todos, apesar de algumas particularidades e especificidades, partilhavam de muitos pontos em comum, como, por exemplo, o anticomunismo, antiliberalismo e luta pela salvação da “civilização cristã” (PASCHOALETO, 2012, p.54).

Fica evidente nas páginas de *A Offensiva* a preocupação integralista com os acontecimentos externos e a quem a AIB prestava solidariedade e admiração. O Integralismo noticiou de forma veemente os acontecimentos na Espanha, com um posicionamento claro a favor dos comandados pelo General Franco. O informativo também comemorava cada vitória de Mussolini na Guerra da Abissínia. Apesar de existir alguns movimentos congêneres na América do Sul, na questão internacional, o jornal *A Offensiva* tinha olhar preferencial para os

acontecimentos na Europa, berço da ideologia que propagava. Apesar disso, artigos sobre acontecimentos na Argentina, Uruguai, Peru, Chile, também eram veiculados, mas em menor número, ainda mais se compararmos à Itália, Alemanha e Espanha, por exemplo.

Textos contrários às posturas da União Soviética também eram comuns nas páginas de *A Offensiva*. O informativo “denunciava” as mazelas vividas naquele país e também rechaçava muitas das posturas internacionais da URSS. O ataque a Stalin e à União Soviética tinha o objetivo mais do que claro de atacar o comunismo, tendo em vista que o anticomunismo era uma das características mais importantes da AIB.

Vimos, portanto, que o impresso tinha grande importância para os integralistas. Enquanto os livros tinham o papel central de divulgar a ideologia de forma mais densa, com discussões mais teóricas, os jornais tinham a função de divulgar e massificar este conteúdo de forma mais abrangente. Assim, a rede da imprensa integralista, tendo como destaque o jornal *A Offensiva*, representou um papel essencial para o desenvolvimento e consolidação do Integralismo na sociedade brasileira da década de 1930.

Com base na análise dessa fonte pode-se extrair muito sobre a organização integralista como seus ideais, objetivos e suas posições sobre os acontecimentos mundiais. É este instrumento que escolhemos como fonte privilegiada para analisar os diálogos entre a AIB e os movimentos similares argentinos, como o caso da *Legión Cívica Argentina*.

2.2. Os periódicos argentinos: *Bandeira Argentina*, *Crisol* e *La Fronda*

Assim como no Brasil, os movimentos nacionalistas argentinos também utilizaram, ainda que em menor grau, veículos de comunicação impressa, na forma de revistas e jornais. No entanto, a lógica de formação destes grupos, independentes entre si, impediu o desenvolvimento de uma rede de imprensa do nacionalismo argentino, tal como foi a *Sigma* – *Jornales Reunidos* pertencente à AIB.

Nem mesmo a *Liga Patriótica Argentina*, organização nacionalista de destaque nos anos de 1920, chegou a possuir algum tipo de informativo. Seu trabalho no setor de propaganda se dava por meio de reuniões, congressos e militância nas ruas, objetivando a divulgação de seus ideais.

Os grupos estudados não possuíam uma rede própria ou um jornal que fosse o porta-voz de seu movimento, sendo que sua ideologia, atividades e reivindicações eram expostas nos demais periódicos nacionalistas da época, na maioria das vezes, pertencentes a algum

setor conservador da sociedade, ou mesmo, muitas vezes de extrema-direita. Estas publicações, embora não fizessem parte oficial do movimento, estavam de acordo com os rumos destas organizações e com o fortalecimento do conservadorismo no país. Talvez, a única exceção aqui estudada seja o periódico *Bandera Argentina* que, embora não fosse, como já visto, comandado pela *Legión Cívica Argentina*, serviu como importante divulgador deste movimento. O *Bandera Argentina* possuía ligação com a organização ADUNA – *Afirmación de Una Nueva Argentina*, que em certos momentos figurou na capa do informativo.

Depois de longa pesquisa nos periódicos argentinos desta época, a análise será centrada em três informativos, sendo eles, o já citado, *Bandera Argentina*, além de *Crisol* e *La Fronda*. A escolha destes, entre tantos, se deu pelo fato de que prioritariamente estas publicações estabeleceram conexões com o Integralismo no Brasil, através de alguma notícia, opinião ou visita.

Por meio de uma análise realizada sobre estes jornais é possível estabelecer algumas semelhanças entre eles, como a defesa, ainda que com intensidades variadas, do nacionalismo, conservadorismo, antiliberalismo, anticomunismo. Estes jornais representavam a camada mais conservadora da sociedade argentina e compactuavam com os ideais em desenvolvimento no país.

Finchelstein (2010) aponta que estes periódicos também tinham ligação direta com o governo italiano através da embaixada em Buenos Aires. Segundo este autor, os periódicos recebiam, inclusive, apoio financeiro para as suas atividades. Essa relação mostrar a importante influência exercida pelo fascismo italiano nas páginas destes periódicos:

Durante la década de 1930, pero en especial desde 1934 hasta 1941, la embajada italiana en Buenos Aires se ocupó in situ de la propaganda italiana. Los funcionarios diplomáticos tomaron sus decisiones acerca de qué diarios debían ser influenciados y subsidiados. El Ministerio de la Propaganda (...) en Roma, sin embargo, tomaba las decisiones finales acerca de a quién apoyar. (...) Como la Roma Press lo había hecho antes, la propaganda institucional fascista apoyó y subsidió a los principales periódicos católicos (...). El Ministerio de la Propaganda también ofrecía noticias telegráficas gratuitas y suscripciones a los periódicos fascistas; distribuía declaraciones de interés de Mussolini y de Ciano; y lo que era más importante aún, repartía dinero a periódicos nacionalistas como *Bandera Argentina*, *Crisol*, *El Pampero* y *La Fronda*. Para los expertos en propaganda fascistas, el dinero dado a los nacionalistas no representaba un incentivo, sino una recompensa por su constante apoyo al fascismo italiano, es decir, por su “posición filofascista”. Según estos funcionarios fascistas, el fascismo compartía un espíritu de “camaradería” con el nacionalismo argentino. Estos diarios recibían apoyo por su “constante y clara posición con respecto al bolchevismo y la internacional judeo-masónica”. De este modo, para los propagandistas fascistas, los nacionalistas argentinos y su prensa estaban de

su mismo lado en la “lucha ideológica mundial” (FINCHELSTEIN, 2010, p.185-186).

Tal como Finchelstein, Prislei(2008) também expõe o caráter nacionalista desses jornais, e apoia a afirmação sobre a relação de intimidade entre eles e a ideologia fascista por meio de agências italianas de informação:

En cuanto a *Crisol*, órgano católico-nacionalista, con un tiraje de 3.000 ejemplares (...) usa los servicios de información internacional Transocean y Stefani, las agencias nazi y fascista, y reconoce que tiene contacto personal con Cabalzar, quien le proporciona material partidario y algunas “pequeñas subvenciones” dado que combate enérgicamente el “judaísmo y la influencia anglo americana en la Argentina”. Otro órgano nacionalista es *La Fronda* que reúne los mismos rasgos y las mismas prebendas de *Crisol*. Por fin, *Bandera Argentina* con un tiraje entre 10 y 15.000 ejemplares (...) informado internacionalmente por Transocean y Stefani, también reúne las características mencionadas para los dos anteriores (PRISLEI, 2008, p.22).

Sem dúvida, esta proximidade com o fascismo italiano é mais um fator que corrobora para a escolha destes jornais. Embora fosse vasto o campo de publicações, conforme já comentado, estas três exprimem bem as relações que procuramos dentro do nacionalismo de viés de direita na Argentina.

Esses jornais também contribuíam para aplacar as grandes greves da época e para arregimentar trabalhadores grevistas para o ideal defendido pelos grupos que comandavam as publicações. De acordo com o trabalho realizado por Mariela Rubinzal (2012), o mundo sindical também estava incluído na pauta dos mais destacados periódicos que serviam a estes grupos argentinos. Portanto, Rubinzal aponta que reunir a grande massa ao nacionalismo também era uma preocupação dos fundadores de jornais nacionalistas, como *Crisol* e *Bandera Argentina*, entre outros. Assim, segundo ela:

El diario *Bandera Argentina* (1932-1940) [...] merece ser destacado junto a *Crisol* ya que como se ha señalado estos dos periódicos “compartían la crítica al aislamiento nacionalista y defendían la necesidad de incorporar amplias masas del pueblo a sus filas (RUBINZAL, 2012, p.241-242).

Para atingir a grande massa, ou seja, a classe trabalhadora da Argentina, esses jornais incluíam em seus números colunas dedicadas exclusivamente às questões ligadas a este setor, tentando, assim, empreender um chamamento destes trabalhadores ao movimento nacionalista, então em desenvolvimento no país. Para demonstrar a veracidade de tal tática, Rubinzal cita o colunista do *Bandera Argentina*, que assim como seus colegas de profissão, também tentava estabelecer contato com os trabalhadores:

Otro ejemplo fue el de Roberto Rolón, columnista del periódico *Bandera Argentina*, quien también combinó la militancia política con la tarea periodística. (...) Rolón fue militante del Partido Fascista Argentino y luego se desempeñó como presidente de la Unión Sindicalista Argentina. En definitiva, el trabajo periodístico dentro del universo nacionalista se encontró íntimamente asociado a la participación de los columnistas en entidades y organizaciones. Este hecho determinó ciertas características de las publicaciones que fueron una herramienta a través del cual se podían incorporar nuevos adherentes de los sectores populares a las filas nacionalistas (RUBINZAL, 2012, p.244).

Por meio de suas colunas, esses jornalistas adeptos do movimento nacionalista, principalmente do jornal *Crisol*, assumiram um discurso de defesa das greves ao mesmo tempo em que criticavam atitudes radicais dos trabalhadores, gerando controvérsias entre os próprios nacionalistas. Ao se analisar os jornais, pode-se perceber que, enquanto o *Bandera Argentina* evocava uma forte postura contrária e de severa crítica às greves, o periódico *Crisol* variava seu discurso, o qual apresentava ora crítica, ora apoio ao setor trabalhista.

Enfim, cabia a estes jornais apresentar um plano nacionalista baseado na ala da direita política para a grande massa de trabalhadores que, por vezes, se sentia impelida a aderir aos discursos da esquerda, como é notado por Rubinzal:

Este discurso coincidía con la proliferación de agrupaciones obreras nacionalistas que el periódico promovía desde sus páginas. Estas agrupaciones (...) pretendieron captar no sólo a los trabajadores independientes sino también a los obreros de izquierda. Según los nacionalistas muchos obreros se vieron obligados por circunstancias de extrema necesidad a adherir a la propuesta de revolución social y a afiliarse a los sindicatos de izquierda. La insuficiencia de la opción represiva para erradicar el comunismo implicaba la construcción de una alternativa nacionalista para los sectores populares que fuera tan motivadora como el discurso comunista, “que sea también una esperanza de redención para las masas oprimidas.” (RUBINZAL, 2012, p.247-248).

Tal como o jornal brasileiro *A Offensiva*, estes periódicos argentinos, aqui destacados, também apresentaram, em maior ou menor grau, certa simpatia pelos movimentos fascistas europeus que ascendiam no cenário mundial. Nesse quesito destaca-se o jornal *Bandera Argentina*, que circulou entre 1932 e 1940, que, dos três periódicos aqui apresentados, é o que mais se assemelha ao *A Offensiva*, tanto em conteúdo, quanto no aspecto estético.

O informativo foi fundado em 1932, pelo intelectual nacionalista de grande influência Juan Emiliano Carulla, que demonstrou uma forte tendência à ideologia fascista, tendo elaborado textos positivos sobre a Alemanha e Itália em um claro sinal de solidariedade

com estes regimes. Os acontecimentos na Espanha também foram noticiados, como a partida de voluntários para lutar na Guerra Civil Espanhola. O jornal se colocou claramente a favor dos nacionalistas comandados pelo General Franco.

No campo internacional, não houve notícias apenas sobre os acontecimentos na Europa no *Bandera Argentina*. Esse jornal também noticiava episódios nos países sul-americanos, como o Brasil, Uruguai, Paraguai, entre outros, procurando informar, a seu modo, os acontecimentos nos vizinhos mais próximos do país.

O *Bandera Argentina* pode ser caracterizado como um jornal extremamente nacionalista e anticomunista que demonstrou solidariedade aos regimes fascistas e que abria espaço para notícias de diversos agrupamentos políticos.

O periódico *Crisol*, fundado em 1932, pelo padre Alberto Molas Terán e, posteriormente, dirigido por Enrique P. Osés, teve um papel relevante em relação às atuações da Igreja Católica no movimento nacionalista. O periódico circulou até 1944, alcançando grande longevidade. Segundo seus redatores, alcançou a marca de 22.500 exemplares (RUBINZAL, 2008), o que é, sem dúvida, uma quantidade significativa. O que é ainda mais significativo é que, apesar de não ser o órgão oficial de nenhuma agremiação, a *Legión Cívica Argentina* comprava cerca de 10 mil exemplares por mês do informativo, para que pudesse fazer a distribuição de seus ideais pelo interior daquele país (RUBINZAL, 2008). Esse fato mostra o quanto existiu uma ligação próxima entre o *Crisol* e a *Legión*.

O *Crisol* também demonstrou aproximação com ideais fascistas e noticiou em diversas oportunidades informações sobre acontecimentos na Itália e Alemanha. A título de exemplo, podemos citar uma matéria intitulada “La sistemática campaña de mentiras contra el nacionalismo alemán” (*Crisol*, Argentina, p. 3, 8 Jun. 1933).

Aliado a mensagem, por vezes contraditória do jornal *Crisol*, encontrava-se um forte discurso antissemita. Muitas vezes, o periódico fazia acusações de que os males que os trabalhadores sofriam, que geravam as greves, estavam diretamente ligados aos judeus e ao papel que empregavam na sociedade. Assim, perante outra grande greve do setor têxtil,

El periódico *Crisol* argumentó que los empresarios textiles tenían a sus trabajadores bajo un régimen y un trato inhumano porque así se lo demandaban los “Protocolos de los sabios de Sión”. En numerosas oportunidades propusieron -tanto el director como los distintos columnistas- la “eliminación de los judíos” arguyendo que los miembros de esta comunidad no tenían una nacionalidad, y que por lo tanto un Estado podía tratarlos como “seres aparte” y suprimir las actividades de los capitales israelitas e, inclusive, eliminarlos “total y sistemáticamente” del país (p.249). *Crisol* afirmaba que la industria textil estaba “acaparada y dirigida por

judíos”, lo cual explicaría la *real* causa del conflicto que se desató en la textil Grafa. En su perspectiva, los judíos, que eran una “raza maldecida”, estaban de los dos lados: eran los explotadores y también los líderes de las agrupaciones de izquierda: “Judíos que explotan y judíos que hacen el clima a esa explotación son el verdadero enemigo del obrero. Pero esto es celosamente silenciado por las organizaciones que se abrogan su defensa. (...) Porque todas esas agrupaciones han sido copadas también por los judíos, que en la campaña electoral realizada por el socialismo obrero llegaron a formar más del setenta por ciento de sus oradores.” (RUBINZAL, 2012, p.250).

Para justificar a campanha em favor dos trabalhadores, bem como imputar responsabilidades aos judeus, esse jornal também publicava supostas cartas de trabalhadores que se diziam explorados pelos patrões judeus e que pediam ajuda para a resolução dos problemas referentes à grande massa trabalhadora e a intervenção da imprensa no assunto. Esse antissemitismo foi ficando ainda mais forte com a passagem do tempo.

Segundo Rubinzal (2012), apesar do grande empenho desta esfera da imprensa argentina para atrair um grande número de trabalhadores ao nacionalismo, este objetivo não obteve êxito. Mesmo ao denunciar situações extremas e até ao apoiar algumas de suas ações, não houve uma relevante adesão deste setor ao movimento conservador e às organizações nacionalistas do país.

En suma, los discursos nacionalistas a favor de las demandas obreras que publicó *Crisol* en su columna gremial recogieron muestras de adhesión entre sus lectores. Sin embargo, este discurso fue ineficaz para conseguir el objetivo final de convertir a los obreros argentinos en militantes nacionalistas. La ambigüedad fue uno de los problemas más importantes de la prensa nacionalista ya que si bien expresó la intención de captar a los trabajadores a través de un periodismo “comprometido”, no pudo desprenderse de una concepción jerárquica de la sociedad. Asimismo, este periodismo - como el de *Crisol*, *Bandera Argentina*, *El Pampero*- utilizó un tono de denuncia y defendió los derechos de los trabajadores relativos a la cuestión salarial y al mejoramiento de las condiciones de trabajo pero condenó las expresiones políticas de los trabajadores (RUBINZAL, 2012, p.251).

Outra importante característica de *Crisol* é o forte anticomunismo. O periódico denunciava ações de comunistas dentro e fora do país, se posicionando claramente a favor da repressão a esta corrente ideológica.

O fato de não pertencer a nenhum grupo deste âmbito político, como já foi salientado anteriormente, fez com que o *Crisol* estabelecesse relações com diversos grupos e noticiasse suas atividades. A *Legión Cívica Argentina* obteve bastante destaque e estabeleceu boas relações com o informativo, inclusive, como já vimos, comprando uma boa quantidade de

jornais. Mas é possível encontrar notas da *Acción Nacionalista del Argentina*, do *Partido Fascista da Argentina*, da *Federação Obrera Nacionalista*, do *Accionalismo Corporativo*, entre outras.

O jornal *Crisol* também estava atento para seus vizinhos na América do Sul, apresentando a seus leitores notícias do Brasil, do Uruguai, do Chile, do Peru, entre outros. Seus membros atentavam para a conjuntura destes países e também para movimentos com aspectos ideológicos semelhantes aos quais defendiam.

Assim, entre as características mais marcantes de *Crisol*, podemos elencar o antissemitismo, o anticomunismo, o antiliberalismo, o nacionalismo exacerbado e a solidariedade com o fascismo, muito embora em menor teor do que o *Bandera Argentina*. A respeito deste antissemitismo, o historiador Juan Luis Carnagui, defende que não se trata do mesmo sentimento vivido na Alemanha Nazista, estando mais ligadas a questões religiosas relacionadas ao cristianismo:

Cabe señalar, que esta concepción de antisemitismo dista mucho, a pesar del discurso filonazi del *Crisol*, del antisemitismo new age que se desarrolló en la Alemania hitlerista, donde la diferencia con los judíos es planteada en términos raciales y, fundamentalmente con las Leyes de Nuremberg de 1935, se era o no judío por una cuestión biológica. Por el contrario, el peligro representado por el judío según la óptica del periódico, residía más bien en la negación a Cristo que podría ser subsanada rápidamente mediante la conversión. Este es el típico antisemitismo que encuentra sus tradiciones más antiguas en la edad media (CARNAGUI, 2007, p. 23 e 24).

Por sua vez, o jornal *La Fronda* nasceu em um contexto anterior a *Bandera Argentina* e *Crisol*, sendo fundado no mesmo ano da *Liga Patriótica Argentina* (1919) por Francisco Uriburu. Possuiu um caráter mais condizente com sua época, ou seja, de contestação ao governo do país, principalmente representado pelo presidente Hipólito Yrigoyen em seus dois mandatos. Beired defende que a publicação obteve um papel de grande relevância para o cenário em análise.

Também foi muito importante o papel desempenhado por *La Fronda*, jornal diário fundado em 1919, no qual escreveram muitos dos que iriam compor o nacionalismo de direita. O jornal sustentava posições conservadoras e críticas à democracia, à imigração e ao “yrigoyenismo” – corrente do radicalismo que era liderada pelo presidente Hipólito Yrigoyen e buscava mobilizar o eleitorado popular e de classe média urbana (BEIRED, 1999, p.32).

Até a segunda vitória de Yrigoyen para a presidência da república, *La Fronda* mantinha um caráter conservador, mas ainda democrático. O rompimento com essa linha de pensamento se deu com o advento do golpe de Estado de 1930, encabeçado pelo General Félix Uriburu. O golpe foi amplamente apoiado pelo informativo que a partir daí começou a externar um caráter mais autoritário (CARNAGUI, 2007).

O *La Fronda* foi um dos periódicos que contribuiu para manter e cultuar a imagem do General Uriburu. Entre as suas principais características estão, portanto, o caráter nacionalista conservador com um viés anticomunista bastante exacerbado. Contudo, se diferencia de *Crisol*, pois seu conteúdo é menos veemente, ou seja, o tom é menos radical (CARNAGUI, 2007). O periódico também esteve atento aos seus vizinhos e publicações envolvendo o Brasil são perceptíveis em suas páginas ao longo de toda a trajetória pesquisada.

Com base no exposto, portanto, pode-se concluir que, apesar de os mecanismos para a difusão da ideologia nacionalista e para a arregimentação de novos membros ao movimento terem sido similares - mídia impressa -, sua estrutura e discurso divergiram em muitos aspectos.

No caso brasileiro, percebemos uma grande organização voltada à imprensa, com uma rede forte e hierarquizada, comandada por um único grupo – a Ação Integralista Brasileira. O jornal *A Offensiva* se tornou referência para a extrema-direita brasileira, principalmente, é claro, para os integralistas.

Na Argentina, porém, realizar um levantamento dos jornais e de grupos que advogaram um nacionalismo fervoroso no país neste período estudado não é uma tarefa simples. Existiram dezenas de periódicos e agremiações que, de certo modo, poderiam ser retratados em um trabalho específico sobre este assunto, enfocando apenas aquele país. Contudo, este estudo tem como principal objetivo averiguar os diálogos entre o Integralismo e o movimento de cunho fascista na Argentina, sendo este, como vimos, o *Legión Cívica*. Para este intento, três periódicos no país platino foram selecionados, por apresentar estes contatos: *Bandera Argentina*, *Crisol* e *La Fronda*.

Sem a mesma organização brasileira, estes três periódicos procuraram transmitir a ideologia que professavam, tentando influenciar o maior número de pessoas possível. Em maior ou menor grau, obtiveram sucesso em alguns casos, mas não conseguiram contribuir para transformar este sentimento em um movimento de massa, como foi o caso da AIB.

Assim, o objetivo deste capítulo foi, justamente, apresentar estes três periódicos argentinos e o jornal *A Offensiva*, bem como discorrer sobre as principais características destes informativos, muitas delas similares. É sabido, também, que a imprensa dos referidos

países apresentavam suas posições sobre os acontecimentos mundiais relacionados, principalmente, ao colapso do liberalismo, ao perigo do comunismo e do judaísmo e à grande ascensão dos movimentos fascistas em todo o mundo.

Assim, utilizando-se como fonte os jornais destacados ao longo destas páginas, o objetivo do próximo capítulo será apresentar as relações estabelecidas entre o Integralismo e os movimentos nacionalistas de extrema-direita na Argentina, especialmente o *Legión Cívica*. Esse exercício contribuirá para o objetivo central desta dissertação que é identificar o tipo de relações existentes entre estes grupos e se houve identificação ou divergências.

CAPÍTULO III

OS DIÁLOGOS ENTRE O INTEGRALISMO E A EXTREMA-DIREITA ARGENTINA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Vimos, nos capítulos anteriores, a demonstração da existência de diferentes grupos nacionalistas e/ou fascistas que surgiram e se desenvolveram, cada um conforme suas necessidades e objetivos, no Brasil e na Argentina, países vizinhos do Cone Sul. Conforme foi apontado, esses grupos, cujos ideais eram análogos em certa medida, já que possuíam metas próximas e inimigos em comum, bem como princípios semelhantes, foram organizados de maneiras díspares e apresentavam diferentes características.

Por meio da análise dos jornais já mencionados, foi possível notar a grande admiração de seus dirigentes pelos movimentos fascistas europeus que ganhavam cada vez mais destaque. Esta atenção voltada ao fascismo italiano e ao nazismo alemão, além de outras organizações fascistas espalhadas pelo mundo, pode ser percebida nas muitas páginas desses noticiários dedicadas à explicação de suas doutrinas e de seus, segundo as publicações, “admiráveis atos contra a liberal-democracia e o comunismo”, além da demonstração de seus exitosos objetivos alcançados.

Muito já foi dito sobre as particularidades dos movimentos nacionalistas e fascistas citados, no que diz respeito a sua organização e a seus métodos de ação em cada um de seus países, bem como sobre os principais jornais que colaboraram para a difusão de seus ideais em suas sociedades. Cabe agora, portanto, verificar detalhadamente como se deram as relações entre o Integralismo e a *Legión Cívica Argentina*, encontradas nos meios de comunicação indicados, visando identificar os pontos em que seus valores e doutrinas se divergiam ou convergiam, além de apresentar como os movimentos se tratavam e se relacionavam e como lidavam com a situação internacional em que os movimentos e regimes fascistas se destacavam e ascendiam acentuadamente. Outras notícias que, porventura, estabeleciam contatos também serão retratadas neste capítulo. Espera-se, assim, contribuir para a já vasta bibliografia sobre o fascismo, bem como elucidar o desenvolvimento e as relações estabelecidas entre alguns movimentos de cunho fascista na América do Sul.

Estabelecer a forma de relacionamento entre os grupos fascistas existentes durante o período entre guerras é uma tarefa árdua e de bastante complexidade devido aos vários rumos que tal caminho pode tomar. No entanto, tal análise é de grande contribuição para a história desses movimentos, sendo consideradas, porém, as devidas precauções e cuidados para não torná-la passível de avaliações equivocadas.

Antes, porém, de passar para a descrição das relações encontradas nas fontes em que se baseia esta pesquisa, é necessária uma breve explanação sobre a tentativa de aproximação de movimentos e regimes fascistas durante a década de 1930. Em nosso entendimento, as dificuldades expostas nestas tentativas podem contribuir para uma melhor compreensão das relações vivenciadas pelo Integralismo e a *Legión Cívica Argentina*. Assim, este exercício, mesmo que realizado de forma concisa, é de grande relevância para este estudo.

Posteriormente à Segunda Guerra Mundial, foram realizados incontáveis trabalhos sobre a experiência fascista, bem como um imensurável número de obras sobre sua conceituação, sua aplicação na sociedade e a explanação sobre suas possibilidades históricas.

Alguns destes estudos trataram de uma questão que para esta pesquisa torna-se bastante interessante, que foi o estabelecimento do tipo de relação entre os grupos fascistas e nacionalistas espalhados pelo mundo e a possibilidade efetiva de uma união entre eles para enfrentar os principais valores contra os quais lutavam, a saber: o comunismo, o judaísmo e a liberal-democracia. Essa solidariedade ideológica encontrava outra relevante característica presente em todos estes grupos: o intenso nacionalismo. Assim, até que ponto o forte nacionalismo presente em cada um destes movimentos ou regimes, ajudou ou atrapalhou a ligação entre eles e a formação de uma união internacional contra seus inimigos comuns?

É neste momento, portanto, que as tentativas de criação de uma “Internacional Fascista” podem contribuir para esclarecer esse problema, já que, como o historiador João Fábio Bertonha salienta:

(...) os diferentes fascismos formavam uma unidade, mas dentro da qual havia espaço para imensas diversidades e projetos de mundo diversos (gerando competição e conflito) e que justamente um dos seus traços comuns – o nacionalismo exacerbado – fornecia o elemento que impedia a solidariedade completa entre eles (BERTONHA, 2008, p.85).

Parece claro que cada grupo ou organização, sejam eles apenas nacionalistas conservadores ou pertencentes àquilo que podemos classificar como a família dos fascismos, esteve sujeito a um contexto político e a uma sociedade diferentes daquela que originou o fenômeno – a Itália -, ainda que semelhanças possam ser encontradas. Portanto, a questão que se abre aqui é compreender como esse novo viés político, que se espalhou rapidamente por outros países, interpretou essa expansão e seus desdobramentos.

Apesar, portanto, das diferenças existentes entre cada um deles, tanto de ordem ideológica e organizacional, quanto de ordem conjuntural, houve um período em que se desenvolveu uma tentativa de unificá-los, como é demonstrado por Bertonha:

(...) houve [...] no período dos fascismos “clássicos” entre as duas guerras mundiais, uma experiência de convivência entre os diversos movimentos e regimes fascistas (ou que se aproximavam do fascismo) e de criação de uma “Internacional Fascista” para tentar coordenar e aproximar esses grupos (BERTONHA, 2008, p.83).

Resguardada, portanto, a existência de tais diferenças que, por vezes, poderiam produzir ações conflitantes entre esses grupos, que não apresentavam um pensamento unânime entre o movimento fascista da Itália, o fato é que Mussolini, líder do fascismo italiano, desenvolveu um programa de união e universalização da ideologia fascista aos moldes da Internacional Comunista. O objetivo era consolidar a força desses grupos e empenhá-los contra seus inimigos, sendo, nesse momento, estabelecido um contato com o próprio Integralismo brasileiro.

Além disso, de acordo com Bertonha (2008), o objetivo do programa de Mussolini visava mais a uma motivação dos diversos movimentos nacionalistas e fascistas em favor dos pontos defendidos pelo fascismo italiano, do que expandir o fascismo como um modelo ideológico a ser seguido. Essa tentativa italiana ganhou maior ênfase após a eclosão da crise econômica de 1929 e também da rápida ascensão do nazismo alemão. Portanto, a mudança da conjuntura mundial obrigou uma mudança estratégica em seus planos em relação à internacionalização do fascismo, sendo então esta ideologia vendida, nas palavras do autor, como um “remédio universal” (BERTONHA, 2008, p.89).

Por meio da propaganda e da ação nas colônias de imigrantes italianos nos países com grupos favoráveis ao fascismo, iniciou-se uma série de atividades para agregar novos membros e consolidar o projeto da “Internacional Fascista”. É nesse momento ainda, 1933, que se forma na Itália o órgão institucional *Comitati d'azione per l'universalità di Roma* (CAUR), que visava:

(...) integrar os movimentos fascistas mundiais em uma agremiação formada por participantes teoricamente autônomos, mas que deveriam manter os traços comuns de nacionalismo, corporativismo e valorização da juventude como força revolucionária (BERTONHA, 2008, p. 90).

A partir daí, foram realizados congressos para a efetivação do projeto fascista, mas aos poucos o projeto foi perdendo força. Diante da inexistência de grupos fortemente consolidados e coesos, da recusa desses grupos em se submeterem ao núcleo italiano e também da não cooperação do movimento nazista alemão para a causa (já que os próprios nazistas também possuíam o desejo de expansão do nazismo, ainda que não o tenham

colocado efetivamente em prática devido a seu caráter imperialista e racista), o programa da internacionalização do fascismo entra em decadência.

Vimos, portanto, que, por razões diversas, a ideia de uma “Internacional Fascista” não pôde ser concluída e aplicada de fato, tal como demonstra Bertonha:

(...) algum nível de diferenciação há e não apenas as relações entre Berlim e Roma e entre os diferentes fascismos nesse fim da década de 30 jamais conseguiram se livrar desses problemas de fundo, dessas contradições entre solidariedade e competição ideológica e entre solidariedade ideológica e competição geopolítica [...], como elas acabaram por destruir qualquer possibilidade de construção de uma “Internacional Fascista” (BERTONHA, 2008, p.93).

Apesar, porém, da falha dessa tentativa de expandir o fascismo como forma de combate aos mesmos inimigos, é errôneo pensar que toda e qualquer relação pacífica não poderia ser estabelecida entre as diversas organizações deste cunho político espalhadas pelo mundo (as relações entre o próprio fascismo italiano e o nazismo alemão podem comprovar). Tanto as relações entre o fascismo e o nazismo, como aquelas estabelecidas entre estes e os demais grupos, demonstram a possibilidade de uma união, ainda que interesses nacionais devam ser levados em consideração.

É nesse sentido, nesta lógica da dicotomia solidariedade ideológica/competição nacionalista, que se tentará expor nesse capítulo as relações e ligações entre o Integralismo e a *Legión Civica Argentina*, ambos, movimentos que podem ser englobados no âmbito fascista e que desenvolveram contatos entre si e com os movimentos fascistas europeus.

3.1. Os diálogos internacionais da AIB e o nacionalismo de cunho fascista argentino nas páginas de *A Offensiva*

Para a análise de tal problemática serão considerados aqui os anos em que o jornal *A Offensiva* esteve em atividade, 1934 a 1938, sendo que a escolha desse jornal, como já explicado anteriormente, se deve a sua importância e abrangência em grande parte do território nacional e também internacional, como poderá se verificar ao longo dessas páginas.

É importante lembrar, também, que apesar de se basear na relação entre o fascismo italiano e o nazismo alemão, bem como no caso da “Internacional Fascista”, a comparação entre a relação do Integralismo brasileiro com a *Legión Civica Argentina* difere em um ponto fulcral com os citados fascismos europeus: diferentemente daqueles, estes não assumiram

posições de forte poder em suas sociedades, nem conseguiram ascender aos governos de seus respectivos países.

Durante todo o período de sua existência, o jornal integralista *A Offensiva* sempre esteve atento aos acontecimentos internacionais. Apenas a partir de 1936 e, principalmente em 1937 – ano de forte propaganda eleitoral de Plínio Salgado –, os assuntos internacionais passaram a ter menor espaço. É interessante notar, no entanto, que, ainda que o foco deste trabalho seja analisar as relações entre o Integralismo e seus pares argentinos, o jornal também mencionava os demais países, em especial Itália e Alemanha, como já exposto, e também os muitos países onde a ideologia fascista ou algo próximo a ela se desenvolvia. Notícias sobre os países da América do Sul eram muito frequentes, embora prevalecesse nas páginas de *A Offensiva* o enfoque para a Europa, algo que se pode classificar como ‘normal’ nesse período.

Entre os outros movimentos que também receberam a atenção do Integralismo está a Falange Espanhola, sendo que este grupo se destacaria, ainda, como poderemos ver posteriormente, entre a mídia nacionalista argentina. Esta organização foi considerada, senão como um movimento propriamente fascista, bem próxima de tal ideologia. Sua solidariedade para com os demais povos de língua espanhola, além de seu desejo imperialista de unificá-los e transformá-los em uma América Hispânica, foi associado ao projeto da “Internacional Fascista” italiana (BERTONHA, 2013). Este movimento nacionalista espanhol recebeu especial atenção de Gustavo Barroso em sua obra *O Integralismo e o Mundo*, de 1937:

Segundo a doutrina expressa com verdadeiro talento e grande clareza no volume “Arriba España!” por J. Pérez de Cabo, a organização fascista da Península que tomou o nome de Falange Espanhola (...) entende que já se apagou o brilho do liberalismo político e econômico na amargura dos desenganos, e que a tarefa do presente é fazer retornar os homens às normas eternas da disciplina e da moral. Para isso, a juventude dos Espanhóis, seguindo o exemplo de todas as juventudes do mundo, consciente de sua responsabilidade perante a história, se preocupa com os problemas nacionais, medita sobre eles e age em prol duma recomposição dos equilíbrios sociais. (...) Então, no meio da geral decepção, ecoou o clarim do nacional-sindicalismo espanhol. (...) A Falange Espanhola basêa-se em sindicato e milicias. [Ela] combate o comunismo, o liberalismo, o judaísmo e a maçonaria, contando já nas suas fileiras com 23 mártires, assassinados pelos comunistas. O seu grito de guerra é: Arriba España! Tem sido bastante perseguida pelo governo espanhol (...). O número de aderentes, porem, crescendo sempre até que um dia: “A bandeira da Falange tremulará sobre todos os espanhóis que, á sua sombra, verão crescer a Espanha livre e feliz com êste lema: Patria, Justiça e Pão” (BARROSO, 1937, p.62, 64, 66 e 67).

Além da Falange Espanhola, outros grupos simpáticos ao fascismo, como os de Portugal, França, Peru, México, Chile, entre outros, também obtiveram considerável destaque entre os integralistas, fato que aumentava a possibilidade de contato entre esses parentes de ideias, como apontado por Bertonha:

Lo que queda claro [...] es que los diversos movimientos fascistas del continente no estaban solos. Publicaciones, noticias, informaciones y en algunos casos subsidios económicos, entre otros, se recibían desde Europa e inculcaban a los latinoamericanos el sentimiento de una lucha común y transnacional (BERTONHA, 2013, p.41).

Posto isso, passaremos a analisar agora as referências a *Legión Civica Argentina*, grupo de ideologia similar ao Integralismo, que foram retratadas de alguma forma no jornal *A Offensiva*. Apontamentos sobre temas interessantes relacionados ao fascismo e à sua possibilidade de expansão e de união entre os demais grupos e, ainda, a própria visão que o Integralismo tinha sobre o fascismo e seus movimentos derivados também serão levados em consideração.

No primeiro ano de existência do jornal integralista, 1934, já é possível encontrar notícias interessantes referentes aos movimentos nacionalistas de outros países, como a Argentina, inclusive. Ao longo desse ano, além de assuntos como a relação do Integralismo com o catolicismo, informações sobre as diretrizes e doutrinas e sobre a revolução integralista em desenvolvimento, apareceram também eventos, como o chamado *Congresso Eucarístico de Buenos Aires*, que reuniu católicos brasileiros e argentinos e que também recebeu destaque (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 2 e 6, 13 de Set. 1934; _____, Capa, 4 Out. 1934; _____, p. 3, 25 Out. 1934).

Ainda nesse ano, mais precisamente em 18 de outubro, surgem artigos interessantes de se analisar, como o de Luis da Câmara Cascudo, intitulado *O integralismo é uma cópia?*, em que o autor explica que “o integralismo não é uma cópia, é uma fórmula brasileira do fascismo” (CASCUDO. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 2, 18 Out. 1934). Essa discussão teria se originado a partir de uma comparação entre o gesto de saudação integralista, em que seus adeptos pronunciavam a palavra “Anauê” com os braços entendidos para cima, e o “Heil Hitler” dos nazistas alemães. É inegável tal semelhança e a partir da análise dos jornais argentinos também foi possível notar que o mesmo problema surge com o movimento nacionalista argentino.

Nessa mesma página, há outro texto, com o título *O fascismo na América do Sul*, em que se nota a referência ao desenvolvimento e ascensão dos movimentos na vizinha

Argentina, sendo citada a existência de aproximadamente oito grupos fascistas, dentre as quais haveriam organizações uniformizadas e armadas. Tal texto reproduz ainda a notícia de uma revista americana, chamada *Current History*, que relata a ocorrência de uma recepção de fascistas argentinos pelo grupo fascista brasileiro:

Noticia ainda a “Current History” que os Fascistas Brasileiros receberam recentemente uma delegação de Fascistas Argentinos. Aquelles conhecidos por “camisas verdes” já contam com 186.000 membros que declaram que “pelo nosso controle do professorado das escolas disseminadas pelo paiz temos em nossas mãos o futuro do Brasil” (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 2, 18 Out. 1934).

Já no dia 15 de novembro, encontra-se, na coluna Semana Internacional, outro texto de Luis Câmara Cascudo, denominado *O fascismo na Argentina*, que discorre longamente sobre o desenvolvimento da ideologia fascista na Argentina. Por meio dele, podemos ter notícias sobre a *Legión Civica Argentina*, bem como a descrição de suas particularidades, como seus líderes, o uniforme, o perfil de seus adeptos e de seus principais ideais, como a igual luta contra o comunismo. O autor efetua, ainda, uma comparação entre o movimento argentino, a organização brasileira e a chilena e diz acreditar que estaria em vigor no Brasil uma espécie de boicote aos demais movimentos fascistas, já que não possuíam um conhecimento anterior de tal grupo argentino e nem eles do Integralismo brasileiro. Esse é o primeiro contato entre os grupos dos dois países encontrado nas páginas de *A Offensiva*, e fica claro, na análise do texto, que, para os integralistas, a *Legión Civica* é um movimento fascista argentino. Em tal página lê-se, portanto:

Ha Fascismo argentino? Ha e bem forte. Nós não sabiamos disso. No Brasil só sabemos a historia das greves, dos discursos de Litvinov e da saude de Stalin. O movimento fascista na Argentina é de caracter nacionalista. Logo, não pode interessar agencias internacionaes, compromissadas em boycotter todas as manifestações do espirito das Patrias. Na Argentina ha fascismo e optimamente organizado. Ha mesmo mais de uma aggremação, mas só falarei do grupo principal, a “Legião Civica”. A “Legião Civica” tem um chefe militar e outro civil. O chefe militar é o general do Exercito Argentino Fasola Castano e tem como ajudante o tenente coronel Emilio Kuiquelin. O chefe civil é o doutor Floro Navalle. Existe um director de Propaganda de Imprensa, dr. Manuel Rojas Silveira. Os “legionários” usam blusa cinzento escuro, casquete, bandas de couro que se entrecruzam no peito, botas e polainas. Desfilam armados de “casse-tête” e tem pistola no cinto para casos de urgência. Innumeros officiaes do Exercito e Marinha, estudantes e camponeses, mocidade das escolas e pequenos proprietários, estão filiados á “Legião Civica”. Diversos deputados e senadores têm ostensiva sympathia pelo movimento. Esses senhores se parecem bem pouco com os nossos illustres legislativos... A “Legião Civica” tem tido vários encontros

sangrentos com elementos communistas. (...) A “Legião Cívica” se alastra pelas províncias argentinas e tem uma ideologia mais ampla e mais aproximada da nossa que sua congênere chilena, dirigida pelo dr. Julio Schwarzenberg, também fascista, armada, municada e militarizada. O mais interessante é o amigo argentino, que me dá estas informações em carta, adianta, risonho: “- Como puede ver, en nuestro país, las ideas fascistas estan más entronizadas que en su tierra, y goza de las franquicias actual y hasta tienen, más o menos encubiertos, senadores y diputados en los parlamentos y camaras... Ahi está para que sirven as agencias telegraphicas...” Apesar de 300.000 brasileiros provarem a existencia e a vitalidade do fascismo no Brasil, com vinte e cinco jornaes, Chefia Nacional e departamentos, milícia, desfiles, choques e victimas, ali em Buenos Aires, pertinho, parede-e-meia conosco, não se sabe cousa alguma da Acção Integralista Brasileira. Ha ou não um “boycott”? (CASCUDO. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 3, 15 Nov. 1934).

Há aqui um ponto que merece ser analisado com cuidado. Pela leitura desse trecho subentende-se que as informações passadas aos integralistas brasileiros davam conta de que a o fascismo argentino seria um movimento forte e organizado, o que, pela análise da bibliografia sobre o assunto, pode ser facilmente refutado. Nem a *Legión Cívica*, nem os demais movimentos argentinos, seja do nacionalismo conservador ou de um nacionalismo fascista, apresentaram união e força como a Ação Integralista Brasileira.

Nota-se, pelo tom das informações contidas nessas páginas, o desejo do Integralismo brasileiro em estabelecer um contato amistoso para com demais grupos nacionalistas e fascistas, como o da Argentina, e isso pode se comprovar, ainda, nas seguintes palavras de Plínio Salgado, em destaque na capa do jornal no dia 7 de junho de 1934:

Quando o Brasil se erguer, livre de lutas internas, orientado por uma politica nacional baseada na força de um milhão de camisas-verdes, também as 13 republicas da America do Sul, hoje escravizadas como a nossa pátria, virão formar conosco, guardadas suas independências, uma unidade moral; completaremos a obra de Bolivar, consolidando a liberdade dos povos americanos (SALGADO. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 07 Jun. 1934).

No ano de 1935, os pontos de contato com outros movimentos continuam no jornal *A Offensiva*. O jornal se mantém demonstrando o surgimento de outros fascismos pelo mundo, relatando as experiências nacionalistas e fascistas internacionais e doutrinando seus adeptos. Sua relação com o grupo argentino se estreitará com a efetuação de mútuas visitas entre seus membros e novas questões sobre uma efetiva prática de união entre movimentos fascistas surgiram.

Já no dia 30 de março, há uma extensa matéria com o nome *O Integralismo na Republica Argentina* que reproduz o artigo encontrado no jornal argentino *Crisol* e que

descreve a visita de integrantes do fascismo brasileiro à sede de tal periódico. O clima da recepção aos integralistas, bem como o relato da visita no próprio jornal argentino, demonstra grande entusiasmo e simpatia entre os envolvidos, como podemos perceber nas seguintes linhas:

Do jornal nacionalista “Crisol”, de Buenos Aires, de 3 de março de 1935, transcrevemos a seguinte nota sobre os estudantes integralistas brasileiros que visitam a Argentina: “Recebemos hontem em nossa casa a grata visita do chefe da Embaixada Nacionalista Brasileira, Sr. Herberto Dutra, desde alguns dias hospede da Argentina. Acompanhavam o chefe da Delegação Integralista Brasileira varios animadores em destaque do nosso nacionalismo. O fim da visita a ‘Crisol’ foi conhecer o ambiente e as pessoas, bem como trazer as saudações do nacionalismo brasileiro, que surge vigoroso e pujante com características bem definidas anti-liberal, anti-político, anti-marxista, patriota, integral em tudo e cheio de fé nas verdades eternas. Força nacionalista, pretende instaurar nova ordem, lutando já no terreno das idéas e no terreno dos factos, soffrendo já perseguições e tendo martyres (...). Naturalmente, os integralistas brasileiros são o alvo preferido da democracia liberal e do marxismo contando com a completa inimizade do governo da Republica vizinha, o qual confunde na sua gyria democratica os extremismos da direita e da esquerda. Comtudo, o movimento integralista brasileiro está num periodo de progresso e proselytismo que os sobreviventes do seculo XIX não pódem esconder. Os nucleos da Acção Integralista florescem em todas as cidades, por todo o interior do Brasil, attraindo a mocidade, que é sempre heroísmo (...). Jornaes como A OFFENSIVA, folhas avulsas, conferencias e ‘meetings’ são os meios por que se diffunde a idéa nacionalista no Brasil, á qual está reservado, como á nossa tambem, proxima victoria. (...) O companheiro que nos visitou conversou longamente com os amigos de ‘Crisol’, interessando-se por este jornal, que já conhecia e ao qual dirigiu palavras elogiosas e affectuosas. Teve expressões da mesma nobreza para o nacionalismo argentino, que já apreciava de hoje e cujo contacto ora lhe era permittido. (...) Formulou votos em prol do ‘Crisol’ e pelo triumpho de nossos ideaes, demonstrando, assim sua solidariedade doutrinaria. (...) A delegação de integralistas brasileiros foi, mais tarde, ao Quartel General da Legião Civica Argentina, onde as altas autoridades da mesma a receberam. (...) O Sr. Dutra pronunciou profunda e interessantissima conferencia, constantemente interrompida por prolongados applausos. Expoz o problema economico-social-politico do Brasil, que tem extraordinárias analogias com o nosso. Discorreu sobre o lemma ‘Deus – Patria – Familia’ – exatamente igual ao do nosso nacionalismo. Mostrou-se partidário do systema corporativo e inimigo do regimen liberal-democratico, causa de todas as desgraças nas jovens republicas da America, onde os únicos estrangeiros, infelizmente, são os filhos do paiz...” (A *Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 4, 30 mar. 1935).

A transcrição deste contato entre o Integralismo e o periódico *Crisol* mostra a preocupação em estabelecer analogias entre os dois nacionalismos e suas bandeiras, na busca de constituir relações cordiais e também de autoafirmação em relação às bandeiras defendidas por ambos os lados em suas respectivas conjunturas.

Em 6 de abril do mesmo ano, o jornal apresenta diversos questionamentos relacionados a uma possível formação de uma união entre os diversos movimentos nacionalistas no âmbito do fascismo. No artigo *É possível uma organização corporativa internacional*, uma série de dúvidas em relação ao assunto são expostas e direcionadas aos estudiosos do mundo, sendo que tal iniciativa teria partido da própria Itália. O questionamento é levantado, mas nenhuma resposta ou solução é apresentada, sendo, contudo, um aspecto interessante de se analisar devido a sua explanação sobre a relação entre os grupos fascistas espalhados em grande número (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 3, 06 Abr. 1935).

É nesse mesmo sentido que no dia 21 de setembro um texto de Gustavo Barroso com o título *O Integralismo e a America* aborda a questão de uma associação ideológica entre os movimentos fascistas, incluindo o Integralismo. Algo que se pode observar por meio de uma longa reportagem sobre o movimento corporativista uruguaio e a solidariedade existente entre ambos os grupos do Brasil e Uruguai. Em tal texto encontra-se a crença de uma proliferação dos ideais integralistas pela América Latina:

O CHEFE Nacional tem repetido constantemente em artigos e discursos que o Integralismo brasileiro dirá uma palavra nova ao mundo e que sua influencia se estenderá aos outros países do continente. O que o Chefe Nacional assim tem anunciado já se está realizando (BARROSO. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 21 Set. 1935).

No mesmo dia há um artigo referente à realização de um congresso que reuniu diversos países com o intuito de discutir a expansão do nacionalismo e do fascismo pelo mundo, dando certa ênfase ao nazismo alemão. Intitulado *A Internacional Nacionalista*, o texto objetivou discutir os cenários sociais de cada uma das 40 nações ali representadas e nas quais o nacionalismo se desenvolveu, bem como reafirmar sua luta contra o liberalismo e o marxismo e também a crença em uma cooperação entre esses países, ainda que suas autonomias nacionais fossem mantidas: “É de esperar que a camaradagem intellectual, creada por este segundo congresso dos nacionalistas de varios países, será mantida e fomentada pela continua troca de idéas e cooperação científica” (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 8, 21 Set. 1935, p.8).

Apesar da esperança de bons contatos entre estes grupos nacionalistas de cunho fascista espalhados por todo o mundo, estes congressos não obtiveram grande êxito e a disputa nacionalista pode ter contribuído para isto. Contudo, é necessário deixar claro, que, embora o nacionalismo pudesse dificultar as relações e criar até certo ponto uma barreira, ele não era intransponível, podendo sim haver relações de solidariedade ideológica.

Ainda nesse ano podem ser encontradas páginas do *A Offensiva* dedicadas aos mais variados assuntos sobre o fascismo e o Integralismo no mundo. Destaquem-se aqui artigos referentes à filosofia do fascismo, à visão externa sobre o Integralismo, ao desenvolvimento de inúmeros outros jornais e revistas do movimento integralista e, principalmente, à defesa que o presidente Getúlio Vargas efetua ao integralismo (já que o movimento nacionalista lhe era muito útil na luta contra o comunismo) e à reprodução do Manifesto de Outubro de 1932 no jornal nacionalista *Bandera Argentina*, no dia 7 de abril (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 4, 30 Mar. 1935).¹

O ano de 1936 também foi de intensa relação entre o integralismo e os outros grupos nacionalistas e fascistas, sendo possível encontrar muitas menções ao movimento nacionalista argentino. Já no dia 9 de fevereiro, em uma coluna chamada *Judaismo Internacional*, há um texto assinado por “João do Norte”, pseudônimo de Gustavo Barroso, intitulado *O anti-semitismo na Argentina*, que apresenta uma vasta análise sobre o tema no país vizinho. A análise de tal artigo nos permite compreender o forte sentimento antissemita que se manifestava entre os integralistas, principalmente emanado por Barroso, e também que a luta contra o judaísmo se estendia até as terras argentinas, como se pode observar:

No continente sul-americano, não foi somente o Brasil quem despertou diante do perigo do judaísmo. A Argentina também está acordando. Enquanto no nosso país a minha voz e a minha penna têm ensinado a todos os camisas-verdes que o segredo da desgraça do mundo reside na influencia exercida pelo judeu, de modo que, agora, essa propaganda voa pelo Brasil inteiro e cada integralista é um anti-semita convencido, no país vizinho e amigo acaba de se fundar um grupo anti-judaico, intitulado com espirito e muita propriedade Grupo Contra-Veneno. Esse grupo já lançou seu manifesto, sob o titulo Despertemo-nos, argentinos! Começando com estas palavras textuaes: “Terminemos de una vez con la cada vez más atrevida agitación sovietica comunista socialista roja, anti-argentina, inspirada y dirigida por los judios, verdugos de toda civilización”. (...) O manifesto declara: “Nossa querida patria, a Argentina, está invadida pelo judaismo. (...) Em todo o mundo essa decomposição moral, nacional e economica vai ganhando terreno de forma espantosa, e o momento é propicio para todas as audácias. Devemos estar prevenidos! Acabemos de vez com o comunismo estrangeiro na nossa patria, com a propaganda do socialismo vermelho que nos quer conduzir ao terror judaico-bolchevista! Despertemos argentinos!” (...) A Argentina tem toda a razão em prevenir-se contra o perigo judaico que ameaça subverter o seu espirito nacional. (...) Deus livre ao Brasil e á Argentina da instalação desse fermento [de decomposição] em volta do Iguassú! Argentina e Brasil não têm mais razões para rivalidades. Devem se respeitar e amar reciprocamente como estão fazendo. Um Brasil Integral e

¹ _____, p. 3, 27 Abr. 1935; _____, p. 2, 29 Jun. 1935; _____, p. 5, 07 Set. 1935; _____, p. 4, 09 de Nov. 1935; _____, Capa, 21 Dez 1935.

uma Argentina Integral, serão garantias da libertação da America das garras do judaísmo. O Brasil já está acordado deante do grave problema judaico. A Argentina está despertando. O continente inteiro, aos poucos, irá sacudindo seu torpor. O mundo inteiro, em breve, reconhecerá as razões que assistem á Allemanha para encarar o problema como tem encarado. Este século, ou o judaísmo vence sobre as ruínas ensanguentaddas da christandade, ou o judaismo será mais uma vez batido e humilhado, como é o seu destino! (BARROSO. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 10, 09 Fev. 1936).

Nas páginas do jornal integralista daquele ano podemos notar reportagens sobre a luta anticomunista na Argentina, assim como criações de leis, naquele país, contra o comunismo e também ardentes elogios ao fascismo. Os integralistas referem-se inúmeras vezes à Argentina como uma nação amiga e saúda a formação de um novo grupo nacionalista no país, a chamada Frente Nacional Argentina, e dedicam, em várias oportunidades, a coluna Momento Internacional para expor a relação entre Brasil e Argentina.

É interessante notar, ainda, que várias matérias sobre o país vizinho foram publicadas, mas não apenas em relação ao contato entre seus movimentos de cunho fascista e sim entre os seus próprios governos. Diversas atividades que não envolviam as organizações nacionalistas de seus países foram realizadas entre eles, como intercâmbios culturais, congressos, tratados, visitas de chefes de estados e ministros, e feiras internacionais. A situação política, econômica e social da Argentina também foi exposta em diversos momentos, portanto, pode-se concluir que a conjuntura geral de tal país sempre recebeu forte atenção do jornal brasileiro (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 5, 01 Fev. 1936).²

Em 2 de setembro, a frase “Arriba Hespanha!” estampa a capa d’*A Offensiva*, sendo, em seguida, relatada, longamente, a visita dos nacionalistas da Falange Espanhola residentes na Argentina à redação do jornal integralista. A partir disso podemos notar, como já mencionado anteriormente, que a Falange Espanhola também estabeleceu contato com os integralistas.

Porém, ainda em relação à Argentina, vale ressaltar a ocorrência de uma visita realizada pela secretária da principal organização argentina aqui estudada, a *Legión Cívica Argentina*, às sedes integralistas e a suas arregimentações femininas. Estabelece-se, então, um primeiro contato entre os grupos femininos de ambos os movimentos, o que nos faz refletir

² _____, Capa, 03 Mar. 1936; _____, p. 2, 06 Mar. 1936; _____, p. 5, 25 Mar. 1936; _____, p. 8, 27 Mar. 1936; _____, p. 2, 02 Mai. 1936; _____, p. 9, 03 Jun 1936; _____, p. 2, 12 Jun 1936; _____, p. 9, 20 Jun. 1936; _____, p. 6, 23 Jun. 1936; _____, p. 2, 24 Jul. 1936; _____, p. 11, 02 Ago. 1936; _____, p. 4 e 5, 11 Ago 1936; _____, p. 2, 01 Set. 1936; _____, p. 5, 15 Set. 1936; _____, Capa, 25 Nov. 1936.

sobre a possibilidade de o grupo feminino brasileiro inspirar, de alguma forma, o seu semelhante argentino (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 3, 24 Jul. 1936).

De fato, parece ter havido essa inspiração, pois, não se tem notícias de arregimentações femininas na *Legión* tão bem organizadas como a da AIB, ainda que, como já visto, o grupo argentino também possuísse fileiras femininas à seu trabalho, bem como a destinação de um papel feminino na atuação da sociedade.

Ainda em 1936, o espaço reservado ao Momento Internacional sugere a realização de uma revisão dos livros de História e Geografia argentinos pelos integralistas, ressaltando a importância da educação para a juventude das duas pátrias amigas e declarando a “união de várias pátrias votadas no culto de uma só pátria: a América” (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 2, 03 Mar. 1936). O tratado antibélico estabelecido entre as duas nações também rendeu algumas páginas do jornal ao assunto (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 Mai. 1936).

No ano de 1937, a configuração do jornal passa por uma grande mudança que se deve ao fato de Plínio Salgado iniciar a preparação para o lançamento de sua candidatura à presidente do país, cujas eleições ocorreriam no início do próximo ano. Desta forma, poucos foram os espaços reservados para informações internacionais e o enfoque no cenário internacional serviria, apenas, para demonstrar as vitórias alcançadas pelo fascismo nas demais nações. Apesar disso, as notícias sobre a situação externa ou sobre os demais grupos no campo do fascismo não cessaram completamente, ainda que houvesse uma grande expectativa voltada para a eleição e que o enfoque, portanto, estivesse sobre a figura do líder integralista.

No que se refere à Argentina encontra-se homenagens a sua literatura realizadas pela Academia Brasileira de Letras, mensagens do Presidente Justo sobre a situação internacional do país e notícias sobre o não reconhecimento do governo argentino a ascensão de Franco na Espanha (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 3, 28 Jan. 1937).³

Novamente nesse ano, nota-se o aparecimento de novos contatos entre o Integralismo e a Falange Espanhola e um desses contatos merece grande atenção. No dia 29 de maio, em um texto com o título *Fusão dos partidos nacionalistas e seu programa*, é possível encontrar uma menção a uma futura formação de grupos nacionalistas unificados:

No próximo dia 1 de junho, será levado a efeito (...) uma importante conferencia do Sr. José de Carcer, representante do governo nacionalista da Hespanha junto ao Brasil. O illustre conferencista cujos meritos são sobejamente conhecidos, discorrerá sobre assumpto de capital importancia

³ _____, p. 5, 15 Mai. 1937; _____, p. 5, 02 Jul. 1937.

para os destinos da Humanidade. Abordará assumpto que se relaciona á fusão de partidos nacionalistas e o programma de suas reivindicações em benefício dos povos. A Acção Integralista Brasileira, como único partido nacional existente no paiz, acaba de ser gentilmente convidada para assistir a essa conferencia (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, p. 4, 29 Mai 1937).

Esse estreitamento das relações entre a Ação Integralista Brasileira e a Falange Espanhola sugere alguns questionamentos. Estaria o grupo espanhol, assim como fez o fascismo italiano, desenvolvendo táticas para obter maior influência sobre seus descendentes na América Latina e assim arregimentar mais adeptos ao seu movimento nacionalista e mais soldados para lutarem pelo país europeu? Tal hipótese parece bem aceitável tendo em vista que realmente estava nos planos desse grupo nacionalista que “a bandeira da Falange [tremulasse] sobre todos os espanhóis (...)” (BARROSO. *A Offensiva*, 1937).

Esse fato fica cada vez mais visível no decorrer do ano quando ocorrem novas visitas de delegações da Falange Espanhola ao jornal integralista e também o surgimento de longas matérias sobre a situação da Espanha. Nas páginas do noticiário integralista do dia 2 de julho podemos encontrar a referência a tal visita:

Fomos surpreendidos hontem em nossa redacção, pela visita de um grupo de phalangistas hespanhoes. Depressa nos informaram dos objetivos que os traziam que eram, (...) segundo o chefe da delegação, a de trazer a solidariedade dos elementos da phalange hespanhola aos camisas-verdes do Brasil, a quem os uniam apertados laços ideológicos. (...) Inquirimos [ao chefe da delegação] se a Doutrina Integralista era conhecida nos meio phalangistas. Ao que, declarou que não era possível um Movimento de envergadura do Integralismo ser desconhecido em qualquer parte. (...) Partilhando dos nossos pontos de vista concluiu por declarar que já era tempo de se fazer a união das Republicas sul-americanas e com os seus antepassados na península, numa poderosa affirmação do espirito immortal da latinidade (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 02 Jul. 1937).

Nova visita dos falangistas, dessa vez residentes da Argentina, ocorrera em 11 de novembro, a qual rendera, da parte dos integralistas, fortes elogios à Franco e à Falange Espanhola (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 1937).

Novas questões sobre o nacionalismo ganharam ênfase, ao longo de 1937, como é o caso dos debates sobre o corporativismo e o caráter fascista dos movimentos. Em 31 de agosto, por exemplo, podemos notar um texto intitulado *O Integralismo não é hitlerismo, nem fascismo!*, que tenta explicar as diferenças existentes dentro de grupos análogos. Já nos dias 7 de novembro e 2 de dezembro, surgem longos artigos sobre o desenvolvimento do corporativismo tanto na Argentina, como no Brasil, sendo considerado que “o corporativismo

pregado pelo integralismo seria mais completo que o fascista” (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 31 Ago. 1937).⁴

Há ainda a reprodução de uma matéria do jornal argentino *La Fronda* sobre as ações de Getúlio Vargas contra o comunismo e o mal judaico-marxista e também uma menção sobre o elogio ao movimento integralista por parte do presidente brasileiro, ao considerá-lo importante para a manutenção da ordem no país. A morte do líder do Partido Nazista Argentino também é noticiada pelo jornal integralista, mas sem grande atenção (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 09 Mar. 1937).⁵

Outro fato interessante de se analisar aqui é o relato da fundação de novos núcleos integralistas fora do país como, por exemplo, na cidade de Montevideú, no Uruguai e também na Filadélfia, localizada nos Estados Unidos. O curioso é que não há, apesar da estreita relação com a vizinha Argentina, nenhuma referência a formação de um núcleo integralista naquele país, podendo isso ser um indício de até onde tal relação pudesse se estender. No entanto, importa frisar o caráter peculiar desses núcleos integralistas internacionais, já que, na maioria das vezes, não possuíam estrutura adequada e nem mesmo um grupo considerável de adeptos, como foi o caso do núcleo integralista de Roma (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 16 Fev. 1937).⁶

A partir do final do ano de 1937 e, mais nitidamente em 1938, constata-se um tom mais ameno tanto em relação ao caráter nacionalista, quanto aos movimentos semelhantes de fora do país. Muito dessa nova abordagem se deve à tomada de poder efetuada por Getúlio Vargas às vésperas da eleição presidencial. A AIB, transformada em ABC (Associação Brasileira de Cultura) no dia 12 de dezembro de 1937, adota uma nova postura que se reflete no seu principal informativo até ser colocada, efetivamente, na ilegalidade após a tentativa do golpe integralista em março de 1938.

Há, no entanto, algumas interessantes notícias sobre o cenário exterior nesse ano. Em 1º de fevereiro, por exemplo, é relatada a visita da embaixada da Espanha Nacionalista ao Brasil que, compondo uma missão cultural que já teria passado pela Argentina, Peru e Chile, buscava estabelecer uma relação fraternal entre as repúblicas sul-americanas e a Nova Espanha. Sobre a Argentina, são apresentadas informações sobre o temor dos socialistas

⁴ _____, Capa, 07 Nov. 1937; REALE, M. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, p.9, 02 Dez. 1937.

⁵ _____, p. 5, 17 Abr. 1937; _____, p. 2, 16 Out. 1937.

⁶ _____, Capa, 23 Jul. 1937.

argentinos a um golpe fascista em seu país, bem como a posse do presidente Roberto Ortiz (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, Capa, 01 Fev. 1938).⁷

Sobre o relato de um grande temor no país argentino em relação a um golpe fascista cabe aqui um aprofundamento dessa questão. Seria esse temor, se é que de fato foi grande e sentido por toda a sociedade, algo justificável? Sabemos, por meio dos próprios jornais e da bibliografia sobre o tema que os embates entre os grupos comunistas e fascistas ou nacionalistas da Argentina eram, por vezes, muito violentos e que, portanto, havia uma grande tensão social provocada por eles. No entanto, não há fortes indícios, devido mesmo à desorganização e desunião dos grupos de cunho fascista, de que um golpe fascista esteve em algum momento perto de se consolidar.

Com base na análise exposta, podemos notar que, apesar de não serem muito frequentes, as notícias relacionadas à Argentina e à *Legión Cívica* mereceram um grau importante de atenção. Através dos contatos estabelecidos e divulgados em *A Offensiva*, podemos perceber a demonstração de certo nível de amizade e de compatibilidade ideológica entre a Ação Integralista Brasileira e o *Legión Cívica Argentina*. Agora resta verificar se existiu uma reciprocidade estampada nos jornais argentinos do período.

3.2. O integralismo brasileiro sob a ótica dos jornais argentinos: *La Fronda*, *Crisol* e *Bandera Argentina*

Na Argentina houve muitos jornais com o objetivo de propagar o pensamento nacionalista, assim como um nacionalismo de caráter fascista. Para esta pesquisa foram elencados apenas os jornais que apresentaram em algum momento uma relação com o grupo integralista e com o seu informativo *A Offensiva*, sendo os jornais *Crisol*, *Bandera Argentina* e *La Fronda*, conhecidos pelos demais estudiosos do assunto como difusores do nacionalismo e de movimentos nacionalistas de cunho fascista. Apesar de alguns desses informativos terem sido fundados em um período anterior ao surgimento do *A Offensiva*, serão analisados neste trabalho, apenas os números correspondentes aos anos em que o jornal integralista brasileiro esteve em atividade, esperando-se, dessa maneira, facilitar a compreensão do leitor sobre o tema e focar, mais precisamente, sobre as relações entre os citados movimentos que é o nosso principal objetivo. No entanto, assuntos considerados de relativa importância para o

⁷ _____, p. 3, 12 Fev. 1938; _____, p. 4, 22 Fev. 1938.

entendimento da experiência argentina serão expostos, mesmo que não estejam englobados entre o período mencionado⁸.

O jornal *Crisol* traz, já no ano de 1932, informações interessantes sobre o nacionalismo argentino. No dia 12 de junho, por exemplo, é mencionada a existência de um grupo político nacionalista que teria como propósitos a defesa nacional, a luta contra o comunismo e o liberalismo e a expulsão de estrangeiros indesejáveis da Argentina, visando a manutenção da ordem e da disciplina, tal organização denominava-se *Acción Nacionalista Argentina* (*Crisol*, Buenos Aires, p. 4, 1932).

Em 1933, o *Crisol* realiza algumas reportagens sobre o nacionalismo argentino, referindo-se a *Legión Cívica Argentina*, por exemplo, e também sobre o fascismo e o nazismo, chegando a defender as ações de Hitler na Alemanha (*Crisol*, Buenos Aires, p. 2, 03 Fev. 1933)⁹. O jornal apresenta, ainda, algumas críticas à grande imprensa argentina, acusando-a de não ser imparcial e de expor mentiras sobre a situação internacional e também de não darem o devido espaço ao nacionalismo: “Ese periodismo grande, responde a intereses que no son eminentemente argentinos, sino de clase” (SOBRE periodismo y nacionalismo. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 17 Mai. 1933). Assim como o Integralismo, nota-se uma tendência antipartidos.

O interessante de se verificar aqui é que o antissemitismo desses anos iniciais do *Crisol* se refere mais a um medo e a uma maior atenção para a cultura e religião judaica, buscando uma possível justificativa para as ações europeias contra os judeus. Não há ainda, efetivamente, uma guerra declarada contra o judaísmo.

Ao longo de 1934, o *Crisol* abordará ainda mais as questões internacionais e também, as relacionadas ao fascismo. Vale destacar que, até mesmo nos anos anteriores, já vinha sendo estabelecida uma forte relação com o Uruguai. Ao que parece, o jornal demonstrou grande admiração pelos grupos nacionalistas do país, como também pela forma de governo de seu presidente Gabriel Terra ao se empenhar em uma campanha anticomunista e antissemita.

Assim como no *Crisol*, o jornal *Bandera Argentina* também apresenta, no ano de 1934, muitas referências ao fascismo e ao Partido Fascista Argentino, mas sua atenção volta-se, naturalmente, para a organização *Legión Cívica Argentina*. Em janeiro, no texto *Significado de la Legión Cívica Argentina dentro y fuera del país*, é encontrada a informação

⁸ Por uma questão de coerência com o tópico anterior a análise será realizada de forma cronológica, sendo abordadas em um único ano, e quando houver, as referências encontradas em todos os documentos argentinos citados.

⁹ _____, p. 2, 18 Fev. 1933.

de que o Uruguai se inspira em tal organização argentina, ao ponto de pretender criar algo semelhante. Sendo recomendada a criação de organizações como essa em todos os países, para, assim, acabar definitivamente com a liberal democracia. Posteriormente, a *Legión Cívica Argentina* é comparada com a *Guardia Ciudadana* do Uruguai, sendo ambos os grupos comparados com as tropas fascistas da Alemanha, Inglaterra e Itália (SIGNIFICADO de la Legión Cívica Argentina dentro y fuera del país, *Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 1934).

Em julho de 1934, o *Crisol*, assim como o *Bandera Argentina*, também menciona a existência de um Partido Fascista Argentino que, por meio de uma pequena nota, convoca a sociedade argentina para suas reuniões, bem como para uma defesa coletiva de seus integrantes presos durante atos anticomunistas. No mesmo mês, em um texto sobre a “pátria e as forças armadas”, notam-se intensos elogios às forças armadas, referindo-se com ponderada simpatia ao presidente Justo, que também considera o exército como um amigo da nação (*Crisol*, Buenos Aires, Capa, 08 Jul 1934).¹⁰

Antes disso, em fevereiro de 1934, o *Bandera Argentina* publica o artigo *El fascismo marcha*, que faz referência aos grupos nacionalistas que estavam surgindo pelos demais países e ao seu progressivo fortalecimento: “El fascismo marcha en todos los caminos del mundo y no tardará en apoderarse de las palancas del mando en todas las naciones de sólida cultura y tradición histórica” (EL fascismo marcha. *Bandera Argentina*, Buenos Aires, p.3, 01 Fev. 1934). No mês de julho, o jornal dedica certa atenção a Getúlio Vargas, visto como simpático ao nacionalismo e comparado com o líder argentino José F. Uriburu (EL triunfo de Getulio Vargas. *Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 18 Jul. 1934).

No jornal *Crisol*, durante o mês de agosto as notícias referem-se à necessidade de uma campanha anticomunista e também ao surgimento de “um novo espírito de afirmação católica e nacionalista” centrado em grupo universitário nacionalista da Faculdade de Direito de Buenos Aires, o *Baluart* (HACIA un nuevo espíritu de afirmación católica y nacionalista. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 16 Ago. 1934). A 18 do mesmo mês temos uma menção ao caráter do fascismo em um artigo denominado *La adaptación nacional del fascismo*, que contestará a ideia de que o fascismo não é uma mercadoria de importação. Ao longo do texto são realizados grandes elogios ao movimento fascista e aos modelos fascistas, demonstrando os movimentos fascistas de outros países, inclusive no Brasil com o Partido Fascista Brasileiro:

¹⁰ _____, p. 3, 21 Jul. 1934.

(...) la Revolución, a Dios gracias, es dinámica, y hoy más que nunca. Se puede decir que hoy, en casi todas las naciones civiles, existe algo que puede también alcanzar las proporciones de un movimiento muy semejante al movimiento fascista italiano (...) (LA adaptación nacional del fascismo. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 18 Ago. 1934).

No ano de 1935, o *Crisol* segue com especial dedicação aos assuntos do nacionalismo e do fascismo, divulgando a convocação de reuniões de diferentes grupos argentinos. O periódico também apresenta explicações para os símbolos fascistas e elogios ao próprio Hitler (*Crisol*, Buenos Aires, p. 4, 12 Jan. 1935)¹¹. No entanto, a partir de março surgem interessantes informações sobre o Integralismo brasileiro e, assim como foi abordado pelo próprio jornal *A Offensiva*, a visita da delegação brasileira de integralistas a sede do *Crisol* também foi especialmente relatada:

Se halla desde varios días en nuestra capital, un grupo de estudiantes brasileños, afiliados a “Acción Integralista Brasileira”, organización nacionalista poderosa que bajo la firme e inteligente dirección de Plinio Salgado, realiza en la república vecina, un movimiento que ya se extiende poderoso, entre la juventud más sana, según dan cuenta hasta los últimos despachos telegráficos. La “Acción Integralista” publica un diario, con el honroso título de “Ofensiva”, denso de doctrina, vigoroso, pujante y pequeño, como CRISOL. La delegación nacionalista brasileña (...) visitará hoy nuestra casa, y será objeto también de una recepción en el local de la Legión Cívica Argentina (...), a la cual quedan invitadas todas las entidades nacionalistas. La misma entidad brasileña dirigió en Octubre pasado a la Guardia Argentina, la siguiente nota: “Un día, cuando la base de la economía mundial no la formen ni el carbón de piedra ni el petróleo, sino la energía eléctrica, afirmárase en el ámbito cultural de la tierra, una nueva civilización cuyo ‘habitat’, será la América del Sud. En ese día, las generaciones de entonces, volverán a mirar el pasado, que será el presente de hoy, y saludarán a los primeros legionarios que en el Brasil y en la Argentina, prepararon el advenimiento de este nuevo ciclo al que forzosamente arribarán los pueblos: el ‘hombre integral’, el ‘Estado integral’, ‘la Nación integral’ y la ‘Humanidad integral’. A la Guardia Argentina envío mi vibrante: ‘Anaue’, como organización legionaria de esta nueva concepción filosófica de vida, y por cuya realización, la Acción Integralista en el Brasil, esta también empeñada. Por intermedio de los Jefes de Guardia Argentina, saluda a toda juventud nacionalista de la gran nación hermana”. En esta jira de los nacionalistas brasileños, pueden palpar la amistad nacionalista argentina, ampliamente (LOS integralistas brasileños. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 02 mar. 1935).

Como mencionado anteriormente no tópico que se refere ao nacionalismo argentino no jornal *A Offensiva*, no dia 3 de março desse ano tal delegação de integralistas efetuou uma visita à sede do jornal *Crisol*. Nessa ocasião, é notável o clima amistoso entre o grupo

¹¹ _____, p. 4, 18 Jan. 1935.

integralista brasileiro e os nacionalistas do jornal argentino que demonstraram pertencer ao mesmo viés ideológico, bem como possuir as mesmas lutas e objetivos, além do mesmo lema sendo no Brasil “Deus, Pátria e Família” e na Argentina “Dios, Patria y Hogar” (LOS integralistas brasileños en Crisol. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 03 Mar. 1935).

Assuntos interessantes relacionados ao nacionalismo argentino também são mencionados ao longo desse ano em *Crisol*, como a intensificação de convites para a participação nas diversas organizações nacionalistas em desenvolvimento, como a *Federación Obrera Nacionalista Argentina* e a *Acción Nacionalista Argentina*. Há também o surgimento do *Accionalismo Corporativo*, cuja conferência teria o papel principal de intensificar o programa antieleitoral, a difusão doutrinária e a análise da situação política, social e econômica do país (*Crisol*, Buenos Aires, p. 3, 07 Mar. 1935).¹² Neste sentido, o *Bandera Argentina* também não se omite em reproduzir notícias sobre os grupos nacionalistas com viés de extrema-direita, além de divulgar seus atos públicos e eventos, convocando a sociedade para suas reuniões e conferências. Logo em fevereiro, por exemplo, é possível encontrar um texto sobre a necessidade de a Argentina recuperar sua superioridade internacional sul-americana (RECUPEREMOS nuestra internacional superioridad internacional sudamericana. *Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 12 Fev. 1935).

Neste sentido, um artigo com o título *Las entidades nacionalistas repudian hoy como ayer, la acción electoral*, no jornal *Crisol*, faz uma extensa análise sobre a falha do processo eleitoral argentino centrado na democracia e expõe as diversas entidades nacionalistas que se consideravam contrárias a essa forma de eleição, como a *Acción Nacionalista Argentina*, a *Legión Cívica Argentina*, o *Sindicato Obrero Nacionalista Argentino*, a *Legión Nacionalista*, a *Comisión Popular Argentina Contra el Comunismo*, a *Legión Patriótica*, a *Asociación Damas Argentina “Patria y Hogar”* e a *Legión de Mayo* (LAS entidades nacionalistas repudian hoy como ayer, la acción electoral. *Crisol*, Buenos Aires, p. 3, 24 Mar. 1935).

O *Crisol* também apresenta, em abril desse mesmo ano, um texto sobre a interpretação do que é o nacionalismo, o qual é considerado como um “movimento típico e exclusivamente argentino” que “não requer receitas e nem as necessita” (DE la gran manifestacioin de ayer. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 19 Abr. 1935). Porém, em junho, em um texto intitulado *El integralismo brasileño*, *Crisol* reproduz extratos do artigo de Plínio Salgado ao informativo carioca *Correio da Manhã* em que disserta sobre os rumos do país e do movimento integralista, expondo semelhanças, como o sentimento antirregionalista e

¹² _____, p. 3, 16 Mar. 1935; _____, p. 3, 24 Mar. 1935.

antieletoral, abrindo espaço para a crença de que o movimento brasileiro serviria de exemplo aos demais movimentos nacionalistas argentinos. Tais diferentes pontos de vista abordados no mesmo espaço podem revelar a existência de divergências e visões opostas dentro do próprio nacionalismo argentino e até mesmo, revelando contradições inerentes a todo fascismo (EL integralismo brasileño. *Crisol*, Buenos Aires, p. 3, 05 Jun. 1935).

O *Bandera Argentina* também publicou matérias sobre o líder do integralismo Plínio Salgado e sobre as posições ideológicas do Integralismo. O grande número de páginas dedicadas à doutrina integralista possibilita a interpretação de que se tentava influenciar o pensamento dos leitores e o seu sentimento nacionalista, tendo no Brasil um exemplo e um modelo para se espelhar. Em maio, a título de exemplo, foi notada uma menção ao *Partido Integralista Argentino* por meio de um convite a sua reunião para a discussão de seus princípios e conteúdos ideológicos. O periódico não explicou sua origem, nem mesmo se haveria alguma ligação com o Integralismo no Brasil (REALIZA un acto publico el Partido Integralista Argentino, *Bandera Argentina*, Buenos Aires, p. 3, 11 Mai. 1935).

Tanto *Crisol*, quanto *Bandera Argentina* divulgaram com grande ênfase a visita do Presidente Getúlio Vargas àquela República. *Crisol* avaliou positivamente, interpretando como um estímulo ao sentimento de solidariedade sul-americana (CRISOL, 1935, 19.04 – capa). Já o *Bandera Argentina* publicou várias notas com muitos elogios a Vargas que mereceu, por parte da publicação, tratamento cordial. Getúlio Vargas foi visto como um hospede ilustre e grande combatente do comunismo (*Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 22 Mai. 1935).

Bandera Argentina também destacou o fascismo internacional em 1935. Neste sentido, vale ressaltar a presença de notícias sobre o jornal italiano *Il Mattino D'Italia* e sobre a viagem de aproximadamente 200 italianos residentes na Argentina que partiram em direção a África para auxiliar a luta fascista que se desencadeava naquele continente, além de matérias sobre o avanço do fascismo pelo mundo. Outra especial atenção da publicação foi destinada ao rompimento das relações diplomáticas entre o Uruguai e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS (*Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 02 Out. 1935).¹³

No ano de 1936, o *Crisol* vai continuar com seu objetivo de divulgação do fascismo e do nacionalismo e, apesar de divulgar grupos internacionais, como o do Uruguai e Peru, concederá maior atenção a sua situação interna. Em fevereiro, aponta a realização de uma reunião do Partido Fascista Argentino que teria como objetivo efetuar uma reorganização do

¹³ _____, Capa, 03 Out. 1935; _____, p. 3, 12 Out. 1935; _____, p. 4, 27 e 28 Out. 1935; _____, Capa, 29 Dez. 1935.

Fascio Central na capital e também a unificação do fascismo, sendo que em maio há uma longa matéria referente a tal partido, expondo seus principais objetivos (*Crisol*, Buenos Aires, Capa, 01 Jan. 1936).¹⁴

Informa-se, ainda, o surgimento de novas organizações nacionalistas como a *Unión Nacionalista de Estudiantes Secundarios*, considerados nacionalistas, antissemitas e anticomunistas, a *Frente Nacional* e a *União Nacional Fascista de Córdoba*, cuja conferência reuniu cerca de duas mil pessoas (*Crisol*, Buenos Aires, p. 2, 19 Jul 1936).¹⁵

Especificamente sobre a *Legión Cívica Argentina*, *Crisol* aborda relevantes informações. O informativo apresenta alguns objetivos deste movimento, dentre os quais inclui a vingança contra os “traidores da pátria, da Revolução de Setembro e do General Uriburu”. Outras notícias sobre a *Legión Cívica*, como a comemoração de seu aniversário e o contato estabelecido por este grupo e movimentos congêneres de países como Portugal, Itália e Uruguai (*Crisol*, Buenos Aires, p. 2, 26 Jul. 1936).¹⁶

Em 25 de outubro, é relatada uma visita de um militante integralista à Argentina, que tendo sido recepcionado pela *Legión Cívica Argentina* demonstrou forte admiração e amizade, bem como elogios à organização amiga por meio de uma nota do próprio líder integralista Plínio Salgado:

“A la Legión Cívica Argentina: La Acción Integralista Brasileña, expresando el pensamiento fraterno de un millón de camisas verdes que luchan por los supremos ideales de la espiritualidad y nacionalidad; afirmándose en una nueva política de profunda unión de los pueblos americanos, de íntimo entrelazamiento de las relaciones amigas entre todas las naciones del continente; proclamando ante el mundo las aspiraciones de Justicia, de Paz, de Ética Internacional, que constituyen el sentido más alto de los pueblos americanos; exaltando la fuerza, la belleza, la energía moral de la juventud y creando para ella una inspiración heroica de existencia; envía su palabra de fe, su sentimiento de conciencia histórica, su saludo a la juventud argentina (...) y pide a la Legión Cívica Argentina sea interprete de este mensaje al gran pueblo de la Nación amiga”. El presidente de la Legión contestó en los siguientes términos: “Me es altamente satisfactorio dirigirme a Vd., en nombre de la Institución que presido, para agradecerle y retribuir el amistoso mensaje que la Acción Integralista Brasileña ha enviado a la Legión Cívica Argentina (...). En esta grata oportunidad, la Legión Cívica Argentina afirma nuevamente su cordial vinculación con la Acción Integralista Brasileña y formula votos porque el triunfo de los patrióticos ideales que ambas entidades sustentan, corono los propósitos de recíproca y armónica comprensión que impulsa sus comunes anhelos. En representación de los legionarios argentinos, saludo en el señor Jefe Nacional a los integralistas

¹⁴ _____, p. 3, 21 Jan. 1936; _____, p. 2, 06 Feb. 1936.

¹⁵ _____, Capa, 23 Ago. 1936; _____, p. 3, 10 Nov. 1936.

¹⁶ _____, p. 2, 15 Nov. 1936; _____, p. 2, 20 Dez 1936.

brasileños” (INFORMACIONES de la Legión Cívica. *Crisol*, Buenos Aires, p. 2, 25 Out. 1936).

Diferentemente do *Crisol*, o jornal *Bandera Argentina*, curiosamente não faz nenhuma referência a esta nota de Plínio Salgado à *Legión Cívica*, algo definitivamente incomum já que tal jornal anunciava, de forma bastante frequente, as atividades desse movimento. Também não há, nesse ano, nenhuma menção ao Integralismo brasileiro, mas apenas ao combate deste país contra o comunismo e ao avanço perigoso deste no Brasil.

Dada essa informação, é cabível nesse momento conjecturar sobre o porquê de o jornal *Bandera Argentina* não fazer nenhuma menção à nota de Plínio para a *Legión*. Apesar de não haver nada que induza a um rompimento de laços com o movimento argentino, essa pode ser uma hipótese, pouco aceitável, no entanto. Outra possibilidade tem a ver com o fato do corpo jornalístico do *Bandera* ser muito diverso e, portanto, de diferentes opiniões, dentre as quais a de que não era necessária uma valorização do movimento similar brasileiro. A negligência do jornal pode ainda se dever a um receio quanto ao crescimento do movimento brasileiro. Mas, devido à falta de informação concreta, essas situações não passam, é claro, de conjecturas.

A atenção do *Bandera Argentina* parece estar voltada apenas para os grupos de voluntários falangistas que partem para a Guerra Espanhola no continente europeu, sendo que os próprios membros do jornal se lançam a guerra como expressão de seu forte sentimento de solidariedade fascista (*Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 27 Ago. 1936 e 05 Set 1936).

Através da análise das páginas do *Bandera Argentina*, a impressão que se tem é a de que, a partir de um determinado momento, tanto os movimentos argentinos quanto, especialmente, os dirigentes do jornal passaram a estabelecer um maior contato com o nacionalismo espanhol. Esse fato teria estreita relação com a ideia de uma valorização da “hispanidade”, que uniria todas as nações de descendência espanhola, bem como a do estabelecimento da Espanha com o papel de Mãe-Pátria.

O ano de 1937 foi, sem dúvida, o ano de maior entusiasmo entre os grupos de extrema-direita, tanto no *Crisol*, quanto no *Bandera Argentina*. Fato que pode ser explicado pelo amadurecimento das agremiações deste viés político no país e também a constante ascensão do fascismo italiano e do nazismo alemão, assim como em demais nações.

Em abril, o informativo *Crisol* expõe as declarações elogiosas do Partido Fascista Argentino ao jornal e também à *Legión Cívica Argentina* e à *Unión Nacional Fascista*. Na oportunidade, o Partido Fascista Argentino esclarece sua não participação no “ato nacionalista

eleitoreiro” promovido por demais grupos que, na versão deste agrupamento, se diziam nacionalistas. Esta informação comprova a existência de um “racha” entre os grupos nacionalistas argentinos, muito provavelmente relacionada ao tipo de nacionalismo que defendiam estes variados grupos, como a distinção entre um nacionalismo mais conservador e outro com viés fascista (*Crisol*, Buenos Aires, 15 Abr 1937).

O jornal *Crisol* divulga, ainda, o aumento do número de eventos nacionalistas por várias cidades do país e, em junho, ocorre a realização de um Banquete Nacionalista que visava a uma confraternização entre a *Legión Cívica Argentina* e outras entidades nacionalistas estrangeiras e argentinas. Estiveram presentes a Falange Espanhola Tradicionalista, o Partido Fascista Russo, o Partido Fascista Italiano, o Partido Nacional-Socialista Alemão, a Agrupação Monárquica Espanhola, a Associação Espanhola de Nossa Senhora do Pilar, a União Nacionalista Portuguesa, as delegações da A.N.A., F.O.N.A., U.N.E.S., o Centro Nacionalista de Flores, a Força Argentina, o Centro Nacionalista, entre outras (*Crisol*, Buenos Aires, p. 3, 11 Jun 1937).

Esse mesmo informativo também publica textos solidários ao Partido Nazista e de grande admiração por Hitler e que se referem à formação de um Partido Nacional-Socialista alemão na Argentina, bem como artigos sobre como a nação argentina se encontrava “regida pelas doutrinas da grande revolução nacionalista do fascismo internacional” (DECLARACIONES del Partido Fascista Argentino. *Crisol*, Buenos Aires, p. 2, 20 Abr. 1937).

A visita de um representante especial da Falange Espanhola a sede do *Crisol* também foi anunciada pelo jornal com grande ênfase. A análise do texto demonstra fervorosos e mútuos elogios. Franco foi fortemente enaltecido, sendo considerado o “chefe indiscutível de todas as Espanhas”. O triunfo nacionalista, os jovens nacionalistas espanhóis, a Mãe Pátria e a relação entre Espanha e Argentina são brindados, selando uma inalterável amizade entre os grupos de extrema-direita (EL representante oficial de la Falange Española en Crisol. *Crisol*, Buenos Aires, p. 3, 13 Jul. 1937).

O jornal *Bandera Argentina* também emite reportagens com conotação de união de setores da extrema-direita. Em 3 janeiro, nota-se um artigo sobre a fundação de uma União Nacionalista Interamericana, cujo gestor seria o peruano Alberto Sayán Vidaurre. Ao longo do texto são feitos inúmeros apontamentos sobre os objetivos e táticas dessa união entre os estados nacionalistas da América Latina. No mês de julho, ideia semelhante foi apresentada por representantes da Falange Espanhola, que, assim como fizeram com *Crisol*, também

visitaram a sede do *Bandera Argentina* (*Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 03 Jan 1937 e 11 Jul. 1937).

O tom de união nacionalista continua nas páginas do *Bandera*, ainda em agosto, quando encontramos um texto cujo título é *Carta abierta y mano extendida a un nacionalista brasileño* e que revela que “é chegada a hora de os nacionalistas formarem uma obra sólida e definitiva contra o comunismo”. Assim, tal qual seu inimigo, que assumia uma postura unida internacionalmente, o nacionalismo devia se unificar para poder combatê-lo (*CARTA abierta y mano extendida a un nacionalista brasileño*, *Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 20 Ago. 1937).

Por meio da análise dos jornais *Crisol*, *Bandera Argentina* e, em 1937, o *La Fronda*, é possível notar uma constante comparação entre a situação política e econômica do Brasil e da Argentina, principalmente em *Crisol*. Assim, notícias diversas sobre o vizinho do Norte e, principalmente, sobre seu governo são praticamente rotineiras. No entanto, devido ao fato de ser um ano eleitoral no Brasil e também à grande expectativa sobre a candidatura do líder integralista, a situação política do país passa a receber uma maior atenção e importantes contatos com o Brasil e o Integralismo são estabelecidos.

Em 21 de setembro, o *Bandera Argentina* abriu espaço mais uma vez para o Integralismo. Segundo a publicação, a AIB possuía mais sucesso que o argentino devido à formação de uma forte doutrina e à figura imponente do líder Plínio Salgado:

(...) venimos leyendo estos días informaciones sobre la lucha que el integralismo ha entablado en Brasil para llevar al poder a su jefe, Plinio Salgado. Antes de entrar en materia es bueno recordar algunos antecedentes del nacionalismo brasileño nacido caso simultáneamente con el nuestro y a raíz de una revolución que no deja de parecerse a la del 6 de Septiembre. A la inversa sin embargo de lo que se hizo aquí, sus dirigentes emprendieron de inmediato la tarea de organizarse políticamente adoptando el nombre de Acción Integralista que extendieron a todos los estados federales. Junto con eso se dieron un programa único que abarca todos los aspectos económicos, sociales, éticos y políticos y sintetiza su ideología cuyos principios análogos también a los nuestros pueden reducirse a tres palabras: Dios, Patria y Hogar. Este feliz comienzo hizo del naciente integralismo un poderoso partido al revés de lo que nos sucedió a nosotros que a pesar de contar con todo, pues la mayoría del país es nacionalista, vimos decaer y disgregarse poco a poco las primitivas organizaciones por falta de una doctrina coherente y una manifiesta intención política. Verdad es también que ese éxito se debe en gran parte a la presencia del gran Plinio Salgado en la Jefatura del movimiento (EL nacionalismo brasileño. *Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 21 Set. 1937).

A empolgação com o Integralismo é tanta que o *Bandera Argentina* dedica muitas de suas páginas para a reprodução do Manifesto de Outubro de 1932, que, inclusive, já havia sido reproduzido no mesmo jornal no ano de 1935. A reprodução de um texto tão significativo para o Integralismo no jornal argentino e por duas oportunidades demonstra um importante grau de relacionamento amistoso e de respeito (*Bandera Argentina*, Buenos Aires, p. 3, 29 Set. 1937).

Em outubro, na coluna *Los grandes movimientos nacionalistas*, o informativo *Crisol* publica um texto que se intitula *Que es y que aspira el integralismo brasileiro* e que retrata uma nova visita de um militante integralista ao *Crisol*. Depois de uma longa conversa com o visitante, o dirigente do jornal passa a relatar detalhadamente as doutrinas e anseios do nacionalismo brasileiro, além dos ingredientes de seu sucesso, como podemos notar:

El Integralismo (Sigma) es una conciencia nacionalista brasileña, cabal y absoluta, en lo espiritual, en lo histórico, en lo racial y en lo político. Es movimiento de adentro para afuera que obra como reflujo de la marea invasora, liberal e ideológica e inmigratoria que arrojó durante cien años el mar abierto e incontenible. (...) El Integralismo tiene voluntad de imperio y mira más allá de las fronteras (...). Resumiendo: En lo profundo (...) el Integralismo, es exactamente para el Brasil lo que nuestro Nacionalismo para la Argentina. Idénticos problemas, idénticas necesidades, idénticas aspiraciones. La diferencia es únicamente de elementos y de medio. El Nacionalismo brasileño constituye una perfecta organización social-política. (...) Las causas del éxito del Integralismo – éxito de catequización – depende, en primer término de la misma fuerza de su doctrina. Nuestro Nacionalismo, con idéntica esencia, no logra, sin embargo, aquel éxito fácil. Es que el brasileño es más brasileño que el argentino argentino. (...) Concurren al incremento del Integralismo dos factores importantísimos que son, en definitiva, los causantes de su éxito: Unidad y Acción. (...) Nuestro visitante (...) se embarcó ayer para Rio de Janeiro, siendo despedido en el puerto por un grupo de nacionalistas que lo hicieron mensajero de la comprensión y solidaridad de nuestro movimiento con aquél, similar y paralelo (QUE ES y que aspira el integralismo. *Crisol*, Buenos Aires, Capa e p.3, 19 Out. 1937).

Como se pode perceber, o movimento integralista, além de ser considerado em sua essência bastante parecido com o nacionalismo argentino, defendido por grupos ligados ao *Crisol*, também é descrito como um modelo, como uma experiência nacionalista mais próxima do sucesso. O tom do jornal em relação ao Integralismo adquire certa mudança, contudo, a partir do golpe de Estado realizado por Getúlio Vargas no país.

Ainda em outubro, *Bandera Argentina* traz um artigo que, intitulado *La prueba del integralismo*, irá relatar a difícil situação política do país vizinho com o avanço do comunismo e começa a introduzir à possibilidade de um golpe de Getúlio Vargas nas vésperas

de seu processo eleitoral, situação que movimentou a imprensa da extrema-direita argentina. No entanto, eles demonstram grande fé na eleição de Plínio e em uma futura união entre seus nacionalismos, evidencia-se, assim, um sentimento de que o sucesso do projeto integralista no Brasil poderia significar um futuro sucesso do próprio movimento fascista argentino:

Queda para la nación hermana outra probabilidad de salvación, que es la que nosotros desearíamos ver realizada: el triunfo de la tercera de aquellas candidaturas; la de Plinio Salgado, líder del Integralismo, que es hoy por hoy, entre las de su tipo, la fuerza más bien organizada y numerosa de toda América del Sur. Las últimas noticias que nos llegan asignan, en efecto, a los Camisas Verdes un millón de afiliados en condiciones de votar. Sus centros y sus cuarteles están diseminados hasta el más lejano confín del territorio. Lo mejor de Brasil está con Plinio Salgado (...). Los nacionalismos no pueden vivir ajenos unos a otros. El enemigo, que es internacional, está frente a todos y por eso asistimos con ansiedad a la difícil prueba que en estos momentos arriesga el integralismo brasileño y con él toda la nación amiga (LA PRUEBA del integralismo. *Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 29 Out. 1937).

Porém, em novembro, a crença no integralismo é estremecida com a notícia do golpe de Getúlio Vargas, sendo a situação política do Brasil enormemente debatida nas páginas dos periódicos aqui estudados. Com a manchete *Brasil es desde ayer estado corporativo*, no dia 11 de novembro, a situação política brasileira passa a ser estudada pormenorizadamente ao longo de muitas páginas de *Crisol*. Diante da conjuntura no Brasil, os nacionalistas argentinos acreditavam na influência do Integralismo no golpe de Vargas e que o golpe havia sido resultado de uma ação ou decisão conjunta entre ambos. Apesar disso, não confiavam na tática do governo, pois não a consideravam a melhor maneira de levar o nacionalismo ao êxito total: “Es esa influencia doctrinaria del integralismo, en el golpe de estado brasileño, lo confesamos paladinamente, lo único que abre paso a nuestra confianza” (OSÉS, E. *Crisol*, Buenos Aires, Capa, 12 Nov. 1937).

O que ocorre, na verdade, é que o informativo argentino superestimou a participação integralista no golpe de Vargas, algo que *Bandera Argentina* também realizou. Como demonstrado, a AIB contribuiu para este processo, contudo, pela análise dos jornais, seus dirigentes acreditavam que o Integralismo havia assumido o governo do país junto com Vargas, assumindo assim um papel relevante, fato que não era, como sabido, verdadeiro.

Não foram somente *Crisol* e *Bandera Argentina* que elevaram o nível da participação da AIB no golpe de Estado de 1937, que criou o Estado Novo de Getúlio Vargas. O jornal *La Frontera*, que até este momento não havia publicado nada de significativo sobre o Brasil, publicou uma matéria em 17 de novembro em que exaltava a participação do Integralismo

neste acontecimento histórico, colocando o grupo de extrema-direita brasileiro no centro da questão. Segundo o periódico, a imprensa marxista desvirtuava a questão. Para o *La Fronda*: “El movimiento promovido por el Integralismo [em referência ao golpe de Getúlio em 1937] responde ala irrevocable necesidad de defender a la pátria del vírus rojo (...)” (IDEOLOGIA y Realidad. *La Fronda*, Buenos Aires, Capa, 17 Nov. 1937).

Já em dezembro, novas informações sobre a situação do Brasil são apresentadas e desta vez surge a notícia sobre a dissolução de todos os partidos políticos efetuada por Vargas, a qual nem o Integralismo escaparia. É nesse momento que *Crisol* endurece as críticas a Vargas, agora comparando-o a Justo. No entanto, os nacionalistas argentinos mantêm a esperança e apontam para o fato, na visão deles, de que Plínio tem apoio do exército e de que, como o Integralismo não estava de acordo com o golpe, haveria a possibilidade de o líder integralista assumir o poder e cessar com a falsa “implantação do fascismo” no Brasil (*Crisol*, Buenos Aires, p.2, 04 Dez. 1937).¹⁷

Aos poucos, surgem informações sobre a desconfiança do líder integralista diante do golpe, mas que, apesar de não concordar com a atitude de Vargas, não deixa de apoiá-lo. Os nacionalistas argentinos parecem estar convencidos de que o golpe resultou de uma união entre Plínio e Getúlio, já que ambos eram antirregionalistas e acreditavam na revolução nacionalista. Tal posição não se modifica nem quando o presidente brasileiro declara o fim de todos os partidos políticos, incluindo o integralista, acreditando que o fato teria sido fruto de um acordo com o líder integralista, e seguem comparando seus movimentos nacionalistas e avaliando a situação política de seus países.

Ainda que os integralistas se encontrassem diante da difícil situação política, *Bandeira Argentina* não deixou de difundir sua doutrina e objetivos ou de efetuar grandes elogios ao movimento. As notícias que chegam até eles se dão apenas por meio dos discursos pronunciados por Plínio, já que as páginas do *A Offensiva* e demais jornais integralistas parecem estar sob forte censura, como eles mesmos concluem (*Bandera Argentina*, Buenos Aires, Capa, 11 Nov. 1937).¹⁸

Até mesmo o jornal *La Fronda* demonstra crer que a “Revolução Brasileira” havia sido iniciada por Vargas e associa características fascistas ao golpe do Brasil, declarando-se “sinceros amigos do Brasil”.

¹⁷ _____, p. 3, 05 Dez 1937.

¹⁸ _____, Capa, 13 Nov. 1937; _____, Capa, 19 Nov. 1937; _____, Capa, 21 Nov. 1937; _____, Capa, 25 Nov. 1937; _____, p. 3, 27 Nov. 1937; _____, p.3, 28 Nov. 1937.

O erro de avaliação dos três periódicos apresentados aqui sobre a participação da AIB no golpe que originou o Estado Novo é interessante. Todos os jornais, até mesmo o *La Fronda*, que não mantinha tanto contato assim com o Integralismo, acreditaram que o movimento brasileiro tinha triunfado em um primeiro momento. Essa reação, talvez, mostrasse que havia uma expectativa superior em relação ao Integralismo, ou seja, eles vislumbravam um movimento mais forte do que ele realmente foi. A AIB apoiou o golpe, esteve ao lado de Getúlio, contribuiu com argumentos, mas quem comandou as ações não foi Plínio e sim Vargas (*La Fronda*, Buenos Aires, capa, 11 Out. 1937).

Nas notícias que se seguiram sobre o Integralismo e a situação do Brasil, há uma descrição sobre o que seria o fascismo nesses países. Conforme consta em *Crisol*, o fascismo nada mais é do que o nacionalismo argentino e ao qual foi denominado no Brasil de Integralismo (*Crisol*, Buenos Aires, capa, 14 Nov. 1937).

Desta forma, pode-se concluir que os integrantes desse jornal, que representava o pensamento de alguns grupos nacionalistas argentinos, se viam como parte de um todo maior. Eles se sentiam parte do movimento que vinha se desenvolvendo no cenário internacional mesmo que não conseguissem estabelecer uma definição precisa do conceito de fascismo. Ou seja, devido ao conturbado contexto da época, esses nacionalistas não tinham conseguido interiorizar uma diferença entre o fascismo e o simples nacionalismo.

Da parte do jornal *Crisol*, a relação entre a extrema-direita argentina e o Integralismo brasileiro não esmoreceria nem mesmo após o golpe de Getúlio Vargas, sendo elaborados alguns textos sobre o país e sobre a AIB. Em fevereiro de 1938, após uma explanação sobre a característica integral e universal da revolução fascista, encontramos um longo texto sobre uma entrevista, realizada ainda em 1937, com Plínio Salgado:

Hace cinco años Plinio Salgado era un periodista en San Pablo. Hoy su doctrina inspira la obra del gobierno, y es tal vez su fuerza la que apoya a Vargas. Por Herberto Dutra, integralista que estuvo en Buenos Aires y conoció algo de nuestro movimiento, Salgado sabe que aquí se trabaja por ideas análogas a las que él sostiene. Esas ideas, por lo demás, son conocidas para los lectores de CRISOL, y guardan gran similitud con la doctrina Adunista. Una cosa que Salgado encara con insistencia es la posibilidad – a mi juicio utópica – de llegar a una unión sudamericana política y económica, para liberar al continente de los Kahales de Londres y Nueva York. A ese efecto pensaba realizar el año próximo (que es este que corre de 1938) un congreso nacionalista sudamericano, contando con la colaboración de los movimientos similares de la Argentina, Chile, Banda Oriental y los demás países que pudieran tener grupos con doctrinas modernas. Ese sería el primer paso para realizar lo que él llama “el sueño de Bolívar” (MARMOI, G. L. La

revolución integral es la que ve nuestro Sigma. *Crisol*, Buenos Aires, p. 22, 01 Fev. 1938).

Além de mencionar o plano de Salgado, que nunca se realizou (relacionado ao sonho do libertador Bolívar), o autor do texto deixa claro que crê que, após o golpe, as ideias do Integralismo possam ter um terreno fértil para se desenvolver, porém, fica em dúvida quanto à capacidade de Vargas em entender o momento e instaurar uma nova ordem no país. Mesmo assim, segue confiando no movimento integralista e em seu êxito:

El Integralismo está ahora en su momento decisivo, y sin conserva su disciplina y su ideal, es probable que pueda llegar a la meta a pesar de que también es probable que su alianza real o aparente con el gobierno de Vargas no dure mucho tiempo (MARMOI, G. L. La revolución integral es la que ve nuestro Sigma. *Crisol*, Buenos Aires, p. 22, 01 Fev. 1938).

No entanto, o que se segue após essa matéria são informações sobre a tentativa do golpe integralista em 12 de maio, o qual é relatado como “uma revoluçãozinha brasileira” e um “lamentável episódio digno do tropicalismo brasileiro”, já que Getúlio seguiu no poder (*Crisol*, Buenos Aires, Capa, 12 Mai. 1938). *Crisol* avalia como muito confusa a situação política do Brasil, tanto que seus redatores acreditam que o golpe teria sido uma tentativa efetuada apenas por alguns elementos do Integralismo, que estariam, provavelmente, desconectados das autoridades do movimento, pois, de outra maneira, “não haveria como ter fracassado”. Nota-se aí certo tom de descontentamento e reprovação do nacionalismo argentino em relação ao golpe integralista ou, mais precisamente, a sua falha. Mais ainda, é possível perceber que existiu uma esperança e respeito pelo legado, já que acreditavam que se o Golpe de 1938 fosse tentado pela AIB, por meio de seus líderes verdadeiros, algo de diferente teria acontecido. O fato torna-se compreensível ao considerarmos que, ao reconhecer o fracasso do movimento integralista, antes visto como um modelo, eles estariam reconhecendo o próprio fracasso do movimento argentino, que agora não teriam um exemplo.

O jornal *Bandera Argentina*, contudo, não dedicara grande atenção ao Integralismo ou ao Brasil ao longo do ano de 1938, resumindo-se apenas, em relação ao Brasil, a elogiar o presidente Getúlio Vargas.

Por meio das fontes aqui apresentadas, é possível perceber que os grupos da AIB e da *Legión Cívica Argentina* estabeleceram contatos e diálogos entre si por meio dos jornais que representavam seu pensamento nacionalista de cunho fascista. Essas organizações

mantiveram contato durante os anos da década de 1930 e demonstraram uma recíproca cordialidade e admiração entre ambos os movimentos.

No jornal integralista *A Offensiva*, os grupos argentinos e, principalmente, a *Legión Cívica* receberam considerável atenção, sendo apontados como destacados movimentos das correntes nacionalistas de inspiração fascista. Da mesma maneira, os jornais argentinos *Crisol*, *Bandera Argentina* e *La Fronda* identificaram o Integralismo brasileiro como forte movimento, tendo-o, mesmo, como algo em que se espelhar, já que visavam um projeto de sociedade nos mesmos moldes do movimento vizinho.

Como pode ser visto, as relações entre esses grupos foram das mais amistosas, sendo mencionado, ainda, uma possível união e unificação desses grupos na luta contra os seus mesmos inimigos e em prol de um bem maior comum para ambas as sociedades vizinhas do Cone Sul.

Seus planos nunca saíram do campo imaginário e, por isso, é difícil apontar aqui o que poderia ter ocorrido caso esses movimentos tivessem atingido seus objetivos, no entanto, pelas fontes analisadas sabe-se que essa possibilidade existiu e que ambos os movimentos enxergavam um futuro de esperança com a ascensão da ideologia fascista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto, o presente trabalho tinha por objetivo demonstrar a ocorrência de diálogos entre os movimentos nacionalistas de inspiração fascista do Brasil e da Argentina, mais especificamente, entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a *Legión Cívica Argentina*, por meio de jornais de caráter nacionalista e fascista durante a década de 1930.

A partir da análise do jornal integralista de maior destaque, o *A Offensiva*, e de jornais argentinos como *Bandera Argentina*, *Crisol* e *La Fronda*, que representaram setores nacionalistas conservadores ou filofascistas, pretendeu-se apresentar os tipos de relações existentes entre as duas organizações citadas, bem como suas semelhanças, divergências e projetos conjuntos.

Como demonstrado, o período entre guerras e, portanto, as décadas de 1920 e 1930, foi fortemente marcado por transformações políticas, econômicas e sociais, sendo que no âmbito político houve uma grande inquietação e uma guinada à direita. Contestações aos valores liberais ganharam força e a desconfiança do comunismo e do judaísmo levou a uma proliferação de grupos e movimentos da extrema-direita pelo mundo, como o fascismo.

A América do Sul não ficou alheia a estes acontecimentos e movimentos desse caráter germinaram em muitos países latino-americanos, como no Brasil, onde se pode encontrar o desenvolvimento do Integralismo, o maior e mais organizado grupo fascista fora da Europa, e na Argentina, que não apresentou nenhum grupo como foi o Integralismo, mas onde se desenvolveram inúmeros grupos de semelhantes aspectos ideológicos.

Esses movimentos, grupos e organizações tinham em comum, além de aspectos ideológicos, como anticomunismo, antiliberalismo e diferentes níveis de antissemitismo, outro forte elemento: nacionalismo.

No Brasil, apesar de ter havido outras organizações, o grupo mais coeso e de maior abrangência foi a AIB, que pode ser caracterizado como um movimento de grande inspiração fascista. Já na Argentina, não houve nenhum grupo que viesse a se tornar um partido de massas, como foi o caso de seu vizinho brasileiro. O que se viu nesse país foi a proliferação de inúmeras organizações que variavam de um nacionalismo conservador ou popular a um nacionalismo de cunho fascista, chamados também de filofascistas ou proto-fascistas. No entanto, houve um grupo que, devido a suas características ideológicas mais próximas da AIB e por apresentar certa representatividade na sociedade argentina, mereceu ser estudado, o *Legión Cívica Argentina*.

Desta forma, para compreender os relacionamentos entre estes dois grupos do Cone Sul tentou-se, no primeiro capítulo, demonstrar os principais aspectos de cada uma dessas organizações, bem como o contexto histórico em que se inseriram. O objetivo desse capítulo foi, ainda, explicar o porquê de estes grupos terem sido elencados como prioritários para o trabalho, bem como, no caso argentino, demonstrar o significativo papel que a chamada *Liga Patriótica Argentina* teve no processo de desenvolvimento dos grupos nacionalistas e fascistas desse país platino. Assim, por meio do primeiro capítulo, podemos perceber como se deu a organização desses movimentos, suas características, suas aspirações e sua influência na sociedade, assim como os principais elementos que levaram à sua formação.

Já no segundo capítulo, a meta foi demonstrar a forma de atuação dos jornais escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, a saber: *A Offensiva*, no Brasil, e *Crisol*, *Bandera Argentina* e *La Fronda*, na Argentina. Nesse segundo momento, foram apresentadas as características ideológicas desses informativos e também suas intenções e projetos para a sociedade, além de buscar demonstrar à que parcelas da sociedade pertenciam e representavam.

O terceiro capítulo, porém, teve como principal objetivo demonstrar efetivamente, por meio da análise dos jornais abordados aqui, quais foram os tipos de relações que os grupos nacionalistas de cunho fascista do Brasil e da Argentina estabeleceram entre si, bem como analisar as semelhanças, diferenças e se houve simpatia ou conflito entre eles. Portanto, na tentativa de responder a estas questões buscou-se realizar, por meio do presente trabalho, uma colaboração para o estudo do fascismo presente nesses países e para o entendimento da história das relações internacionais entre esses movimentos.

Nesse momento, algumas questões apontadas merecem maior atenção. Uma delas refere-se à forte cisão do nacionalismo existente na Argentina, já que, como demonstrado, o movimento nacionalista se deu de maneira diversa nesses dois países, apresentando homogeneidade e união no Brasil e uma forte fragmentação no caso argentino. Uma possível explicação para tal diferença pode estar relacionada ao próprio contexto histórico dos países, assim, enquanto no Brasil o processo de desenvolvimento do país se deu de forma relativamente concisa no aspecto político, na Argentina a situação foi bastante diversa. Desde a origem de sua formação, esse país foi política, social e culturalmente bastante fragmentado, o que nos leva a crer que essa cisão do nacionalismo, bem como em relação as ideias e pensamentos políticos de modo geral foi algo histórico.

Ainda mais especificamente sobre a questão do nacionalismo argentino, a causa de sua intensa divisão está relacionada, ao que parece, ao fato de não haver nesse país um líder

forte e aglutinador como foi a figura de Plínio Salgado para o movimento brasileiro. Talvez, caso não se desse a morte de Uriburu, seu projeto para a sociedade argentina, iniciado com a *Legión Cívica* teria se consolidado e conseguido reunir todos os demais grupos nacionalistas em um único movimento, o que poderia levar a uma maior chance de sucesso.

Outra questão que também chama atenção é a do sentimento de *hispanidade*, responsável por manter um forte elo entre argentinos e sua “mãe-pátria”, levando a uma relação de admiração com o movimento nacionalista da Falange Espanhola. Apesar do contato com o movimento brasileiro, é possível que, caso o nacionalismo argentino se consolidasse em um movimento forte e de massa, preferisse manter relações mais próximas com o projeto nacionalista da Espanha, devido a sua forte relação histórica e cultural.

Sendo assim, podemos concluir, a partir da bibliografia sobre o assunto e das fontes analisadas, que o relacionamento entre a Ação Integralista Brasileira e a *Legión Cívica Argentina* foi bastante intenso, havendo desde contatos por meio de cartas e notas oficiais, visitas mútuas dos movimentos às sedes dos jornais até as simples menções e manifestações de apoio e admiração de ambas as partes.

Vimos que, apesar de a *Legión Cívica* não ter se tornado um grupo forte, organizado e de grande abrangência como a AIB, isso não foi um fator de impedimento das relações, pelo contrário, em muitas das páginas dos jornais nota-se um tom de apreciação da organização argentina para com o movimento brasileiro. Nesse sentido, vale especular sobre como seria a relação entre os dois movimentos caso o grupo argentino se equiparasse em organização, união e número de adeptos ao Integralismo brasileiro.

Por meio da análise das fontes, nota-se que em diversos momentos o grupo argentino se referiu a AIB com extremo respeito, podendo mesmo classificar a organização integralista como um espelho ou um modelo a ser seguido. Porém, será que se o grupo de cunho fascista argentino possuísse as mesmas condições de tamanho e organização da AIB, essa relação ainda seria a mesma?

Plínio Salgado, líder do movimento brasileiro, deixou claro em várias de suas obras doutrinárias e em várias passagens do *A Offensiva* que previa um plano de união e integração entre todos os grupos de semelhança ideológica na América Latina. No entanto, ele nunca deixou claro como se daria na prática essa unificação, se ela se daria por meio de um imperialismo ideológico ou de um imperialismo de Estado. Apesar de apresentar esse aspecto imperialista, ao que parece, não era a intenção de Plínio impor uma hegemonia do Integralismo brasileiro aos demais países, mas reunir sobre a mesma bandeira todos os demais

movimentos e unificar esses grupos e países sob o Estado Integral, respeitando a soberania das demais nações.

Essa questão é de grande complexidade e, ainda que o grupo argentino apresentasse as mesmas características da AIB e mesmo que permanecesse um diálogo amistoso entre essas organizações, é muito possível que essa meta do líder integralista proporcionasse problemas ao relacionamento dos dois movimentos.

Pelo diálogo estabelecido entre os grupos nos jornais, podemos apreender apenas sinais de semelhanças e de admiração recíproca entre essas duas organizações, sendo, em vários momentos, constatado um discurso de união entre eles no combate contra seus inimigos comuns.

Esses movimentos demonstraram estar, mesmo que em diferentes cenários, na luta contra os mesmos adversários, como o comunismo, o judaísmo e a liberal-democracia, tidos por ambos como os males da sociedade na época. Também apresentavam uma mesma lógica de raciocínio e um mesmo seguimento ideológico, por vezes, inspirado nos avanços do fascismo e do nazismo europeus. Além, é claro, de identificarem seus propósitos como as únicas soluções para os problemas por que passavam.

Porém, como visto, tal plano de integração e união não passou de conjecturas. Nem a AIB atingiu seus objetivos com a participação no governo e nem a *Legión* conseguiu se fortalecer e unificar os demais grupos e movimentos argentinos em nome de uma mesma causa.

É claro que, por motivos óbvios, é impossível de se chegar a conclusões precisas sobre como se daria a relação entre essas organizações caso ambas apresentassem um mesmo perfil e um mesmo poder de influência na sociedade ou caso apenas uma delas atingisse os objetivos pretendidos. No entanto, com base no próprio fracasso da experiência da Internacional Fascista e, devido mesmo às prováveis e históricas disputas geopolíticas entre os dois países, podemos imaginar que as possibilidades de enfrentamento aumentariam caso os dois movimentos chegassem ao governo ou, pelo menos, mantivessem tamanho semelhante.

Dito isso, espera-se ter desenvolvido, na presente pesquisa, os apontamentos necessários para se compreender como se deram as relações, contatos e os diálogos entre os grupos nacionalistas de extrema-direita do Brasil e da Argentina aqui destacados, bem como colaborado para um estudo a nível internacional do fascismo latino-americano.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos**. Tese (Doutorado em História UFPR). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- AZCONA, José Manuel. **El nacimiento del dogma totalitario en la Argentina contemporánea**. (Artigo) – sem data.
- BARROSO, Gustavo. **O Integralismo e o Mundo**. Civilização Brasileira S.A. Editora, Rio de Janeiro, 1937.
- BEIRED, José Luis Bendicho. **Breve história da Argentina**. Série Princípios, Editora Ática. São Paulo, 1996.
- _____. **Sob o Signo da Nova Ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)**. Edições Loyola. São Paulo, 1999.
- BERTONHA, João Fábio. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- _____. **Fascismo de esquerda? Sobre a necessidade de revisão conceitual de um termo perigoso**. Revista Espaço Acadêmico, Nº 142, ANO XII, 2013.
- _____. **Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo**. Maringá: Eduem, 2008.
- _____. **Fascismo, nazismo, integralismo**. Coleção História em movimento. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- BERTAGNA, Federica. **La inmigración fascista en Argentina**. 1ª Ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.
- BOBBIO, Norberto. **Ensayos sobre el fascismo**. 1ª Ed. 1ª reimp. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes; Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.
- _____. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo, Editora Unesp, 2001.
- BOHOSLAVSKY, Ernesto. “El problema del sujeto ausente (o por qué Argentina no tuvo un partido de derecha como la gente)”, em Ernesto Bohoslavsky (comp.) *Las derechas en el Cono Sur, siglo XX. Actas del Taller de Discusión*, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, 2011.

BUCHRUCKER, Cristian. **El fascismo en el siglo XX: una historia comparada**. Buenos Aires, Emecé, 2008.

BULHÕES, Tatiana da Silva. **“Evidências esmagadoras de seus atos”: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História UFF). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. 2ª Ed, São Paulo, Editora Unesp, 2009.

_____. **Fascismo: uma ideia que circulou pela América Latina**. In História em Debate: Problemas, Temas e Perspectivas. Anais do XVIQ Simpósio da Associação Nacional dos Professores de História - Rio de Janeiro, 22 a 26 de julho de 1991.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (Orgs.). **Tempos de Fascismos: ideologia, intolerância, imaginário**. São Paulo, Editora Edusp, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 6ª Ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

CARNAGUI, Juan Luis. **¿Un fascismo argentino? Analizando el discurso de la prensa nacionalista radicalizada**. (Artigo). Espaço Plural, Ano VIII, nº 16, 1º Semestre de 2007.

CATERINA, Luis María. **La Liga Patriótica Argentina – Un grupo de presión frente a las convulsiones sociales de la década del ‘20**. Ediciones Corregidor, Buenos Aires, 1995.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (Orgs.). **História do Cone Sul**. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CIRIA, Alberto. **Partidos y Poder en la Argentina Moderna (1930-1946)**. Hyspamerica, Buenos Aires, 1975.

CORSI, Francisco Luiz. **Política econômica e política externa: uma análise comparativa do Brasil e da Argentina (1930-1945)**. UFRGS, 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/PPGE/pcientifica/2012_07.pdf>.

CRUZ, Natália dos Reis. **O Integralismo e a Questão Racial. A intolerância como princípio**. Tese (Doutorado em História UFF). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

DEUTSCH, Sandra McGee. **Contrarrevolución en la Argentina – 1900-1932: La Liga Patriótica Argentina**. 1ª ed. – Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

DEVOTO, Fernando. **Historia de la inmigración en la Argentina**. 1ª Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DICKMANN, Enrique. **La infiltración nazi-fascista en la Argentina**. Ediciones Sociales Argentinas, Buenos Aires, 1939.

ECHEVERRÍA, Olga. “¿Las cosas por su nombre? Preguntas sobre la propensión a llamar “nacionalismo” a la derecha argentina de la década de 1920”, en Ernesto Bohoslavsky (comp.) *Las derechas en el Cono Sur, siglo XX. Actas del Taller de Discusión*, Universidad Nacional de General Sarmiento, Los Polvorines, 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª ed., São Paulo, Editora Edusp, 2007.

FINCHELSTEIN, Federico. **Fascismo trasatlántico – Ideología, violencia y sacralidad en Argentina y en Italia, 1919-1945**. 1ª Ed. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010.

_____. **Fascismo, liturgia e imaginario – El mito del general Uriburu y la Argentina nacionalista**. Editora Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2002.

GHIO, José María. *La Iglesia Católica en la política argentina*. 1ª Ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

GORTÁZAR, Ignacio Olabárrri. **Qué historia comparada**. Studia Historic A-Historia Contemporánea, Vol. X-XI (1992-93) pp. 33-75.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **La Argentina y la tormenta del mundo**. 1ª ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

HOBBSBAWM, Eric J. E. **Era dos Extremos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1790**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

IBARGUREN, Federico. **Orígenes del nacionalismo argentino, 1927-1937**. Buenos Aires, Celcius, 1969.

KAHAN, Emmanuel Nicolás. **El nacionalismo autoritário argentino. Discursos, enemigos y liturgia**. Estudios actuales en el campo historiográfico argentino. (Artigo). Sociohistórica, nº13-14, 2003.

NASCIMBENE, Mario C. **Historia de los italianos en la Argentina**. Ed. CEMLA, Buenos Aires, 1966.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História PUC - RS). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OSPITAL, María Silvia. **Inmigración y nacionalismo: la Liga Patriótica y la Asociación del Trabajo (1910-1930)**. Centro Editor de America Latina, 1994.

PARADA, Maurício (Org.). **Fascismos: conceitos e experiências**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2008.

PASCHOALETTO, Murilo Antônio. **O Integralismo e o Mundo: Uma análise das percepções internacionais do Integralismo a partir do jornal A Offensiva (1934-1937)**.

2012. Dissertação (Mestrado em História UEM) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

PRISLEI, Leticia. **Voluntad de Creer y Organizar: Ideas, Creencias y Redes Fascistas en la Argentina de Los '30 Tempranos** - (UNCOMA / UBA), 2003. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/154641503/Fascismo-1>>.

_____. **Los orígenes del fascismo argentino**. 1ªed, Buenos Aires,Edhasa, 2008.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

PAZ, Alberto Conil; FERRARI, Gustavo. **Política Exterior Argentina (1930-1962)**. Circulo Militar, Buenos Aires, 1971.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª Ed. São Paulo, Contexto, 2006.

PUIGGRÓS, Rodolfo. **La democracia fraudulenta: historia crítica de los partidos políticos argentinos IV**. 1ª Ed. Buenos Aires: Galerna, 2006.

ROGGERO, Franco Savarino; BERTONHA, João Fábio (Orgs.). **El fascismo en Brasil y América Latina. Ecos europeos y desarrollos autóctonos**. México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve historia contemporánea de la Argentina**. 2ª ed. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2008.

ROMERO, José Luis. **El pensamiento político de la derecha latinoamericana**. Buenos Aires, Paidós, 1970.

RUBINZAL, Mariela. **El nacionalismo frente a la cuestión social en Argentina (1930-1943): discursos, representaciones y prácticas de las derechas sobre el mundo del trabajo**. 2012. Tese (Doutorado em História ANLP). Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 2012.

_____. **Los conflictos obreros en la prensa nacionalista: itinerarios de un acercamiento ambiguo al mundo del trabajo (1935-1943)**. (Artigo). Papeles de trabajo. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. ISSN: 1851-2577. Año 2, nº 3, Buenos Aires, junio de 2008.

SALGADO, Plínio. Manifesto de 7 de Outubro de 1932, 1932. In: **A Offensiva**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 512, p. 2, 13 jun 1937.

SCARZANELLA, Eugenia (compiladora). **Fascistas en América del Sur**. 1ª Ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SEBASTIANI, Marcela García (Ed.). **Fascismo y antifascismo, Peronismo y antiperonismo: conflictos políticos e ideológicos en la Argentina (1930-1955)**. Iberoamericana, Madrid, 2006.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. **O negro e a Nação Integral por meio das páginas do periódico "A Offensiva"**. 2011. Dissertação (Mestrado em História UEM) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Os Fascismos**. In: O Século XX. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SPEKTOROWSKI, Alberto. **Argentina 1930-1940: nacionalismo integral, justicia social y clase obrera**. E.I.A.L., 1991. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/II_1/spektorowski.htm>.

_____. **The origins of Argentina's Revolution**. University of Notre dame Press, Texas, 2007.

TRINDADE, Helgio. **Integralismo - o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1979.

_____. **O Nazi-fascismo na América Latina: Mito e realidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE TUCUMAN. **La inmigración e la Argentina**. Facultad de Filosofía y Letras, 1979.

WEINSTEIN, Barbara. **Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional**. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.14, p. 13-29, jan./jun. 2013 (Artigo).

FONTES

BANDERA ARGENTINA, Buenos Aires (1934-1939); CRISOL, Buenos Aires (1932-1938); LA FRONDA, Buenos Aires (1937) – Buenos Aires – Biblioteca Nacional da Argentina.

JORNAL A OFFENSIVA, números 1 a 748, Rio de Janeiro, 1934-1938 – Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).